

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

Juliana Rossa

**REPRESENTAÇÕES DE REGIONALIDADES E IDENTIDADES EM BLOGS DE
BRASILEIROS RESIDENTES NA ITÁLIA**

Caxias do Sul – RS

2010

Juliana Rossa

**REPRESENTAÇÕES DE REGIONALIDADES E IDENTIDADES EM BLOGS DE
BRASILEIROS RESIDENTES NA ITÁLIA**

Dissertação apresentada à Universidade de
Caxias do Sul como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Letras,
Cultura e Regionalidade.

Orientador: Prof. Dr. Rafael José dos Santos

Caxias do Sul – RS

2010

Agradecimentos

Agradeço profundamente aos meus pais, Cecilia e Luiz Rossa, pelo incentivo em todas as etapas de estudos da minha vida.

Agradeço ao meu marido, Marcos Mantovani, por ter sempre uma palavra amiga na hora do cansaço, por sempre me dar força para ir mais longe e por ter cuidado de nós dois com esforço dobrado durante o período que estive ocupada com o mestrado.

Agradeço aos meus colegas e amigos, em especial, Tríssia, Tales, Daiane e Tere, que estiveram sempre presentes, mesmo que virtualmente.

Agradeço a todos os blogueiros que participaram da pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Rafael José dos Santos, pelo apoio recebido desde a entrevista de seleção para o mestrado. Agradeço pela confiança depositada em mim, pelas sábias orientações, inclusive via MSN, e por ter a mente sempre aberta para o novo.

Agradeço aos professores que participaram da banca de avaliação desta dissertação:

Dra. Nilda Aparecida Jacks, Dra. Liliane Stanisçuaski Guterres e Dr. José Clemente Pozenato. Agradeço pelas importantes contribuições que foram incorporadas na versão final deste trabalho.

Agradeço a Deus e aos meus santos protetores por todas as bênçãos, em especial, por mais este objetivo alcançado.

*“Eu gosto de ter sangue italiano,
mas dou graças a Deus por ser brasileiro.”*

Rodrigo Lorenzon¹

¹Descendente de imigrantes italianos, natural de Garibaldi, que hoje vive na Itália. Trecho de entrevista para o jornal O Caxiense, de 26/12/2009.

RESUMO

Esta pesquisa compreende o ciberespaço como um elemento de territorialização no cenário dos novos fluxos migratórios globais, focalizando, em especial, os usos que brasileiros residentes na Itália fazem dos blogs. Recorre-se à abordagem interpretativa, através da netnografia, para pensar as representações de regionalidade e identidade assumidas pelos sujeitos no espaço virtual.

Palavras-chave: regionalidade, identidade, blog, netnografia, imigrações.

SINTESI

Questa ricerca comprende il cibernazio come un elemento di territorializzazione nello scenario dei nuovi flussi migratori globali, concentrandosi, in particolare, negli usi che i brasiliani residenti in Italia fanno dei blog. Si ricorre all'approccio interpretativo, attraverso la netnografia, per pensare le rappresentazioni di regionalità e identità assunte per gli individui nello spazio virtuale.

Parole chiave: regionalità, identità, blog, netnografia, immigrazioni.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 01 - Capa do site <i>Estado do imigrante</i>	55
Figura 02 - Blog <i>Cocanha Hoje</i> , criado como ferramenta para auxiliar na pesquisa.....	97
Figura 03 - Representação de brasilidade no blog <i>Brasil na Itália</i>	116
Figura 04 - Representação da culinária nordestina no blog <i>Capuccino e Cornetto</i>	119
Figura 05 - <i>Post</i> sobre a <i>Fontana di Trevi</i> , em Roma, no blog <i>Dentro da Bota</i>	124
Figura 06 - <i>Post</i> sobre a neve em Piacenza-EM, no blog <i>Carta da Itália</i>	124
Figura 07 - <i>Post</i> sobre a catedral de Milão, no blog <i>Tempo Libero</i>	125

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	12
1 DA ITÁLIA E PARA A ITÁLIA	16
1.1 A vinda dos imigrantes italianos para o Brasil	16
1.2 Novos fluxos migratórios	18
1.3 A globalização	19
1.3.1 Globalização e mobilidade espacial: efeitos culturais e identitários	24
1.4 Fatores motivadores e características dos novos fluxos migratórios.....	31
1.5 Os brasileiros na Itália	37
1.6 Reflexões sobre identidade étnica e nacional	40
2 CIBERESPAÇO E O UNIVERSO DOS BLOGS	46
2.1 O ciberespaço	46
2.1.1 Desterritorializações e reterritorializações	50
2.1.2 Hipertexto: um conjunto de nós na rede	55
2.1.3 A interação na Comunicação Mediada por Computador (CMC).....	66
2.2 O universo dos blogs	68
2.2.1 Comunidades virtuais	69
2.2.2 Blogs: história, definição e características	73
2.2.3 O público, o privado e o outro	82
3 METODOLOGIA DE TRABALHO	92
3.1 Etnografia: uma descrição densa	92
3.2 Netnografia	94
3.3 Sobre o grupo pesquisado.....	96
3.4 Desafios encontrados	98
4 BLOGS COMO REPRESENTAÇÕES DE NOVAS REGIONALIDADES (CIBER-REGIONALIDADES) E IDENTIDADES (CIBERIDENTIDADES).....	100
4.1 Representações de regionalidades (<i>ciber-regionalidades</i>) nos blogs.....	100
4.1.1 Relatos de regionalidades nos blogs	106
4.2 Representações de identidades (<i>ciberidentidades</i>) nos blogs.....	113
4.2.1 Narrativas de identidades nos blogs	115
4.2.1.1 Narrativas de brasilidade e diferença.....	115
4.2.1.2 Narrativas de italianidade	125

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS	136
ANEXOS	142

APRESENTAÇÃO

Permito-me o uso da primeira pessoa nesta apresentação, pois acredito que seja importante relatar alguns fatos pessoais ligados a esta pesquisa, que podem auxiliar no entendimento das questões trabalhadas aqui.

A ideia surgiu depois de um período de quase dois anos residindo na Itália. Tendo nascido em Caxias do Sul, cidade que exala italianidade, e por ser também descendente de imigrantes italianos, devo confessar que senti certo desapontamento ao perceber que a minha idealização estava um pouco distante do esperado. É claro que eu sabia - por meio de relatos, por leituras e pela mídia -, como estava a situação dos imigrantes na Itália, mas, mesmo assim, esperava não sentir-me tão estranha por lá. Hoje, consigo perceber que o significado dessa percepção vai além: são as conseqüências do contato com o *diferente*.

Foi impossível não relacionar essa experiência com uma leitura que eu tinha feito há algum tempo: o romance *A Cocanha*, de José Clemente Pozenato, que relata a vinda de um grupo de camponeses italianos da região do Vêneto para o Brasil, com o sonho de “fazer a América”. Transcrevo aqui um trecho em que o personagem Aurélio fala desse sonho:

Como seria a América? As canções diziam que era o paraíso. Viu à sua frente um enorme campo de flores que subia pelas encostas, margeava as estradas e cobria até a torre da igreja. Ele andava a cavalo no meio delas, com uma espingarda no ombro e, de repente, encontrava Rosa, de vestido vermelho, uma linda dama, deitada na relva, sorrindo, chamando por ele. Ele descia do cavalo e deitava ao lado dela. Podia sentir no pescoço a sua respiração quente, como de febre. “Toda esta terra é nossa”, ela dizia, “vamos ter aqui muitos filhos.”²

O romance ajudou a perceber qual é a tônica da imigração: a partida para algo positivo. Fiquei pensando em como era interessante, hoje, os descendentes desses imigrantes partirem para a terra dos antepassados.

² POZENATO, José Clemente. *A cocanha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000, p. 20-21.

No século XIX, a partida era praticamente um adeus definitivo. Algumas poucas cartas foram trocadas. Hoje, os novos fluxos migratórios inauguraram uma nova forma de manter-se ligados à terra de origem: a internet.

Lendo blogs de imigrantes brasileiros na Itália, pude perceber como essa ferramenta é importante na criação de novas territorialidades. Analisar como isso ocorre foi o propósito de pesquisa que escolhi, relacionado a questões de regionalidade e identidade, e após algumas reformulações do projeto inicial no decorrer do curso.

Terminadas as disciplinas do mestrado, surgiu uma nova oportunidade de voltar para a Itália. A maior parte desta dissertação foi escrita lá, orientada virtualmente pelo professor Rafael. Acredito que toda a experiência que tive como imigrante e, também, como usuário dos meios digitais de comunicação auxiliou no resultado final desta pesquisa.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é demonstrar que, em um cenário mundial marcado por desterritorializações (de pessoas, de capitais, de poderes), encontramos no ambiente virtual, ele mesmo desterritorializante, novas formas de territorialidade. Tratando especificamente de blogs, propomos que seja possível identificar na ferramenta um meio de representações de regionalidades e identidades. Nesta pesquisa, trabalhamos essas representações nos *blogs de brasileiros residentes na Itália, descendentes e não descendentes de imigrantes italianos*.

Esta proposta é rica em desdobramentos, uma vez que implica olhar desde as migrações colonizadoras do século XIX, até os fluxos migratórios contemporâneos, relacionando-os ao que temos de mais atual no campo das tecnologias de comunicação e informação.

Porém, antes de entrarmos especificamente nas questões inseridas nesse leque de desdobramentos, precisamos esclarecer uma mudança que fizemos em relação ao plano original desta pesquisa. A princípio, a nossa intenção era trabalhar somente com blogs de brasileiros *descendentes de imigrantes italianos* residentes na Itália. No entanto, com o decorrer das observações, percebemos que seria interessante ampliarmos o grupo pesquisado também com blogs de brasileiros *não descendentes* de imigrantes italianos. Essa escolha ocorreu porque, já nas análises iniciais, não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos, conforme veremos na sequência do trabalho. O que encontramos de mais evidente na comparação de um grupo com outro foram algumas questões relacionadas à italianidade.

No entanto, em todas as ocorrências em que os dois grupos são trabalhados em conjunto acrescentamos uma notificação, através de nota de rodapé, para que o leitor saiba de que grupo de blogs o conteúdo foi retirado. Blogs de brasileiros descendentes de imigrantes italianos são identificados como **DI** e blogs de não descendentes de imigrantes como **ND**.

Acreditamos que estudos na área de cultura, mais do que em outras áreas, permitem e pedem que as pesquisas sejam feitas de acordo com aquilo que é encontrado na prática. Segundo Geertz, a análise cultural:

... é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não está encarando de maneira correta.³

Pelo menos funciona assim, de acordo com o autor, quando o conceito de cultura é semiótico. Seria mais cômodo trabalhar somente com o grupo de descendentes. Mas, por outro lado, perderíamos evidências do contexto em que estão inseridos esses blogs. Eles fazem parte de algo muito maior: integram um grupo de blogs de brasileiros que residem fora do Brasil, ou, pensando mais longe, de pessoas que atualmente não vivem no território em que nasceram.

A parte conceitual e histórica deste trabalho inicia com um percurso que denominamos “Da Itália e para a Itália”. O capítulo 1 compreende a vinda dos imigrantes italianos para o Brasil, a globalização e os novos fluxos migratórios, até a emigração de brasileiros para a Itália nos dias de hoje. Inserimos, também, uma discussão sobre identidade étnica e nacional, e uma reflexão sobre como as identidades refletem as mudanças sociais.

No capítulo 2, “Ciberespaço e o universo dos blogs” construímos um referencial teórico para que pudéssemos perceber de que forma as novas tecnologias informáticas estão influenciando nossa vida. Procuramos autores que nos ajudaram a entender que espaço novo era esse, através das suas características de desterritorialização e reterritorialização, dos nós hipertextuais e da interatividade. Da mesma maneira, procuramos construir uma base teórica sobre os blogs, por meio de literatura especializada, principalmente com base em novas produções de pesquisadores brasileiros.

A metodologia aplicada neste trabalho é apresentada no capítulo 3. Entendemos que o ciberespaço, como um ambiente que maximiza as possibilidades de interação social, tem na Antropologia uma ciência fundamental para seu estudo. Utilizamos a etnografia, metodologia de pesquisa de campo antropológica, para analisar os blogs. O método etnográfico adaptado ao ciberespaço foi denominado por alguns autores “netnografia”.

Entendemos que o uso da etnografia no ambiente virtual é muito importante, porque permite a imersão do pesquisador no campo de estudos de forma transparente. No nosso caso,

³ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1.ed., 13.reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 20.

criamos uma rotina de visitas em blogs, inclusive com comentários, o que contribuiu para a interação com o grupo pesquisado. Além disso, criamos um blog, o *Cocanha Hoje* (www.cocanhahoje.blogspot.com.br), que serviu como meio de legitimação em relação aos blogueiros do grupo analisado, além de ter sido útil como arquivo de *links*.

Aplicamos as teorias de análise cultural de Geertz (2008), que entende a cultura como um texto que deve ser interpretado através da “descrição densa”. Uma descrição densa não quer dizer trabalhar incansavelmente com o intuito de esgotar todos os sentidos. Significa realizar uma interpretação livre de estruturas fechadas, mas rica em sentidos. No entanto, justamente por esta pesquisa ser baseada em interpretações pessoais das transcrições de conteúdo dos blogs é que ela se mantém aberta a novas impressões e contribuições.

O capítulo 4 é a parte do trabalho reservada para o desenvolvimento da nossa proposta: analisar as “representações de regionalidades e identidades nos blogs de brasileiros residentes na Itália”.

Este trabalho enquadra-se na linha de pesquisa “Processos culturais e regionalidade”, do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul. Depois de oito anos do programa, esta é a primeira dissertação voltada para o ambiente virtual. Salientamos que é uma sugestão de percurso, que se mantém inacabado e aberto a novas contribuições. A intenção é abrir um debate para que possamos discutir novas formas de pensar identidades culturais e a regionalidade.

Depois de um breve levantamento teórico sobre regionalidade, propomos um novo olhar sobre o termo no ambiente virtual, especialmente nos blogs. Para isso, através de postagens retiradas dos blogs tanto de brasileiros descendentes como de não descendentes de italianos, apresentamos o que Rafael José dos Santos chamou de *relatos de regionalidade*⁴, numa relação com as práticas de espaço de Michel de Certeau⁵. Acreditamos que os blogs criam novas formas de regionalidade (ou *ciber-regionalidade*), enquanto pontos de territorialidade e de interação social no ciberespaço.

Quanto às representações de identidades, procuramos compreender de que maneira elas ocorrem no ciberespaço e nos blogs. Essas representações foram denominadas por nós de

⁴ SANTOS, Rafael José dos. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. *Revista Antares*. Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade. Universidade de Caxias do Sul. N. 2, Jul-Dez 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/posgraduacao/strictosensu/letras/revista/revista>. Acesso em: 05 Abr 2010.

⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

narrativas de identidades, entendendo a identidade como um constructo, segundo a concepção de Stuart Hall⁶.

Em relação aos blogs de brasileiros na Itália, trabalhamos de duas maneiras: através de *narrativas de brasilidade e diferença* e através das *narrativas de italianidade*. No primeiro caso, foi utilizado conteúdo de blogs de brasileiros descendentes e de não-descendentes. No segundo, somente blogs de descendentes de imigrantes italianos residentes na Itália.

Através dessa construção, apresentamos a nossa interpretação, também relacionada com a teoria apresentada nos dois primeiros capítulos. Queremos apontar situações e seus sentidos sem, no entanto, cair em generalizações.

⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

1 DA ITÁLIA E PARA A ITÁLIA

*“Se os imigrantes inquietam tanto
(e muitas vezes de maneira tão abstrata) as pessoas instaladas,
talvez seja, em primeiro lugar,
porque eles lhes demonstram a relatividade das certezas inscritas no solo:
é o emigrante que os inquieta e fascina, ao mesmo tempo, no personagem do imigrante.”*

Marc Augé, 2008, p. 109

O objetivo deste capítulo inicial é compor um cenário, uma espécie de linha do tempo que compreende cerca de 135 anos, com foco em alguns pontos relevantes para esta pesquisa: a imigração colonizadora italiana no Brasil, o processo de globalização, os novos fluxos migratórios, a emigração contemporânea dos brasileiros para a Itália - descendentes de italianos ou não-, além de questões de identidade étnica e nacional.

1.1 A vinda dos imigrantes italianos para o Brasil

A busca por ascensão, por uma vida melhor, motivou no passado e continua a motivar hoje ondas de migrações pelo mundo. O Brasil, principalmente entre os séculos XIX e início do século XX, recebeu milhões de imigrantes europeus. Da Itália, foram pelo menos 1.500.000 imigrantes, de acordo com o relatório Caritas/Migrantes.⁷

A imigração italiana está inserida em um contexto amplo de transformações ocorridas na Europa a partir do século XIX. Após a Revolução Industrial, o capitalismo trouxe

⁷ CARITAS/MIGRANTES. *A evolução da presença brasileira na Itália. Relatório sobre a imigração brasileira.* Roma. 2008, p. 4. (Caritas é um órgão da Igreja Católica que se ocupa de questões humanitárias).

mudanças consideráveis nas esferas sociais e econômicas daquela realidade. Em meados de 1873, ocorreu na Europa o período que ficou conhecido como a “Grande Depressão”. Foi um divisor de águas entre os dois estágios do capitalismo: o vigoroso, próspero, cheio de otimismo do início e o posterior, mais hesitante, dando mostras de decadência. Foi um momento de modificações fundamentais, “... um período de crise econômica em preparação, no sentido de um conflito agudo entre o crescimento do poder produtivo e o da lucratividade dos negócios.”⁸

Ocorreu um aumento do custo de mão-de-obra, em níveis mais elevados do que o da matéria prima, tendo como consequência a falência de muitas empresas. De acordo com Giron:

A expansão do capitalismo europeu após o início da Revolução Industrial, (...) elucidada a concentração da produção e a expansão desta, determinada pela abundância da mão-de-obra, fruto da explosão demográfica ocorrida no século XVII. A vinculação do crescimento da produção ao da oferta de mão-de-obra é significativo, pois, quando o crescimento desta se estabiliza e se organiza, através dos movimentos sindicais, a solução será a expansão em direção aos mercados coloniais. Estes sofrerão modificações estruturais para se tornarem eficientes fornecedores não só de matéria prima, como também de mercados consumidores.⁹

A Itália, inserida neste contexto, também apresentava um quadro de decadência. A instabilidade dava-se também na esfera política. Durante o século XIX, o país passou por uma série de revoluções até alcançar a atual demarcação final do território. Durante várias décadas, houve constante troca de domínio entre França e Áustria, além de conflitos entre as próprias regiões italianas. Em 1870, durante a guerra franco-prussiana, os exércitos italianos tomaram Roma, que tornou-se a capital do Reino da Itália.¹⁰

Após a unificação, a Itália “continuava sendo um país agrário, regido por relações sociais muito atrasadas que freavam o seu desenvolvimento econômico e condenavam as massas populares à miséria e fome.”¹¹ Havia carências, como de minérios e petróleo, e um excesso de população. No norte, os agricultores trabalhavam em pequenas propriedades, muitas vezes em terras arrendadas e, ainda, com a obrigação de pagamento de altos impostos.

Os camponeses empobreciam-se e se proletarizavam. O débil desenvolvimento da indústria de transformação não permitia a absorção de todo excedente da mão-de-obra

⁸ DOBB, Maurice Herbert. *A evolução do capitalismo*. 9.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987, p. 301.

⁹ GIRON, Loraine Slomp. A Imigração Italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, José Hildebrando (Org.). *RS: imigração & colonização*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 48-49.

¹⁰ EFIMOV, N. *História moderna: da Santa Aliança 1815 até às vésperas da revolução de 1870*. [S.l.]: Centro do Livro Brasileiro, [19--], p. 205-211.

¹¹ JOSTOV, V. M.; ZUBOK, L. I. *História contemporânea*. Lisboa-Porto, Centro do Livro Brasileiro, [19--], p. 101.

camponesa. Os agricultores italianos desocupados abandonavam em massa a pátria, dirigindo-se para a França, a Tunísia, as Américas do Norte e do Sul, à procura de trabalho. O número anual de pessoas que emigravam da Itália, no período anterior à Primeira Guerra Mundial, passava de meio milhão. Em 1881, os italianos residente no estrangeiro somavam um milhão de pessoas, enquanto que em 1910 chegavam já a 5,5 milhões.¹²

Se na Itália a situação era favorável à emigração, no Brasil a situação era inversa. Aqui, o processo teve seu início, em grande parte, com a abolição da escravatura. A mão-de-obra dos escravos precisava de substituição.

Os imigrantes vindos da Itália se instalaram em diversos estados brasileiros, mas principalmente na região sul e no Estado de São Paulo. No sul, durante o período colonial, era preciso “garantir a posse do território (...) defendendo a região dos espanhóis e 'protegendo' dos ataques indígenas o caminho que as tropas com a produção do Sul deveriam fazer para chegar até São Paulo.”¹³ Conforme Giron, no Rio Grande do Sul, em especial, o cenário estava propício para a imigração, já que, depois de um período de prosperidade no início do século XIX, passou à decadência, agravada, principalmente, pelas revoluções e pela venda de escravos para regiões cafeeiras. Era preciso, então, mão-de-obra de fora do país para o desenvolvimento da província. Os imigrantes italianos foram instalados em terras devolutas do Império¹⁴

Em São Paulo, a maioria das famílias vindas da Itália, inicialmente, foi empregada nas plantações de café, pois era preciso substituir imediatamente o trabalho escravo. Aos poucos, os imigrantes tornaram-se proprietários de terras. Muitos ocuparam os centros das cidades, desenvolvendo atividades no setor de serviços.¹⁵

As imigrações com intuito de colonização, como a de imigrantes italianos que ocuparam diferentes países, fazem parte do passado. O que se percebe nos últimos anos é um novo processo ligado, em grande parte, a fatores econômicos. São consequências da globalização, que estão intimamente ligadas às migrações internacionais.

1.2 Novos fluxos migratórios

Percebe-se, na atualidade, o desenvolvimento acentuado das migrações internacionais, como a de brasileiros que partem para Itália. Entendemos que esse é um processo intimamente

¹² *Idem*, p. 101-102.

¹³ SANTOS, Regina Beca. *Migração no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1994, p. 8.

¹⁴ GIRON, L. S. *Op. cit.*, 1992, p. 60.

¹⁵ CENNI, Franco. *Italianos no Brasil: "andiamo in 'Merica ..."*. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 230.

ligado à globalização. Por isso, antes de falarmos especificamente das questões de mobilidade espacial de transposição de fronteiras nacionais, vamos nos deter às características do mundo globalizado.

1.3 A globalização

O processo de globalização exige um estudo indisciplinar. Mais do que um termo que está “na boca de todos”, é um conceito que se mantém aberto. Muitos teóricos já estudaram e continuam estudando o tema. Os primeiros trabalhos sobre o assunto, por parte dos sociólogos, aconteceram, segundo Roland Robertson, durante a década de 1960. O “mundo como um todo” foi empreendido, sobretudo, em termos da ideia da sociologia das relações internacionais.”¹⁶

Para o autor, o fenômeno que está sendo chamado de globalização pode ser melhor interpretado como “aquilo que indica o problema da *forma* como o mundo se torna 'unido', porém, de modo algum, integrado de forma funcional simplista.”¹⁷ Em outras palavras, é um conceito amplo para uma questão de ordem mundial, de um fenômeno que requer nitidamente um tratamento sob o olhar de muitas disciplinas.

Robertson aponta que alguns autores falam que o “mundo-como-um-todo” poderia ter se tornado realidade em outros períodos da história. O mundo poderia ter se tornado globalizado,

(...) pela hegemonia imperial de uma única nação ou de uma “grande aliança” entre duas ou mais dinastias ou nações; pela vitória do “proletariado universal”; pelo triunfo global de uma forma particular de religião organizada; pela cristalização do “espírito mundial”; pela concessão do nacionalismo ao ideal do 'livre comércio'; pelo êxito do movimento federalista mundial; ou, ainda, por outros meios.¹⁸

O autor afirma que é preciso reconhecer que esses fatores, alguns deles tão antigos quanto a humanidade, contribuíram para a existência do mundo globalizado do século XX. Vários acontecimentos ao longo da história podem ser considerados como uma mini-

¹⁶ ROBERTSON, Roland. Mapeamento da condição global: globalização como conceito central. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). *Cultura Global – nacionalismo, globalização e modernidade*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 26.

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ *Ibidem*, p. 29.

globalização, “(...) já que a formação do império histórico envolveu a unificação de territórios e entidades sociais previamente confiscados.”¹⁹

Para Stuart Hall, a globalização não é um fenômeno novo. As primeiras formas do processo ocorreram com as primeiras colonizações europeias. Porém, o autor diz que a partir dos anos 70 do século passado, a globalização assumiu novas formas e se intensificou. A globalização contemporânea:

É associada ao surgimento de novos mercados financeiros desregulamentados, ao capital global e aos fluxos de moeda grandes o suficiente para desestabilizar as economias médias, às formas transnacionais de produção e consumo, ao crescimento exponencial de novas indústrias culturais impulsionado pelas tecnologias de informação, bem como ao aparecimento da “economia do conhecimento”.²⁰

Essa fase é marcada pela compressão do espaço-tempo, pelo desarraigamento irregular das relações sociais e por processos de destradicionalização. Essas características, segundo Hall, não ficam restritas às sociedades em desenvolvimento, mas também às sociedades “avançadas” que não podem mais evitar esses efeitos.²¹

Segundo Néstor García Canclini, existe uma discrepância em relação à data em que a globalização teria iniciado, devido aos diferentes modos de defini-la.

Vários autores a localizam no século XVI, no início da expansão capitalista e da modernidade ocidental. Outros datam a origem em meados do século XX, quando as inovações tecnológicas e comunicacionais articulam os mercados em escala mundial. Essa conjunção de mudanças tecnológicas e mercantis só ganha contornos globais quando se estabelecem mercados planetários nas comunicações e na circulação do dinheiro, e se consolida com o desaparecimento da URSS e o esgotamento da divisão bipolar do mundo.²²

Para Garcia Canclini, os teóricos que trabalham com uma origem mais remota da globalização privilegiam o aspecto econômico. Já os que caracterizam como um processo recente, entendem a globalização segundo suas dimensões políticas, culturais e comunicacionais. Ele afirma que, se ainda não existe uma teoria unitária sobre a globalização, é porque a fragmentação é um traço estrutural dos processos globalizadores. A globalização, de acordo com o autor, é um conjunto de processos de homogeneização e fragmentação ao mesmo tempo, reordenando diferenças e desigualdades.²³

A tendência maior entre os teóricos é em situar a globalização na segunda metade do século XX. Conforme Garcia Canclini, isso ocorre por dois importantes fatores: a

¹⁹ *Ibidem*, p. 29-30.

²⁰ HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 56.

²¹ *Idem*.

²² GARCÍA CANCLINI, Néstor. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003b, p. 41.

²³ *Idem*, p. 44-45.

internacionalização e a *transnacionalização*. “A *internacionalização* da economia e da cultura tem início com as navegações transoceânicas, a abertura comercial das sociedades européias para o Extremo Oriente e a América Latina e a conseguinte colonização.”²⁴ Nesse sentido, a visão que se tem de outras sociedades é concebida a partir de uma visão particular que se tem delas. Já a *transnacionalização* é um processo formado mediante a internacionalização da economia e da cultura, mas que a supera: “dá alguns passos além a partir da primeira metade do século XX, ao gerar organismos, empresas e movimentos cujas sedes não se encontram exclusiva nem predominantemente numa nação.”²⁵ O autor cita exemplos de empresas como a *Philips*, *Ford* e *Peugeot*, que instalam-se em diferentes países com uma independência considerável em relação aos Estados e às populações locais. Nesse movimento, as interconexões trazem ainda a marca das nações de origem.

A internacionalização e a transnacionalização foram processos anteriores, sobre os quais:

(...) a globalização foi se preparando por meio de uma intensificação das dependências recíprocas, do crescimento e da aceleração de redes econômicas e culturais que operam em escala mundial e sobre uma base mundial. Mas foram necessários os satélites e o desenvolvimento de sistemas de informação, manufatura e processamento de bens com recursos eletrônicos, o transporte aéreo, os trens de alta velocidade e os serviços distribuídos em nível planetário para que se construísse um mercado mundial onde o dinheiro e a produção de bens e mensagens se desterritorializassem, as fronteiras geográficas se tornassem porosas e as alfândegas fossem muitas vezes inoperantes. Ocorre nesse momento uma interação mais complexa e interdependente entre focos dispersos de produção, circulação e consumo.²⁶

Roland Robertson realizou, de forma resumida, uma análise e interpretação sistemática da globalização ao longo da história. O autor dividiu em fases o caminho da globalização:

Fase I: a fase embrionária. Aconteceu na Europa, a partir do século XV, até metade do século XVIII. Foi o período em que houve crescimento das comunidades nacionais e o declínio do sistema “transnacional” medieval, acentuação dos conceitos de indivíduo e humanidade, criação da teoria heliocêntrica do mundo e o começo da geografia moderna.²⁷

Fase II: a fase incipiente. Ocorreu da metade do século XVIII até a década de 1870, principalmente na Europa, quando houve uma brusca mudança em relação à ideia do estado unitário homogêneo. Aconteceu a cristalização de conceitos de relações internacionais

²⁴ *Ibidem*, p. 42.

²⁵ *Ibidem*, p. 42.

²⁶ *Ibidem*, p. 42.

²⁷ ROBERTSON, R. *Op. cit.*, 1999, p. 34.

(através da problematização em torno do nacionalismo-internacionalismo), os indivíduos foram padronizados como cidadãos e surgiu um conceito mais concreto de humanidade.²⁸

Fase III: a fase da decolagem. Prolongou-se da década de 1870 até a metade da década de 1920. Houve o surgimento de conceitos globais de um “perfil correto” de uma sociedade nacional dita “aceitável”, além da formalização internacional (com a inclusão de algumas sociedades não-européias na “sociedade internacional”) e a tentativa de implementação de ideias relacionadas à humanidade. Ocorreu um aumento considerável nas formas globais de comunicação. Também tiveram início, neste período, competições internacionais como o Prêmio Nobel e as Olimpíadas. Foi, ainda, o período da Primeira Guerra Mundial e da criação da Liga das Nações.²⁹

Fase IV: a fase da luta-pela-hegemonia. Estendeu-se desde o começo da década de 1920 até a primeira metade de 1960. Foi o período em que houve conflitos internacionais em nível global em torno das formas de vida, o Holocausto e a bomba atômica. Surgiram, ainda, as Nações Unidas.³⁰

Fase V: a fase da incerteza. Teve início na década de 1960 e manifestou tendências para a crise no começo da década de 1990. É um período de múltiplos acontecimentos em diferentes áreas, como a inclusão do Terceiro Mundo na consciência global, a descida do homem na Lua, o fim da Guerra Fria e a difusão de armas nucleares. Ocorreu o aumento do número de instituições e movimentos globais, entre outros acontecimentos:

As sociedades enfrentam cada vez mais problemas de multinacionalidade e de politecnidade. Conceitos de indivíduos se tornam cada vez mais complexos em relação ao gênero e às considerações étnicas e raciais. Direitos civis. Sistema internacional mais fluído – fim da bipolaridade. (...) Interesse da sociedade civil mundial e na cidadania mundial. Consolidação do sistema global da mídia.³¹

Para Octavio Ianni, a globalização enquadrar-se-ia com maior propriedade nesta quinta fase. Conforme o autor, o início do processo de globalização iniciou com a queda da URSS e do seu emblema do mundo bipolarizado, pois as hegemonias constituídas no período pós Guerra Fria se desfizeram com a queda do Muro de Berlim, em 1989. “As noções de colonialismo, imperialismo, dependência e interdependência, assim como as de projeto

²⁸ *Idem*, p. 34-35.

²⁹ *Ibidem*, p. 35.

³⁰ *Ibidem*, p. 35.

³¹ *Ibidem*, p. 35.

nacional, via nacional, capitalismo nacional, socialismo nacional e outras, envelhecem, mudam de significado.”³² Ocorre que, a partir daí, configuram-se novas formas de poder.

Segundo Arjun Appadurai, existem disjunções entre a economia, a cultura e a política, que formam a complexidade da economia global. Ele sugere cinco dimensões do fluxo da cultura global para analisar essas disjunções: etnopanoramas, midiapanoramas, tecnopanoramas, finançopanoramas e ideopanoramas. Appadurai utiliza o termo “panorama” para indicar que são interpretações perspectivas, modeladas pelo posicionamento histórico, linguístico e político das diferentes espécies de agentes (dos estados nacionais, das multinacionais, aos grupos familiares).³³ Os panoramas são explicados da seguinte forma pelo autor:

*Etnopanoramas*³⁴: são panoramas das pessoas que constituem o mundo em transformação, formado por aqueles que transitam ou vivem fora do país onde nasceram, como os turistas, imigrantes e refugiados, por exemplo, e que afetam de alguma forma a política entre as nações.³⁵

*Tecnopanoramas*³⁶: a configuração global está intimamente ligada às diversas formas de tecnologia. Hoje, países que são sede de multinacionais influenciam países em diferentes continentes. A distribuição de tecnologias é dirigida “... por relações cada vez mais complexas entre fluxo de dinheiro, as possibilidades políticas e a disponibilidade tanto de trabalho de baixa como de alta qualidade.”³⁷

Finançopanoramas: a distribuição do capital global é um panorama misterioso, rápido e de difícil acompanhamento, já que os mercados de dinheiro, as bolsas de valores, e a especulação em *commodities* movimentam somas gigantes de dinheiro, velozmente, com implicações mínimas em pontos percentuais e em unidades de tempo. Este panorama está relacionado, em especial, com outros dois:

O ponto crítico é que o relacionamento global entre os etnopanoramas, os tecnopanoramas e os finançopanoramas é profundamente disjuntivo e profundamente imprevisível, uma vez que cada um desses panoramas está sujeito às suas próprias restrições e aos seus próprios incentivos, (...) ao mesmo tempo que cada um deles atua

³² IANNI, Octavio. *A era do globalismo*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b, p. 12.

³³ APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike (org.) *Cultura Global – nacionalismo, globalização e modernidade*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 313.

³⁴ O etnopanorama está relacionado a um dos focos da nossa pesquisa, a emigração de brasileiros para a Itália. As migrações internacionais contribuem com o contexto multicultural das sociedades, não sem antes incitarem confrontos entre imigrados e a sociedade de destino.

³⁵ APPADURAI, A. *Op. cit.*, 1999, p. 313.

³⁶ Sobre o panorama tecnológico, no segundo capítulo vamos tratar das tecnologias da comunicação e informação e as características do ciberespaço.

³⁷ APPADURAI, A. *Op. cit.*, 1999, p. 314.

como restrição e como parâmetro para os movimentos do outro. Dessa forma, até mesmo um modelo elementar de economia global deve levar em consideração o relacionamento mutável entre as perspectivas em relação à movimentação humana, fluxo tecnológico e às transferências financeiras, que podem acomodar entre si o seu relacionamento profundamente disjuntivo.³⁸

Midiopanoramas: estão relacionados à capacidade eletrônica de produzir e disseminar informações das imagens do mundo produzidas pela mídia. As platéias de todo o mundo passam a conhecer a própria mídia como um repertório complexo e entrelaçado. “As linhas que os panoramas 'realistas' e os fictícios que os espectadores veem estão embaçados, de forma que, quanto mais afastadas estão essas platéias das experiências diretas da vida das metrópoles, tanto maior a probabilidade elas têm de arquitetar 'mundos imaginários’.”³⁹

Ideopanoramas: são panoramas, na maioria das vezes, “diretamente políticos e se relacionam às ideologias dos estados e às contra-ideologias de movimentos implicitamente orientados para a tomada do poder do estado ou de parte do mesmo poder.” São panoramas que contradizem a mundividência do Iluminismo, fornecendo, no seu lugar, uma sinopse política estruturada livremente.⁴⁰

Na visão de Appadurai, “... a própria velocidade, a escala e o volume de cada um desses fluxos atualmente são tão grandes que as disjunções se tornaram fundamentais para a política da cultura global.”⁴¹ Para o autor, os cinco panoramas se inter-relacionam e criam condições para a ocorrência dos fluxos globais.

Hall alerta que o sistema global em que vivemos é global enquanto a sua esfera de operações é planetária. O autor diz que o sistema não é global, quando global significa um processo de caráter uniforme, que afeta e produz resultados igualmente a todos os lugares. “Ele continua sendo um sistema de desigualdades e instabilidades cada vez mais profundas, sobre o qual nenhuma potência (...) possui controle absoluto.”⁴² Nesse sentido, globalização não tem ligação com homogeneização.

1.3.1. Globalização e mobilidade espacial: efeitos culturais e identitários

Segundo Stuart Hall, a globalização traz um distanciamento da ideia clássica de sociedade. O espaço e o tempo ganham novas concepções, pois são representados de forma

³⁸ *Idem*, p. 314-315.

³⁹ *Ibidem*, p. 315.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 316.

⁴¹ *Ibidem*, p. 317.

⁴² HALL, S. *Op. cit.*, 2009, p. 56.

diferente, causando efeito nas identidades culturais. O autor diz que é possível, hoje, pensar na separação do espaço e do lugar. Os lugares permanecem fixos, como algo concreto, delimitado, “o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades são estritamente ligadas. (...) Entretanto, o espaço pode ser 'cruzado' num piscar de olhos – por avião a jato, por fax ou por satélite.”⁴³

A globalização também trouxe modificações na maneira como as identidades são representadas. Hall afirma que “as identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a fatos como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes. Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações 'globais' começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais.”⁴⁴

O autor diz que os fluxos culturais entre as nações e o consumismo global possibilitam identidades partilhadas, pois, à medida que sofrem influências externas, deixam de ser intactas. Ele fala de um “supermercado cultural”:

No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas.⁴⁵

Hall diz que este fenômeno é conhecido como homogeneização cultural. Ele questiona se ocorre também a homogeneização das identidades nacionais. Para responder a essa questão, apontou três qualificações ou contratendências principais:

Primeira. A homogeneização global traz a fascinação pela diferença. O global causa um novo interesse pelo local e não a substituição do mesmo. Ocorre uma nova articulação entre ambos. O autor acredita que é improvável que a globalização vá acabar com as identidades nacionais. “É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, 'novas' identificações globais e novas identificações 'locais'.”⁴⁶

Segunda. A globalização é distribuída pelo planeta de uma forma muito desigual. Existem muitas diferenças entre as regiões e, principalmente, entre os estratos das populações dentro das regiões.⁴⁷

⁴³ HALL, S. *Op. cit.*, 2005, p. 72-73.

⁴⁴ *Idem*, p. 73.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 75-76.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 78.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 78.

Terceira. A direção do fluxo global é desequilibrada, por isso não se sabe o que é afetado ou não por ela. Nesse sentido, “são ainda as imagens, os artefatos e as identidades da modernidade ocidental, produzidos pelas indústrias culturais das sociedades 'ocidentais' (incluindo o Japão) que dominam as redes globais.”⁴⁸ O autor diz que existe uma maior proliferação das escolhas de identidade no “centro” do sistema global que nas suas periferias.

A fragmentação das identidades no âmbito global ganha força através das transposições de fronteiras naturais. Stuart Hall fala do conceito de “Tradução” para nomear o processo pelo qual passam essas pessoas. “Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas.”⁴⁹ E isso gera culturas híbridas.

De acordo com Hall, hibridismo não significa indivíduos híbridos. Trata-se de um processo de tradução cultural, que está em constante desenvolvimento. O autor utiliza as palavras de Bhabha para explicar o processo:

Não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou “inerentes” de transformação. A ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a “diferença do outro” revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação.⁵⁰

Segundo Nestor Garcia Canclini, quando um sujeito troca de nação, imediatamente participa do processo de hibridação de culturas. “O fato que todo imigrante, qualquer um, arrancado da sua 'harmonia' edênica local pela globalização, é um sujeito que recebe, a um só tempo, o dom e a condenação de falar a partir de mais de um lugar.”⁵¹ Porém, quando se relacionam as estratégias globalizadoras e hibridadoras, com as experiências de intelectualidade, se percebe que a traduzibilidade entre as culturas é limitada, mas não impossível. “A globalização nos defronta à possibilidade de apreender fragmentos, nunca a totalidade, de outras culturas e refazer o que imaginávamos como próprio em interações e acordos com outros, nunca todos.”⁵²

⁴⁸ *Ibidem*, p. 79.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 88-89.

⁵⁰ BHABHA apud HALL, S. *Op. cit.*, 2009, p. 71.

⁵¹ GARCIA CANCLINI, N. *Op. cit.*, 2003b, p. 114.

⁵² *Idem*, p. 115.

Essa discussão revela aproximações e convergências. Pode até existir um tipo de rivalidade, devido à concorrência em tempos de globalização. Mas há também a solidariedade mútua entre imigrantes de diversas origens. O que leva, por exemplo, um argentino dançar valsa e um mexicano gostar de comida brasileira, entre outras possibilidades de convivência. “Mais ainda, de inventar e compartilhar recursos materiais e simbólicos. Não de dissolver as diferenças, mas de torná-las combináveis.”⁵³

No entanto, essas demonstrações que estão remodelando a geografia das etnias e das nações não têm no plano dos direitos a mesma expressão. É preciso melhorar muito o aspecto da cidadania. Segundo Garcia Canclini:

As comunidades supranacionais formadas nos movimentos migratórios, nas alianças artísticas e midiáticas foram contribuindo, na Europa, a construir uma cidadania comum e um espaço cultural europeu, com financiamentos também supranacionais e programas de colocação e intercâmbio. Essa cidadania europeia, com seu espaço cultural mais ou menos integrado, inclui apenas uma parte dos não-europeus, e milhões de 'outros' são discriminados ou expulsos.⁵⁴

Quando o processo de cidadania não acompanha a escala supranacional, fica difícil nomear o outro. Ainda mais se esse outro possui múltiplas identidades, e não pode exercer uma delas ou todas de uma só vez. “Para serem democráticas, a cultura política e a política cultural devem não apenas aceitar as diferenças, mas também criar condições para que se possa vivê-las na ambiguidade.”⁵⁵

Para Garcia Canclini, o objeto de estudo não deve ser a hibridização, e sim, os processos de hibridização. A análise desses processos interessa tanto aos setores hegemônicos quanto aos populares, que desejam apropriar-se dos benefícios da modernidade. Esses processos levam à relativização da identidade. De acordo com o autor:

A ênfase na hibridação não enclausura apenas a pretensão de estabelecer identidades 'puras' ou 'autênticas'. Além disso, põe em evidência o risco de delimitar identidades locais autocontidas ou que tentem afirmar-se como radicalmente opostas à sociedade nacional ou à globalização. Quando se define uma identidade mediante um processo de abstração de traços (língua, tradições, condutas estereotipadas), frequentemente se tende a desvincular essas práticas da história de misturas em que se formaram.⁵⁶

Os estudos sobre narrativas identitárias, que se importam com os processos de hibridização, “mostram que não é possível falar de identidades como se tratasse apenas de um

⁵³ *Ibidem*, p. 115.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 115.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 116.

⁵⁶ GARCIA CANCLINI, N. *Op. cit.*, 2003a, p. 23.

conjunto de traços fixos, nem de afirmá-las como a essência de uma etnia ou de uma nação.”⁵⁷ Até porque, segundo Garcia Canclini, existe uma seleção, por parte dos grupos hegemônicos, de elementos de diferentes épocas que formam suas identidades. O autor propõe deslocar o objeto de estudo da *identidade para a heterogeneidade e a hibridização interculturais*.

Em um mundo tão fluidamente interconectado, as dimensões identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se reestruturam em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais. As diversas formas em que os membros de cada grupo se apropriam dos repertórios heterogêneos de bens e mensagens disponíveis nos circuitos transnacionais geram novos modos de segmentação.⁵⁸

Garcia Canclini aponta que nas condições de globalização há cada vez mais razões para empregar o conceito de hibridismo e mestiçagem. Com a intensificação da interculturalidade, não há somente a junção de culturas, mas a confrontação e o diálogo. “O pensamento e as práticas mestiças são recursos para reconhecer o diferente e elaborar as tensões das diferenças. A hibridação, como processo de interseção e transações, é o que torna possível que a *multiculturalidade* evite o que tem de segregação e se converta em *interculturalidade*.”⁵⁹ O autor destaca que a hibridação tem nas *fronteiras* um contexto que condiciona formatos, estilos e contradições especiais. As fronteiras estabelecidas pelos Estados modernos se tornaram porosas. Assim, poucas culturas podem ser consideradas estáveis, com um território delimitado.

Os processos globalizadores acentuam a interculturalidade moderna quando criam mercados mundiais de bens materiais e dinheiro, mensagens e migrantes. Os fluxos e as interações que ocorrem nesses processos diminuíram fronteiras e alfândegas, assim como a autonomia das tradições locais: propiciam mais formas de hibridação produtiva, comunicacional e nos estilos de consumo do que no passado.⁶⁰

É preciso destacar que a teoria da hibridização sofre com os movimentos que a rejeitam, como o fundamentalismo religioso. Existem resistências em aceitar as formas de hibridação, já que “geram inseguranças nas culturas e conspiram contra a auto-estima etnocêntrica.”⁶¹ Esse sentimento de insegurança e de ameaça etnocêntrica poderemos identificar como característica de muitos italianos no confronto com os imigrantes que vivem na Itália.

⁵⁷ *Idem*.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 23.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 26-27. (grifos do autor)

⁶⁰ *Ibidem*, p. 31.

⁶¹ *Ibidem*, p. 32-33.

Garcia Canclini chama a atenção para que tenhamos cuidado com as generalizações. “A fluidez das comunicações facilita-nos apropriarmo-nos de elementos de muitas culturas, mas isso não impede que as aceitemos indiscriminadamente. (...) De todo modo, a intensificação de interculturalidade favorece intercâmbios, misturas maiores e mais diversificadas do que em outros tempos.”⁶²

A modernidade tardia levanta a questão da existência de uma cultura global, algo como um modelo de cultura do estado nacional ampliado à escala global. Os teóricos são unânimes em dizer que isso não acontece. Segundo Mike Featherstone, somente se pensarmos em termos de processos, será possível nos referirmos à globalização da cultura.

Nesse sentido, podemos destacar processos de integração cultural e de desintegração cultural que se realizam não apenas a nível interestadual, mas também para processos que transcendem a unidade da sociedade estatal e que, portanto, podemos afirmar que ocorrem a nível transnacional ou trans-social. Por conseguinte, pode ser possível destacar processos culturais trans-sociais que assumem uma variedade de formas, algumas das quais anteriores às relações interestaduais, nas quais podem ser considerados inseridos os estados nacionais, e processos que sustentam a permuta e o fluxo de mercadorias, de pessoas, de informações, conhecimentos e imagens que dão origem aos processos de comunicação que adquirem uma certa autonomia a nível global.”⁶³

Por consequência, emergem sistemas de “terceiras culturas”, que não são simplesmente produtos de trocas bilaterais entre os estados nacionais. No entanto, esses sistemas não podem ser concebidos como enfraquecedores das soberanias nacionais e nem como homogeneização. Featherstone acredita que o pós-modernismo é um símbolo e uma poderosa imagem cultural do desvio da conceptualização da cultura global, “menos em termos dos alegados processos de homogeneização (...) e mais em termos de diversidade, de variedade e da riqueza dos discursos populares e locais, dos códigos e das práticas que resistem e produzem a sistematização e a ordem”.⁶⁴

Ruben Oliven fala das novas fronteiras da cultura. Ele diz que até pouco tempo, as identidades sociais estavam ligadas ao espaço físico. O que vinha de fora não era visto com bons olhos. Mas a vida moderna trouxe a oportunidade de deslocamento. Hoje, as pessoas viajam e levam junto suas características (língua, costumes, idéias,...). Essas idéias, “muitas

⁶² *Ibidem*, p. 33.

⁶³ FEATHERSTONE, Mike. Cultura Global: Introdução. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). *Cultura Global – nacionalismo, globalização e modernidade*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999. Featherstone, 1999, p. 7.

⁶⁴ *Idem*, p. 8.

vezes viajam com as pessoas através de livros, filmes, programas de televisão e, agora, da internet.”⁶⁵ As culturas, então, acabam sofrendo influências recíprocas.

Quando se fala em trocas de culturas, é preciso entendê-las como um processo de representação mediante o outro. “O cultural, abrange o conjunto de processos mediante os quais representamos e instituímos imaginariamente o social, concebemos e administramos as relações com os outros, ou seja, as diferenças, ordenamos sua dispersão e sua incomensurabilidade por meio de um delimitação que flutua entre a ordem que possibilita o funcionamento da sociedade (local e global) e os atores que abrem ao possível.”⁶⁶

Ulf Hannerz diz que vivemos atualmente uma cultura global que precisa ter seu significado entendido. É uma cultura assinalada pela diversidade, e não pela uniformidade. “Não ocorre nenhuma homogeneização de sistemas de significados e de expressões, nem parece provável que haverá esta homogeneização dentro em breve. No entanto, o mundo se transformou numa rede de relações sociais, e entre as suas diversas regiões existe um fluxo de significados, bem como de pessoas e de mercadorias.”⁶⁷

A cultura mundial surge com a intensificação dos entrelaçamentos de culturas locais diversificadas, além do desenvolvimento de culturas em nenhum território específico. Elas estão se tornando “subculturas dentro do conjunto mais amplo; culturas que são, de formas importantes, mais bem entendidas dentro do contexto do seu ambiente cultural do que isoladamente.”⁶⁸

As culturas estão vinculadas muito mais às relações sociais do que aos espaços físicos. É possível contrastar as culturas que estão confinadas ao território (em termos de nações, religiões, localidades), com as estruturas coletivas de significado, por redes amplas, transnacionais ou mesmo globais. “Este contraste também – porém não apenas ele – sugere que as culturas, antes de ficarem facilmente isoladas uma das outras como peça de mosaico com a orla compacta, tende a sobrepor-se e a misturar-se.”⁶⁹

Garcia Canclini diz que as trocas culturais geram hibridações, que fazem emergir “*processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.*”⁷⁰ Conforme o autor, estruturas discretas são estruturas que passaram por hibridizações anteriores, por isso não

⁶⁵ OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo - A diversidade cultural no Brasil*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 201.

⁶⁶ GARCIA CANCLINI, N. *Op. cit.*, 2003b, p. 57-58.

⁶⁷ HANNERZ, Ulf. Cosmopolitas e locais na cultura global. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). *Cultura Global – nacionalismo, globalização e modernidade*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 251.

⁶⁸ HANNERZ, U. *Op. cit.*, 1999, p. 251.

⁶⁹ *Idem.*

⁷⁰ GARCIA CANCLINI, N. *Op. cit.*, 2003a, p. 19.

poder ser consideradas puras. Como exemplo, ele cita o *spanGLISH*, que nasceu nas comunidades latinas dos Estados Unidos e espalhou-se pelo mundo através da internet. Porém, é preciso lembrar que as línguas de origem (espanhol e inglês) também são idiomas com raízes em outras línguas. “Desterritorialização é o termo utilizado para designar fenômenos que se originam num espaço e que acabam migrando para outros”⁷¹.

Segundo Octavio Ianni, a globalização tende a desenraizar as coisas, causar deslocamentos além das fronteiras, causando desterritorializações. De acordo com o autor:

Formam-se estruturas de poder econômico, político, social e cultura internacionais, mundiais ou globais descentradas, sem qualquer localização nítida neste ou naquele lugar, região ou nação. Estão presentes em muitos lugares, nações, continentes, parecendo flutuar por sobre Estados, fronteiras, moedas e línguas, grupos, classes, movimentos sociais e partidos políticos.⁷²

Estamos envolvidos, de uma forma ou outra, em processos de desterritorialização. “As relações, os processos e as culturas globais fazem com que tudo se movimente em direções conhecidas e desconhecidas, conexas e contraditórias.”⁷³

É importante ressaltar, retornando à questão do “híbrido”, do qual fala Garcia Canclini (2003a), que o contato entre culturas não é uma simples soma das diferenças. Conforme veremos no capítulo quatro, fica evidente nos blogs a representação do confronto através da maneira como os brasileiros se vêem inseridos no território italiano.

1.4 Fatores motivadores e características dos novos fluxos migratórios

Os fluxos migratórios sempre fizeram parte da história da humanidade. Porém, o processo ganhou notoriedade no mundo contemporâneo, principalmente com a transposição das fronteiras nacionais. Para os *oriundi*⁷⁴, uma “imigração de retorno”. Muitas são as causas que incentivam a troca de nação. Weber Soares, em sua tese de doutorado sobre redes migratórias em Minas Gerais, elenca, de forma geral, algumas possíveis causas para as migrações internacionais:

- i) o elevado crescimento demográfico dos países em desenvolvimento – nesses países, o excedente de mão-de-obra, gerado pelas altas taxas de crescimento populacional,

⁷¹ OLIVEN, R. *Op. cit.*, 2006, p. 201-202.

⁷² IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a, p. 95.

⁷³ IANNI, O. *Op. cit.*, 2002a, p. 95.

⁷⁴ *Oriundi* são os descendentes de italianos (oriundos dos imigrantes italianos).

não é absorvido de forma produtiva, o que leva à emigração para países desenvolvidos; ii) a pobreza – privação econômica estrutural; iii) o desequilíbrio da renda; iv) a estagnação econômica; e v) as violações aos direitos humanos, resultantes de problemas políticos e sociais, que têm um efeito desestabilizador sobre a sociedade, e podem conduzir à migração forçada.⁷⁵

Soares, apoiado em diferentes autores, apontou algumas correntes teóricas que auxiliam no estudo das migrações internacionais: *a macro e microteoria neoclássica e os novos economistas da migração*. Na perspectiva da *macroteoria neoclássica*, a migração internacional tem causas nas desigualdades geográficas, na oferta e na demanda de trabalho. Essas desigualdades se manifestam pelas diferenças das taxas salariais. Em países com excesso de força de trabalho, em relação ao capital, os salários são baixos. Já em países com força limitada de trabalho, em relação ao capital, os salários são mais altos. “A resultante do deslocamento populacional torna-se, então, evidente: de países com baixos salários ou com excesso de mão-de-obra para países com altos salários ou com escassez de força de trabalho.”⁷⁶

A intensificação dos fluxos migratórios traz como consequência a diminuição da oferta de trabalho e o aumento de salários em países carentes de capital, ao mesmo tempo que a oferta de trabalho aumenta e os salários caem em países fartos de capital. Assim, para Soares, o diferencial internacional do salário passa a cobrir apenas os custos monetários e psíquicos do deslocamento. “Não obstante, implícita está a proposição de que se fossem eliminadas as diferenças salariais entre os países, os fluxos migratórios deixariam de existir.”⁷⁷ Para o autor, são os mercados de trabalho os responsáveis por induzir os fluxos internacionais.

Na visão da *microteoria neoclássica*, as migrações internacionais ocorrem porque os indivíduos “... esperam obter um retorno líquido positivo, geralmente monetário, desse movimento”⁷⁸. O migrante, nesse sentido, conforme sua qualificação, estima os custos e benefícios do deslocamento e transfere-se para o local onde os retornos líquidos sejam maiores.

Essa perspectiva não leva somente em conta as diferenças salariais, mas a taxa de emprego do migrante. A migração só se concretiza se os rendimentos da região de destino,

⁷⁵ SOARES, Weber. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional Faculdade de Ciências Econômicas, 2002, p. 8.

⁷⁶ *Idem*, p. 9.

⁷⁷ SOARES, W. *Op. cit.*, 2002, p. 9.

⁷⁸ *Idem*, p. 9.

multiplicados pela probabilidade de lá encontrar emprego, menos o custo material, social e psicológico da viagem, forem superiores ao da região de origem. Essa corrente teórica entende a migração internacional “... como o simples somatório de movimentos individuais; constitui uma forma de investimento em capital humano; e a decisão migratória origina-se do desequilíbrio ou da descontinuidade entre os mercados de trabalho – outros mercados não influenciam diretamente essa decisão.”⁷⁹

Para os *novos economistas da migração*, as decisões migratórias não são tomadas individualmente, mas por uma relação de pessoas, como famílias, por exemplo. Nessa perspectiva, os indivíduos agem coletivamente, não apenas para elevar ao máximo a renda esperada, mas, também, para reduzir os riscos e diminuir os constrangimentos associados com uma variedade de falhas de mercado. As decisões familiares/coletivas são motivadas pela necessidade de diversificação dos riscos de mercado. Dessa maneira, a diferença salarial entre as nações não constitui condição necessária para a ocorrência de movimentos migratórios. O incentivo à migração continua a existir, caso os mercados dos países de origem sejam ausentes, imperfeitos ou em desequilíbrio.⁸⁰

Segundo Soares, tais correntes teóricas não agem em desacordo, já que a mobilidade espacial surge como campo privilegiado de demonstração da racionalidade dos agentes, independentemente das circunstâncias, com o objetivo de alcançar um mercado de trabalho mais rentável.

Neide Lopes Patarra, também acredita que as migrações internacionais estão inseridas no contexto do mercado de trabalho. Para a autora, existe um processo de reestruturação produtiva mundial, em que “... a crise financeira, o estancamento do processo de desenvolvimento, o excedente de mão de obra crescente, a pobreza, a ausência de perspectiva de mobilidade social, entre outras causas, estariam na raiz da nova questão social.”⁸¹

De acordo com Patarra, essa nova questão social não pode ser pensada sem o envolvimento da política. Para a autora, as migrações internacionais desencadeiam um processo que,

... evidencia posturas ideológicas e visões de mundo que se confrontam na tentativa de enfrentamento das contradições e crise da ordem capitalista hegemônica na atual etapa de desenvolvimento sustentável, modelo hoje institucionalizado, que, depois do fim da

⁷⁹ *Ibidem*, p. 9-10.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 10-11.

⁸¹ PATARRA, Neide Lopes. *Governabilidade das migrações internacionais e direitos humanos: o Brasil como país de emigração*. Texto preparado para o Seminário “Brasileiros no Mundo”, organizado pelo MRE, Divisão de Comunidades Brasileiras no Exterior. Palácio Itamaraty. Rio de Janeiro. 17 e 18 de julho de 2008, p. 1. Disponível em: <http://gestao.abe.mre.gov.br>. Acesso em: 02 Jan. 2009.

guerra fria e da expansão da etapa de flexibilização de acumulação de capital, alinha os países desenvolvidos e em desenvolvimento, colocando em xeque as possibilidades daqueles que não pertencem ao banquete dos ricos, industrializados, desenvolvidos e felizes *versus* os pobres, sempre em desenvolvimento dificilmente completado, cuja dinâmica gerou os novos contornos da pobreza e exclusão, novos pequenos “oásis” internos de dinamismo econômico e novos limites para a ação de políticas de welfare state e de proteção social.⁸²

Patarra afirma que, nesse contexto, os movimentos migratórios entre países são a representação contraditória dos diferentes interesses dos grupos dominantes do mundo globalizado e os Estados Nacionais, estes com a tradicional visão de soberania. A autora diz que é preciso estar atento às tensões entre os níveis de ação internacional, nacional e local. “Enfim, há que considerar que os movimentos migratórios internacionais constituem a contrapartida da reestruturação territorial planetária intrinsecamente relacionada à reestruturação econômico-produtiva em escala global.”⁸³ Dessa forma, os Estados Nacionais e suas políticas sociais ganham novos papéis em relação à distribuição da população no espaço.

João Carlos Tedesco aponta que as migrações internacionais refletem não só o mercado de trabalho, as desigualdades econômicas e demográficas. Para o autor:

A migração não só possui o lado instrumental, principalmente econômico e expresso nas formas de trabalho; as dimensões culturais, sociais e antropológicas caminham juntas no processo e não podem ser descuidadas. O migrante desloca-se de um local para outro; desloca seus ritos, tradições, valores..., é pressionado a incorporar os dos outros. Essa dupla identidade constitui a figura sociocultural do estrangeiro.⁸⁴

O contato cultural entre os migrantes e a sociedade de destino muitas vezes não ocorre pacificamente. Patarra argumenta que a questão migratória internacional “explodiu” e que é preciso considerar o contexto de luta e os compromissos internacionais que exigem a efetivação dos direitos dos migrantes. Ela cita diferentes acontecimentos ocorridos no mundo nos últimos anos, que exemplificam a falta de tolerância e o desrespeito dos direitos humanos. É o caso, por exemplo, do 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos e sua estratégia militar preventiva iniciada com a guerra do Iraque, dos conflitos no Oriente Médio, das tensões entre comunidades de imigrantes muçulmanos na Europa, entre outras manifestações das contradições e dos conflitos que permeiam a vida coletiva neste início de século, além do racismo e xenofobia.⁸⁵

⁸² PATARRA, Neide Lopes. *Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais*. Estud. Av., São Paulo, v. 20, n. 57, Ago. 2006, p. 7.

⁸³ *Idem*, p. 8.

⁸⁴ TEDESCO, João Carlos. *Imigração e integração cultural: interfaces – Brasileiros em Verona – Itália*. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 32.

⁸⁵ PATARRA, N. *Op. cit.*, 2006, p. 8.

Segundo Patarra, no geral, os países dos quais partem a maioria dos migrantes passam por um momento de transição. No plano internacional, o momento é decisivo para a definição de quais países terão acesso ao desenvolvimento. Ou seja, “é importante saber quais deles poderão lograr o desenvolvimento econômico e social capaz de tirá-los da condição de eternos países em desenvolvimento.”⁸⁶

A autora diz que esse é o cenário dos países da América do Sul, que nas décadas passadas viveram, em grande maioria, processos de democratização, mesmo se a crise financeira, o déficit fiscal, as dívidas externas e internas e o estancamento do processo produtivo “tenham imprimido como contrapartida dessa dinâmica, o aumento da pobreza, da desigualdade e da exclusão, distanciando-os ainda mais dos países do Primeiro Mundo.”⁸⁷

O Brasil não ficou de fora do processo das migrações internacionais, intensificado no país nos últimos trinta anos. Segundo Patarra e Baeninger, “os movimentos migratórios internacionais reassumiram, sobretudo no final dos anos de 1980, a importância que outrora possuíram no contexto brasileiro.”⁸⁸ O Brasil teria passado de uma sociedade tradicionalmente receptora para uma sociedade que remete imigrantes para fora do país.

As autoras apontam que a população no Brasil, entre os anos 1950 e 1980, do ponto de vista demográfico, era vista como uma população fechada, já que o crescimento do país era resultante da diferença entre o número de nascimentos e o de óbitos. O número de estrangeiros era irrelevante no período. A última leva de imigrantes adentrou após a Segunda Guerra Mundial. O número de brasileiros que se dirigiam para fora do país também era muito pequeno. Quando isso ocorria era por motivo de estudo, familiar, diplomático ou de trabalho, além dos refugiados políticos dos períodos autoritários.⁸⁹

Porém, esse panorama modificou-se nitidamente a partir da década de 1980. Pela primeira vez na história, registrou-se uma saída expressiva de brasileiros para o exterior. “De fato, no primeiro diagnóstico a respeito dos movimentos internacionais contemporâneos de e para o Brasil, verificou-se a concomitância de distintas modalidades de migração: busca de uma mobilidade social truncada no país nos anos da chamada década perdida, que se dirigia, principalmente, para os países do Primeiro Mundo”.⁹⁰

⁸⁶ PATARRA, Neide Lopes. *Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas*. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 19, n. 3, Set. 2005, p. 24.

⁸⁷ *Idem*, p. 24.

⁸⁸ PATARRA, Neide Lopes; BAENINGER, Rosana. *Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras*. Revista brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 21, n. 60, Fev. 2006, p. 87.

⁸⁹ *Idem*.

⁹⁰ *Ibidem*.

No caso do Brasil, é possível observar algumas características e tendências próprias das migrações internacionais. De acordo com Patarra e Baeninger, pode-se constatar, por exemplo, que

não se trata de 'levas' de emigrantes, de 'diáspora brasileira' ou outros termos frequentemente usados pela imprensa e mesmo em alguns meios acadêmicos para referirem-se à questão social da saída de brasileiros. Mais que isso, os dados permitem levantar a hipótese da circularidade, comprovada por depoimentos e pesquisas qualitativas e reforçada pela constatação da existência de redes consolidadas.⁹¹

Não há como mensurar precisamente o número de brasileiros no exterior. Inclusive há discordância de dados entre diferentes órgãos. O Ministério das Relações Exteriores do governo federal realizou um levantamento publicado em setembro de 2009. A estimativa apresentada, com dados de 2008, é de 3.040.993 brasileiros fora do país.⁹²

Atualmente, o maior percentual de imigrantes brasileiros no exterior está concentrado na América do Norte, com 1.325.100 brasileiros residentes. A maior parte, 1.280.000, está nos Estados Unidos⁹³.

Segundo Patarra, os brasileiros que partem para os Estados Unidos geralmente são jovens, pertencentes à classe média, “que entram clandestinamente e se ocupam em trabalhos não qualificados que, ao contrário do que aconteceria em seus países de origem, propiciam-lhes um orçamento maior e a possibilidade de formar uma certa poupança.”⁹⁴ O imigrante brasileiro nos Estados Unidos possui um perfil diferenciado dos demais imigrantes clandestinos. “Os brasileiros encontram espaço para assumir trabalhos secundários, tais como balconistas, garçons, serviços domésticos e afins – trabalhos esses que são rejeitados pelos brancos e muitas vezes não são acessíveis aos negros.”⁹⁵ De acordo com a autora, esses migrantes se sujeitam a um rebaixamento de status social com objetivo da recompensa financeira, já que no Brasil situações como desemprego e períodos de recessão econômica bloqueiam a ascensão social.

Na Europa, a estimativa é de 816.257 brasileiros residentes⁹⁶. Conforme Patarra, a emigração brasileira para a Europa deve-se, em grande parte, a questões históricas e culturais “decorrentes do próprio processo migratório brasileiro que, até pouco tempo atrás,

⁹¹ PATARRA, *Op. cit.*, 2005, p. 26.

⁹² MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Brasileiros no mundo: Estimativas*. Segunda Edição – Set 2009, p. 12.

⁹³ *Idem*, p. 9.

⁹⁴ PATARRA, *Op. cit.*, 2005, p. 27.

⁹⁵ *Idem*.

⁹⁶ MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, *Op. cit.*, 2009, p. 10.

caracterizava-se como receptor de população, com predominância dos fluxos provenientes de Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, entre outros.”⁹⁷

Ela acrescenta que, de um modo geral, o perfil dos emigrantes que se dirigem à Europa é semelhante ao dos que se dirigem aos Estados Unidos. No entanto, os que se dirigem à Europa teriam traços culturais envolvidos na decisão de migrar. A autora aponta também que

A isso se soma, em quantidade difícil de mensurar, a emigração de mulheres que para lá se dirigem muitas vezes iludidas, em busca de sua inserção em atividades de lazer, ou entrando na prostituição; atividades domésticas são também um possível atrativo; e a crescente saída dos jogadores de futebol, apesar de quantitativamente menos representativa, também tem sua dimensão simbólica.⁹⁸

O primeiro país em número de emigrados na Europa é o Reino Unido, com 180.000 brasileiros. Portugal vem em segundo, com 180.000, seguido da Espanha, com 125.000 e da Alemanha, com 89.000.⁹⁹

1.5 Os brasileiros na Itália

Segundo o Ministério das Relações Exteriores de 2009, a Itália é o quinto país na Europa em número de Brasileiros. A estimativa é de 70.000.¹⁰⁰ O relatório do ano anterior apresentava a Itália como o terceiro país com maior número de brasileiros na Europa, com estimativas que variavam de 110.000 a 132.000 emigrados¹⁰¹. O último relatório apontou uma ressalva quanto às comparações com o antecedente: “as estimativas desta publicação dizem respeito ao ano de 2008 e não são diretamente comparáveis com as estimativas contidas na edição anterior de ‘Brasileiros no Mundo – Estimativas’.”¹⁰² Mesmo que os números não devam ser comparados, sob a pena de haver distorções, percebe-se uma grande diminuição de

⁹⁷ PATARRA, *Op. cit.*, 2005, p. 27.

⁹⁸ *Idem*, p. 27.

⁹⁹ MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, *Op. cit.*, 2009, p. 10.

¹⁰⁰ *Idem*.

¹⁰¹ MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Brasileiros no mundo: Estimativas*. Segunda Edição – Jun 2008, p. 10.

¹⁰² MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Op. cit.*, 2009, p. 10.

brasileiros na Itália. Muitos voltaram para o Brasil, ou migraram para outros países mais desenvolvidos da União Europeia, devido à crise internacional.¹⁰³

A comunidade brasileira na Itália nunca foi a comunidade de estrangeiros mais numerosa, porém pode ser considerada uma das mais antigas. Segundo o Dossiê Estatístico Imigração Caritas/Migrantes, na década de 90, o processo começou a se intensificar. Os cidadãos com documento de autorização de permanência (*permesso di soggiorno*) eram 10.953 no final de 1991, representando 1,7% do total de estrangeiros residentes.¹⁰⁴

Os últimos dados do relatório Caritas, do final de 2007, registram uma estimativa de 37.848 brasileiros legalmente residentes no país. Se compararmos com os dados do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, o número apresentado pelo órgão brasileiro é praticamente o dobro (70.000). A discrepância entre os números se dá por diversos motivos, como a existência de brasileiros em situação irregular, ou com processo de autorização de permanência em andamento, mas, também, porque os brasileiros que tornam-se cidadãos italianos não são mais contabilizados como estrangeiros na Itália.

O número de brasileiros residentes na Itália (37.848) representa 1,1% do total de estrangeiros no país. Desse número, 67,8% são mulheres. Em relação à concentração de brasileiros por região, 40,5% vivem na região Noroeste, 27,6% na região Nordeste e 21,9% nas regiões centrais. Os demais estão espalhados nas regiões Sul e nas ilhas. As províncias com maior número de brasileiros são Milão (5.277), Roma (3.745) e Verona (2.569).¹⁰⁵

É difícil realizar o levantamento do número certo de brasileiros com cidadania italiana residentes hoje na Itália. Existem dados das cidadanias obtidas por casamento com um(a) italiano(a) e por tempo de residência. Em 2006, o número de obtenção de cidadania por casamentos entre um(a) italiano e um(a) brasileiro(a) foi de 1.751, e os por residência, 48 casos.¹⁰⁶ O percentual de brasileiros naturalizados italianos é considerado alto. No ano de 2006, o Brasil representou 5% do total de pedidos de naturalização e ocupou o quinto lugar entre os países com maior número de pedidos, atrás do Marrocos, Romênia e Albânia (que se distinguem por serem as comunidades mais numerosas na Itália) e da Argentina.

Quanto ao reconhecimento da cidadania italiana por descendência (*jure sanguinis*), o relatório Caritas explica que não estão inclusos nas estatísticas acima, fornecidas pelo

¹⁰³ A Itália é um dos países europeus que mais sofrem com a crise internacional. O PIB do país caiu 5% em 2009, o pior índice em 40 anos. Dados: FRANCE PRESSE. *Com deficit de 5,3% do PIB, Itália planeja pacote para baixar gastos.* Folha Online 14/05/2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u735092.shtml>. Acesso em: 09 Jun 2010.

¹⁰⁴ CARITAS/MIGRANTES, *Op. cit.*, 2008, p. 03.

¹⁰⁵ *Idem*, p. 14.

¹⁰⁶ MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, *Op. cit.*, 2009, p. 16.

Ministério do Interior italiano. “Tal processo é uma simples formalidade para o reconhecimento de um direito adquirido desde o nascimento (pelo menos no plano teórico) e, portanto, não é da competência do Ministério do Interior, mas da Prefeitura da cidade onde o interessado reside.”¹⁰⁷

Já no Instituto Nacional de Seguros de Acidentes no Trabalho (Inail) da Itália, os registros acontecem através do país de nascimento. Em 2007, o número de brasileiros trabalhando na Itália era de 36.811. Segundo o relatório Caritas,

... é muito provável que uma boa parte dos trabalhadores acima citados sejam cidadãos italianos nascidos no Brasil e que fizeram o percurso inverso ao dos pais ou avós, chegando na Itália numa das correntes migratórias de “retorno” (...). Aliás, os próprios dados do Inail parecem confirmar esta suposição, pois o número de pessoas nascidas no Brasil que trabalhavam na Itália em 2007 era maior do que o o número dos possuidores de autorização de permanência calculados no mesmo ano (35.404) e quase igual ao número de residentes (37.848, incluindo os menores de idade).¹⁰⁸

Quanto ao setor de trabalho dos brasileiros residentes na Itália, em 2007, mais de dois terços dos empregados registrados no Inail eram ocupados no terciário (70,5%), quase um quarto na indústria e somente 2,1% na pesca e na agricultura.¹⁰⁹

A maioria dos brasileiros que partem para a Itália, de acordo com Tedesco, viaja sem a documentação legal, deixando para regularizar a situação no país, o que nem sempre é possível. “A ilegalidade é uma marca registrada de quase todos os brasileiros que queiram trabalhar nos primeiros meses de permanência. Aos poucos, conseguem se colocar *in regola*, favorecidos pelas alterações das políticas migratórias internacionais adotadas no país, pelos vínculos de trabalho e pelo encaminhamento da dupla cidadania.”¹¹⁰

Os imigrantes brasileiros são uma pequena parte na estatística de estrangeiros na Itália. Segundo o Dossiê Estatístico Caritas 2009, um em cada 14 habitantes do país é estrangeiro. De 2005 a 2008, o índice de imigrantes registrados aumentou 45%. O número hoje é superior a 4,3 milhões.¹¹¹

A Romênia, que há três anos faz parte da União Europeia, é a nação com a maior população residente na Itália: 796 mil. Em segundo vem a Albânia, com 404 mil, e em terceiro o Marrocos, com 170 mil. Os imigrantes representam cerca de 9,7% do Produto

¹⁰⁷ *Idem.*

¹⁰⁸ CARITAS/MIGRANTES, *Op. cit.*, 2008, p. 23.

¹⁰⁹ *Idem*, p. 26.

¹¹⁰ TEDESCO, J. C. *Op. cit.*, 2003, p. 123.

¹¹¹ CARITAS/MIGRANTES. *Immigrazione - Dossier Statistico 2009 (XIX Rapporto sull'immigrazione)*. Roma. 2009, p. 2.

Interno Bruto italiano. O setor de serviços acolhe o maior número de imigrantes: 54,5%, seguido 33,6% na indústria, 7,7% na agricultura e 4,2% em trabalho não determinado.¹¹²

Conflitos entre os imigrados e a população italiana são incontáveis. Os principais problemas acontecem com os muçulmanos, principalmente pelas diferenças religiosas. Os jornais seguidamente publicam essas situações de confronto. O partido da Liga Norte é conhecido pela rigidez com que trata os assuntos dos imigrantes no país, muitas vezes, com cunho discriminatório. É o caso relatado pelo jornal *La Repubblica*, que no dia 20 de março de 2010 publicou a seguinte manchete: “*Il sapone anti-immigrati l'ultima della Lega ad Arezzo*” (O sabão anti-imigrante, última da Liga Norte em Arezzo).¹¹³ A reportagem diz que o partido estava distribuindo um sabonete anti-imigrante na província de Arezzo, no norte do país, cuja embalagem trazia as instruções de utilização do produto em caso de contato com extracomunitário¹¹⁴.

1.6 Reflexões sobre identidade étnica e nacional

Como falamos anteriormente, os migrantes estão inseridos em um contexto de multiculturalismo e de culturas híbridas. Entendemos que esta pesquisa necessita uma discussão sobre como esse processo se dá em relação à identidade dos brasileiros que partem para a Itália, sendo eles descendentes de imigrantes italianos ou não. De acordo com Hall, “em condições diaspóricas¹¹⁵, as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identidades deslocadas, múltiplas e hifenizadas.”¹¹⁶ Cada imigrante carrega consigo uma identidade que, no local de destino, torna-se deslocada. No contato com outras, transforma-se em múltiplas. Quanto à hifenização, no caso dos brasileiros na Itália (utilizando um exemplo de Hall, que fala do *negro-e-britânico*), temos o *brasileiro-e-italiano* ou o *italo-brasileiro* (como são chamados os brasileiros com descendência italiana).

¹¹² *Idem*, p. 6-8.

¹¹³ LA REPUBBLICA (Online). *Il sapone anti-immigrati l'ultima della Lega ad Arezzo*. 20/03/2010. Disponível em: http://www.repubblica.it/cronaca/2010/03/20/news/sapone_arezzo-2779667/ Acesso em: 08 jun 2010.

¹¹⁴ Extracomunitário é como é chamada a pessoa que não nasceu em território da União Europeia.

¹¹⁵ HALL utiliza o termo diáspora (derivado da história moderna do povo judeu) como uma metáfora para da imigração caribenha em território inglês. Entendemos também como uma metáfora para os fluxos migratórios de grandes massas da atualidade.

¹¹⁶ HALL, S. *Op. cit.*, 2009, p. 72.

No contexto das migrações internacionais, as identidades étnicas ganham relevância, principalmente porque se contrapõem às identidades locais. Segundo Kathryn Woodward, “a identidade é marcada pela diferença, (...) é relacional.”¹¹⁷

A mesma opinião é compartilhada por Poutignat e Streff-Fenart, que afirmam que os grupos, por meio de suas pretensões, valorizam os seus costumes e desprezam os costumes dos outros (os diferentes). Para os autores,

a atração entre aqueles que se sentem como de uma mesma espécie é indissociável da repulsa diante daqueles que são percebidos como estrangeiros. Esta ideia implica que não é o isolamento que cria a consciência de pertença, mas ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas.¹¹⁸

Nesse sentido, pensando na imigração de brasileiros para a Itália, é o confronto com os italianos que faz com que se percebam “brasileiros”. Outra característica da identidade étnica são os símbolos. Segundo Woodward, “a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social. A luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais.”¹¹⁹

Uma nação é formada por um conjunto de bens simbólicos, materiais e imateriais. De acordo com Stuart Hall, no mundo moderno, uma das principais fontes de identidade cultural são as culturas nacionais. Dizemos que somos brasileiros é uma das primeiras auto-definições que fazemos. Não que tenhamos isso impresso no nosso DNA. “Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial.”¹²⁰ De acordo com o autor, as culturas nacionais produzem sentidos sobre “a nação” e, assim, constroem identidades. A identidade nacional é formada através das histórias que são contadas sobre a nação, das memórias que ligam seu passado e das imagens que dela são construídas.

De fato, “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*.”¹²¹ Para Hall, uma nação é uma comunidade simbólica¹²², não se restringe a uma entidade política. “As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional.”¹²³

¹¹⁷ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 9.

¹¹⁸ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998, p. 40.

¹¹⁹ WOODWARD, K. *Op. cit.*, 2005, p. 10. (grifos da autora)

¹²⁰ Hall, S. *Op. cit.*, 2005, p. 47.

¹²¹ *Idem*, p. 48. (grifo do autor).

¹²² O autor também fala da nação como “comunidade imaginada”, termo de Benedict Anderson.

¹²³ Hall, S. *Op. cit.*, 2005, p. 49. (grifo do autor).

Renato Ortiz diz que as identidades nacionais diferenciam-se umas das outras pela sua dimensão interna. Para o autor, “dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos”¹²⁴ No caso do Brasil, existe uma série de elementos formadores da identidade nacional, constituída ao longo da história do país.

A colonização do Brasil pelos europeus, a vinda de escravos e o contato com os índios originou uma população, em grande parte, mestiça. Durante o Estado Novo, a imagem do mestiço foi reforçada como símbolo da homogeneidade do brasileiro. O nacionalismo da Era Vargas buscava a integração nacional como solução para as diferenças regionais brasileiras. A mestiçagem, na visão do governo, continha “os traços que naturalmente definem a identidade brasileira: unidade na diversidade.”¹²⁵ Essa mensagem foi reforçada nas décadas de 60 e 70, quando a cultura popular era o foco dos meios de comunicação de massa.

A cultura transmitida por esses meios, através da música, das novelas, era a de um Brasil sinônimo de futebol, carnaval, comidas típicas, malandragem. Essas características genéricas perpetuam-se até hoje e são estereótipos reconhecidos, principalmente, fora do Brasil, como símbolos de brasilidade.

Para Hall, a cultura nacional busca a unificação da identidade nacional, mesmo se os membros dessa cultura sejam diferentes em termos de classe, gênero ou etnia. Eles precisam de algo para representá-los como sendo todos pertencentes a “mesma grande família nacional.”¹²⁶ No entanto, o autor questiona se essa identidade anularia e subordinaria a diferença cultural. Ele diz que “uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma *estrutura de poder cultural*.”¹²⁷ Ele aponta três causas da unificação das diferentes culturas nacionais: ocorreu por um longo processo de conquista por meio da violência; as nações são formadas por pessoas de diferentes classes sociais, grupos étnicos e gênero; e as nações ocidentais sofrem com a imposição da cultura hegemônica dos antigos impérios.¹²⁸

Hall sugere pensar as culturas nacionais como “um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade”¹²⁹, ao invés de pensá-las como unificadas, pois a unificação é fruto das diferentes formas de poder cultural.

¹²⁴ ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense. 1994, p. 7 (grifos nossos)

¹²⁵ *Idem*, p. 93.

¹²⁶ Hall, S. *Op. cit.*, 2005, p. 59.

¹²⁷ *Idem*.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 59-61.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 62. (grifos do autor)

No entanto, com a globalização (como vimos de forma breve anteriormente), mais do que a cultura nacional, são as culturas locais que ganham força. Em contramão da globalização homogeneizante surge uma fascinação pela diferença, pelo étnico, reforçando as identidades locais.

Segundo Hall, as diferenças das identidades locais,

... constituem um fundamento para um novo tipo de “localismo” que não é autossuficientemente particular, mas que surge de dentro do global, sem ser simplesmente um simulacro deste. Esse localismo não é um mero resíduo do passado. É algo novo – a sombra que acompanha a globalização: o que é deixado de lado pelo fluxo panorâmico da globalização, mas retorna para perturbar e transtornar seus estabelecimentos culturais. (...) Encontra-se aqui o “*retorno*” do particular e do específico.¹³⁰

Um exemplo desse retorno do particular e do específico - e que julgamos ser uma discussão importante para este trabalho -, é a exaltação da italianidade na região da Serra Gaúcha. Falamos especificamente desta região, por fazer parte das nossas vivências e ser o território da Universidade de Caxias do Sul, da qual faz parte o Programa de Pós Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade.

Na região da Serra Gaúcha, muitos são os símbolos que representam a italianidade. A cada dois anos, Caxias do Sul comemora a Festa Nacional da Uva, evento de grandes proporções, que movimentam grande parte da população. Muitos restaurantes dizem oferecer a comida “típica italiana”. São diversos os símbolos que representam a cultura dos imigrantes italianos na região.

Segundo Woodward, diferentes identidades elegem diferentes elementos de afirmação, conforme lugares e momentos específicos de sua história. “Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos.”¹³¹ Ao buscar referências no passado, elas se recriam. De acordo com a autora, as identidades são construídas através do redescobrimto do passado.

Os indivíduos que preservam a italianidade reproduzem uma releitura particular da cultura da época da imigração. Segundo Maria Chitolina Zanini, é pelo olhar sobre o passado que o mito familiar e grupal é traçado. “Essas sagas, em sua maioria, são leituras ideais sobre os pioneiros (...). Em termos identitários, é relevante que os elementos positivos sejam

¹³⁰ Hall, S. *Op. cit.*, 2009, p. 58-59. (grifos nossos).

¹³¹ WOODWARD, K. *Op. cit.*, 2005, p. 10.

constantemente atualizados, e se eles não existirem, que sejam agregados pela força coletiva das reconstruções sobre o passado.”¹³²

É interessante observarmos que a imagem do imigrante trabalhador, que transformou a mata em cidade, nem sempre foi motivo de orgulho na região. A política nacionalista de Getúlio Vargas proibiu, na época, qualquer manifestação, inclusive o uso da língua, por parte dos descendentes de imigrantes. O “colono”, como era chamado o imigrante que trabalha com a terra, ganhou status há pouco tempo.

Conforme Giron, o caráter discriminatório da palavra “colono” só foi amenizado na medida em que a forma dialetal de fala foi abandonada, amenizando, assim, “... a diferença entre os colonos e os outros, entre *os de dentro e os de fora*.”¹³³ Assim, o caráter positivo de ser “colono” surgiu quando o termo deixou de ser pejorativo. A palavra ganhou uma nova significação. É o que Alessia De Biase chama de *revival étnico*. O estigma do colono foi revertido e agora *colono is beautiful*¹³⁴.

A “vontade” de ser colono revela uma identidade marcada por valores. No caso dos descendentes de imigrantes italianos, o trabalho é o valor fundamental e é uma das características exaltadas pela italianidade preservada na identidade regional da Serra Gaúcha. “Se a cultura é produzida pelo trabalho do homem, o mito se baseia no seu princípio fundador, quando o trabalho dos primeiros imigrantes derrubou as matas e plantou as roças e dessas brotaram as cidades.”¹³⁵

Essa relação com a tradição italiana não só é vivida por grande parte dos descendentes, como dela também surge uma imposição de cultura hegemônica da região, mesmo que a população seja pluriétnica. Essa imposição de italianidade como uma cultura que impera na região ocorre principalmente pelas relações de poder existentes na sociedade local. Como ressalta Woodward, esse poder faz emergir, através das práticas de significação, uma cultura dominante, que define quem é incluído e quem é excluído. “A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade.”¹³⁶

¹³² ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana. Mana. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, Oct. 2007, p. 523.

¹³³ GIRON, Loraine Slomp. Identidade: região e valores. In: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto (Orgs.). *Imigração e cultura*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2007, p. 52.

¹³⁴ DE BIASE, Alessia. *Vénetiens dans La pampa: anthropologie d'une Double identité au Rio Grande do Sul, Brésil*. Paris: L'Harmattan, 2009.

¹³⁵ GIRON, L.S. *Op. cit.*, 2007, p. 54.

¹³⁶ WOODWARD, K. *Op. cit.*, 2005, p. 18-19.

Não podemos excluir a identidade gaúcha¹³⁷, mas no caso da região da Serra, fica visível a opção pela identidade italiana com identidade “oficial”, principalmente quando o assunto é progresso. Basta que verifiquemos os sobrenomes dos proprietários das principais indústrias da região, bem como o sobrenome da maioria dos políticos. Podemos dizer que a descendência italiana é, sim, motivo de prestígio local.

Existe, inclusive, uma grande procura pelo reconhecimento da cidadania italiana. O Consulado Geral da Itália em Porto Alegre acumula cerca de sete mil processos e a fila de espera para novos pedidos é de seis anos. João Carlos Tedesco afirma que a grande procura pela cidadania italiana enquadra-se na tendência da reconstrução dos laços étnicos na sociedade contemporânea, neste caso, da italianidade.¹³⁸ A oportunidade de obter o passaporte italiano, para o Tedesco, é um incentivo para que descendentes façam o caminho inverso dos antepassados e partam para uma experiência na Itália. “O empreendedorismo, o imaginário criado pelo nonos e bisnonos, a facilidade linguística e as afinidades histórico-culturais são alguns dos estímulos à emigração. Eles se completam com o apoio de instituições e redes formais de cooperação, acordos de *gemellaggio*, e, claro, pela dupla cidadania.”¹³⁹

No entanto, quando esses descendentes se deparam com a realidade na Itália, muitas vezes não se sentem reconhecidos como parte daquele povo. Tedesco explica que:

Na Itália, descendentes ou não, todos são tratados e vistos como imigrantes e nada mais, e a sua importância no país obedece a uma lógica só: a sua otimização econômica. Percebi com bastante clareza o desapontamento, a desconexão entre o idealizado e a vida cotidiana, em especial a do trabalho. Ainda que a dupla cidadania favoreça em alguns aspectos e a mediação de instituições acabe protegendo determinados grupos de imigrantes, os brasileiros, de uma forma geral, são vistos como extra-comunitários (não membros da Comunidade Europeia), como estrangeiros. Os impactos são inúmeros: os brasileiros oriundi esperam reconhecimento de pertencimento cultural e étnico, certos privilégios nos espaços de trabalho, legislações especiais, mas isso não se materializa.¹⁴⁰

Isso ocorre porque a imigração dos italianos no século XIX é um fato negativo na história da Itália e, por isso, é algo para ser esquecido. Inclusive, as novas gerações praticamente não têm informações sobre o assunto. Pelo menos esse foi o nosso entendimento, após conversarmos sobre o assunto com jovens italianos.

¹³⁷ Sobre este argumento, ver estudos de DE BIASI, A. *Op. cit.*, 2009.

¹³⁸ Apud: ROSSA, Juliana. Nos passos dos antepassados. *Jornal O Caxiense*. Caxias do Sul, 26 dez 2009, p. 11.

¹³⁹ *Idem*.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 13-14.

2 CIBERESPAÇO E O UNIVERSO DOS BLOGS

*“A internet não é uma rede de computadores,
mas uma rede de pessoas que usam computadores.”*

Marcelo Tas¹⁴¹

Pretendemos, neste capítulo, realizar um embasamento teórico sobre as características informáticas e culturais do ciberespaço, além de abordarmos o universo dos blogs através de uma visão geral. Acreditamos que esse referencial nos ajudará na abordagem do ponto central do nossa pesquisa: *as representações de regionalidades e identidades nos blogs*, assunto do segmento final do trabalho.

2.1 O ciberespaço

A busca pelo entendimento do que representa o ciberespaço implica uma análise sobre a evolução das tecnologias da comunicação e informação. Há 40 anos, o mundo via nascer a internet, que, na época, dava os primeiros passos que levaram à conexão planetária atual. Segundo dados de dezembro de 2009, do *World Internet Stats*¹⁴², 1.802.330.457 pessoas no mundo, 26,6% da população, tem acesso à internet. No Brasil, são 72.027.700 pessoas com acesso à rede mundial de computadores, representando 36.2% da população.¹⁴³

¹⁴¹ Jornalista Marcelo Tas, em entrevista ao programa Irritando Fernanda Yang, do dia 09 de agosto de 2009, do canal GNT.

¹⁴² <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>

¹⁴³ Esses dados podem variar conforme a fonte. Por exemplo, de acordo com *IBOPE Nielsen Online* (<http://www.ibope.com.br>), no Brasil, hoje, 67,5 milhões de pessoas têm acesso à internet.

Mesmo que a tecnologia ainda não esteja à disposição de todas as classes sociais, podemos dizer que seus efeitos repercutem em toda sociedade. Se antes o rádio, a televisão e os meios de transporte já representavam grandes passos ao encontro do enfraquecimento de fronteiras e a diminuição das distâncias, a internet foi o ápice que trouxe a conexão entre muitos pontos do planeta através de um simples comando, como um clique no *mouse*.

Os primeiros computadores surgiram na Inglaterra e nos Estados Unidos por volta de 1945 e serviam como calculadoras programáveis para armazenar programas. Durante muito tempo, a tecnologia ficou reservada aos militares, que buscavam o transporte de dados de uma maneira veloz e segura. Na década de 70 ocorreu o desenvolvimento do microprocessador e, a partir daí, desenvolveu-se a automatização industrial e também de alguns setores do terciário.

No entanto, segundo Pierre Lévy, o movimento social nascido na Califórnia, na efervescência da contracultura, apossou-se das novas possibilidades técnicas e inventou o computador pessoal.¹⁴⁴ Era uma pitoresca comunidade de jovens à margem do sistema. “Os membros mais ativos deste grupo tinham o projeto mais ou menos definido de instituir novas bases para a informática e, ao mesmo tempo, revolucionar a sociedade.”¹⁴⁵ Segundo o autor, a ideia era desviar a alta tecnologia em proveito da contracultura, com o objetivo de trazer o computador para o povo.

Assim, progressivamente, o computador deixou de ser utilizado somente nos serviços de processamento de dados das grandes empresas e dos programadores profissionais para tornar-se um instrumento individual de criação, organização, simulação e diversão.¹⁴⁶

Nos anos 80, o status técnico da informática deu lugar à multimídia¹⁴⁷. Próximo aos anos 90 e no período sucessivo surgiu um novo movimento sócio-cultural, de caráter mundial, nas grandes metrópoles e nas universidades americanas. De acordo com Lévy, o movimento aconteceu sem a direção de nenhuma instância. “As diferentes redes de computadores que se formaram desde o final dos anos 70 se juntaram umas às outras enquanto o número de pessoas e de computadores conectados à inter-rede começou a crescer de forma exponencial.”¹⁴⁸ A coexistência de interesses e culturas comuns na rede, segundo Manuel Castells, tomou a forma WWW, a *World Wide Web* (Rede de Alcance Mundial) em 1991, com a possibilidade

¹⁴⁴ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999a, p. 31-32.

¹⁴⁵ LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993, p. 43.

¹⁴⁶ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1999a, p. 31-32.

¹⁴⁷ O termo multimídia ou multimídia interativa, “é utilizado para definir um documento de computador composto de elementos de várias mídias, como áudio, vídeo, ilustrações e texto, porque permite a participação do usuário.” (COSTA, Sérgio Roberto. *Minidicionário do discurso eletrônico-digital*. Volume I. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 152).

¹⁴⁸ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1999a, p. 32.

de transmissão de imagens, som e vídeo. Até então, circulavam somente textos pela internet. A WWW, com um caráter flexível, possibilitou que instituições, empresas, associações e pessoas físicas criassem seus próprios sites, interagindo no que se tornou uma “teia de alcance mundial”¹⁴⁹.

Essa nova estrutura de transmissão e recepção de dados através das tecnologias digitais, criou um “novo espaço” de comunicação e também de sociabilidade, chamado “ciberespaço”. O termo foi criado em 1984 por William Gibson para designar o ambiente de seu romance *Neuromante*. No livro, ciberespaço significa o universo de redes digitais, descrito como um campo de batalhas entre multinacionais. É uma aventura de ficção científica, em que heróis são capazes de entrar “fisicamente” no espaço de dados digitais. Segundo Lévy, “o ciberespaço de Gibson torna sensível a geografia móvel da informação, normalmente invisível.”¹⁵⁰ Devido a essas características, os criadores de redes digitais não demoraram em adotar o termo.

O ciberespaço deixou de ser um ambiente de ficção, para fazer parte do dia-a-dia das pessoas, que cada vez mais se servem das novas tecnologias. Conforme Lévy (1999a) e Santaella (2004), o ciberespaço é um espaço de interconexão em rede entre computadores e usuários. Nesse contexto, está incluído o conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Lévy insiste na codificação digital, “pois ela condiciona o caráter plástico, fluído, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação.”¹⁵¹ O caráter virtual do ciberespaço, para o autor, é a sua marca distintiva. Para entendê-lo, é preciso considerar o caráter informático da internet.

Segundo Santaella, os computadores conectados à rede são janelas, e os objetos vistos e ouvidos não são nem fictícios nem, necessariamente, representações de objetos físicos, mas têm a forma, caráter e ação de dados. Esses dados são cadeias de 0 e 1, a forma digital de qualquer fonte de informação digital¹⁵². Assim, o ciberespaço “ (...) é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis.”¹⁵³ O usuário, conforme a autora, manipula esse espaço multidimensional, transforma e realiza o intercâmbio de seus fluxos codificados de

¹⁴⁹ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede* (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. I). São Paulo: Paz e Terra, 2001, p. 379.

¹⁵⁰ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1999a, p. 92.

¹⁵¹ *Idem*, p. 92-93.

¹⁵² SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 40.

¹⁵³ *Idem*, p. 45.

informação. O armazenamento e a modificação da informação pelos seus receptores é uma das principais características do ciberespaço.

O caráter informático, não palpável do ciberespaço, pode gerar dificuldades na sua definição. Santaella diz que é um universo paralelo que gera estranheza, “... um lugar sem lugar e que é, ao mesmo tempo, uma miríade de lugares.”¹⁵⁴ Para a autora, o ciberespaço “consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração e acesso.”¹⁵⁵ Na internet, a palavra rede deve ser concebida como uma teia gigante que cobre todo o globo, que possibilita a viagem da informação em tempo real. Essa teia dissolve as distâncias e não tem bordas nem centros.¹⁵⁶

Para Pierre Lévy (1999a), o ciberespaço é desterritorializante. O autor cita o exemplo da virtualização de uma empresa. Se no sistema clássico o trabalho era desenvolvido em um mesmo prédio, com divisão em departamentos, com livro ponto, na empresa virtual funciona principalmente através do *teletrabalho*. A tendência, nesse tipo de empresa, é que ocorra uma participação numa rede de comunicação eletrônica, através dos recursos e programas que favoreçam a cooperação.¹⁵⁷ Essa é uma tendência não só para grandes empresas, multinacionais, mas também para profissionais liberais que se servem das comodidades da mobilidade da internet.

Outro exemplo dado pelo autor é o hipertexto: apesar de precisar de um suporte físico para subsistir, é virtual, sua atualização textual se dá através da navegação e da leitura. Isso significa que uma das principais modalidades da virtualização é o desprendimento do aqui e agora¹⁵⁸.

Essa é uma característica também das comunidades virtuais¹⁵⁹, que existem sem uma referência estável. Elas estão em toda parte, onde estão os seus membros móveis. “A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia.”¹⁶⁰ A virtualização, para Lévy, é marcada pela

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 40.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 40.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 38.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 18.

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 20.

¹⁵⁹ Veremos com maior profundidade as características das comunidades virtuais na página 69.

¹⁶⁰ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1996, p. 20-21.

“não-presença”, pela desterritorialização. Não que ela esteja totalmente desligada do espaço-tempo de referência, já que estão inseridas em suportes físicos e necessitam de atualização.¹⁶¹

As noções de distância também são afetadas com a virtualidade, pois existem situações em que vários sistemas de proximidades e vários espaços práticos coexistem, como ilustra Lévy:

Quando se constrói uma rede ferroviária, é como se aproximássemos fisicamente as cidades ou regiões conectadas pelos trilhos e afastássemos desse grupo as cidades não conectadas. Mas, para os que não andam de trem, as antigas distâncias ainda são válidas. O mesmo se poderia dizer do automóvel, do transporte aéreo, do telefone etc. Cria-se, portanto, uma situação em que vários sistemas de proximidades e vários espaços práticos coexistem.¹⁶²

O ambiente virtual é caracterizado pela mistura de espaço e tempo, da dissolução de dicotomias como público e privado, próprio e comum, objetivo e subjetivo, conforme afirma o autor:

A virtualização, passagem à problemática, deslocamento do ser para a questão, é algo que necessariamente põe em causa a identidade clássica, pensamento apoiado em definições, determinações, exclusões e terceiros títulos. Por isso a virtualização é sempre heterogênea, devir outro, processo de acolhimento da alteridade.¹⁶³

Essas são questões profundamente ligadas aos *blogs*. Conforme veremos, as dicotomias geralmente aparecem dissolvidas, não existem limites, conceitos fixos. O caráter heterogêneo dos blogs é ancorado no confronto com o “outro”.

2.1.1 Desterritorializações e reterritorializações

Como nos mostrou Pierre Lévy (1999a), a desterritorialização é uma das características essenciais da cibercultura, pois o ambiente virtual é múltiplo, segmentado e fragmentado. No entanto, a desterritorialização não é um processo que acontece sozinho. Ele vem acompanhado de reterritorializações.

No capítulo 1, falamos brevemente sobre desterritorialização, no contexto do processo de globalização. O conjunto de elementos relacionados ao território, porém, ganha relevância também no ciberespaço. Por isso, para pensar o ambiente virtual, nos serve rememorar alguns conceitos relacionados ao assunto. Nas palavras de André Lemos:

¹⁶¹ *Idem*, p. 21.

¹⁶² *Ibidem*, p. 22.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 25.

Definimos território através da idéia de controle sobre fronteiras, podendo essas serem físicas, sociais, simbólicas, culturais, subjetivas. Criar um território é controlar processos que se dão no interior dessas fronteiras. Desterritorializar é, por sua vez, se movimentar nessas fronteiras, criar linhas de fuga, re-significar o inscrito e o instituído.¹⁶⁴

No contexto da cibercultura, a questão territorial se amplia, pois a cibercultura é em si uma cultura de desterritorialização. Segundo Lemos:

Ela nos coloca em meio a diversos problemas de fronteira, agravando as crises de controle e de acesso, influenciando em todas as demais formas de desterritorializações contemporâneas. A desterritorialização informacional afeta a política, a economia, o sujeito, os vínculos identitários, o corpo, a arte. A internet é, efetivamente, máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além de fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global na formação do sujeito). Estão em marcha processos de desencaixe e de compressão espaço-tempo na cibercultura.¹⁶⁵

A desterritorialização no ciberespaço é assim evidente, pois as fronteiras não cansam de se movimentar em um espaço de fluxos¹⁶⁶, cujas características permitem transposições, tanto de entrada como de saída.

Porém, mesmo sendo o ciberespaço efetivamente desterritorializante, é uma dinâmica que não existe sem novas reterritorializações, como afirma Lemos (2007). Não é um fenômeno isolado, pois necessita de um processo compensatório.

Os fenômenos de desterritorialização e reterritorialização seriam uma espécie de desenraizamento e a conseqüente busca por novos lugares onde fixar raízes. Segundo Cynthia Corrêa, são processos permeados por identificações simbólicas. A autora diz que “se o território hoje é também ritmo, fluxo, rede, é porque ele é rico em significado para quem o constrói e/ou dele usufrui.”¹⁶⁷ Nesse sentido, complementa, o ciberespaço tem a capacidade de promover uma série de reterritorializações, “... sem se referir ao território geográfico em si,

¹⁶⁴ LEMOS, André. Ciberespaço e Tecnologias Móveis. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. In: Médola, Ana Silvia; Araújo, Denise; Bruno, Fernanda. (orgs). *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007. Disponível em: <http://www.andrelemos.info/artigos/territorio.pdf>. Acesso em: 17 Mar 2010.

¹⁶⁵ *Idem*.

¹⁶⁶ Para Manuel Castells, o espaço de fluxos é “uma organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos.” (CASTELLS, *Op. cit.*, 2001, p. 436). É o suporte dos processos e funções dominantes na sociedade informacional, que dominam nossa vida econômica, política, simbólica. É um espaço de lugares múltiplos, espalhados, fragmentados e desconectados. (CASTELLS, *Op. cit.*, 2001, p. 490).

¹⁶⁷ CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. *Cibermigrantes brasileiros a navegar na rede social*. BOCC (Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação), 2009, p. 3. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-correa-cibermigrantes.pdf>. Acesso em: 25 Mar 2010.

mas se estendendo a mecanismos de resignificação e resimbolização de marcas culturais e identitárias”¹⁶⁸, responsáveis pelo sentimento de pertença.

O ciberespaço, além de desterritorializante, pode configurar-se como territorializante, reterritorializante, des-re-territorializante ou pluriterritorializante. Esse caráter nominativo também vai depender do olhar e perspectiva de quem analisa os fenômenos, conforme o contexto em que se apresentam.

O ciberespaço pode ser territorializante quando, por exemplo, é submetido a processos de controle. Para ilustrar esse fenômeno, Lemos apresentou o caso do iraniano Hossein Derakhshan, residente em Toronto, que foi barrado ao tentar entrar nos Estados Unidos. Ele teve seu nome “googleado” pelos oficiais de imigração, que encontraram em seu blog críticas ao governo americano. O autor demonstrou como os dispositivos digitais podem ser controladores:

Derakhshan cria uma reterritorialização no ciberespaço, o seu blog, um espaço de liberdade no espaço estriado das redes telemáticas. No entanto, “seu território” acaba sendo utilizado como forma de controle e vigilância. No aeroporto, um “não lugar” (Augé, 1994), ele é territorializado, controlado pela polícia americana a partir de marcas eletrônicas deixadas na rede.¹⁶⁹

O exemplo do iraniano demonstra que não são somente questões políticas da sociedade “real” que influenciam as relações Estados Unidos x Irã. Essas implicações migram para o ciberespaço e esses países ganham, inclusive, representação territorial.

O blog de Derakhshan, assim como o *Orkut*¹⁷⁰, *Facebook*¹⁷¹, entre outros tipos de comunidades virtuais são formas de reterritorialização no ciberespaço. Um sujeito desterritorializado encontra formas de ancorar-se através desses mecanismos.

Lemos aglutina no termo des-re-territorializações essa característica desterritorializante seguida de reterritorializações. Principalmente no ambiente virtual, a reterritorialização dificilmente ocorre singularmente. Por isso fala-se em reterritorializações no plural, ou melhor, de pluriterritorializações¹⁷². Segundo o autor, esses processos “constituem o homem enquanto ser ‘aberto ao mundo’. (...) Desterritorializado, o homem se vale de meios técnicos e simbólicos para reterritorializar-se, construindo o seu habitat.”¹⁷³

¹⁶⁸ CORRÊA, C. H. W. *Op. cit.*, 2009, p. 3.

¹⁶⁹ LEMOS, A. *Op. cit.*, 2007, *online*.

¹⁷⁰ *Orkut* (www.orkut.com) é um site de relacionamentos.

¹⁷¹ *Facebook* (www.facebook.com) é um site de relacionamentos..

¹⁷² COSTA, na mesma linha, trabalha com o conceito de *multiterritorialização*. (COSTA, Rogério Haesbaert da. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand, 2004.) SANTOS fala de *regionalidades pluriterritorializadas*. (SANTOS, *Op. cit.*, 2009).

¹⁷³ LEMOS, A. *Op. cit.*, 2007, *online*.

Corrêa pesquisou um desses “habitats”, analisando a reterritorialização no ciberespaço através da utilização da rede *Orkut* por brasileiros que residem no exterior, com foco na comunidade *Brasileiros no Exterior*. Segundo a pesquisadora, esses brasileiros são sujeitos de “reterritorializações simbólicas do território físico e da diversidade cultural”¹⁷⁴. Dispersos no mundo, eles se reterritorializam, em uma rede social frequentada por iguais. A autora trabalha a questão também como formas de *tribalização* no ambiente virtual.

O ciberespaço fragmentado, que tem origem na heterogeneidade local, também dá lugar a uma homogeneidade virtual, de acordo com Corrêa. A abrangência da internet:

... favorece a manifestação de anseios locais, marcando a diversidade cultural, a demarcação de localismos no panorama global do ciberespaço. Trata-se de um paradoxo da cibercultura arquitetada sob uma condição pós-moderna da vida: na mesma proporção que aumenta o número de mensagens circulando mundialmente, amplia-se a quantidade de imaginários mobilizados, e mais as diferenças culturais se afirmam. Em um planeta conectado via comunicação digital, ocorre o fechamento em uma infinidade de grupos que valorizam uma cultura específica, reforçando de modo exclusivo o laço entre semelhantes.¹⁷⁵

Viver em grupo, com raízes em um determinado território - seja ele físico ou simbólico -, é uma condição vital para os seres humanos. Segundo Lemos,

A vida social precisa de “territórios” para existir (leis, instituições, arquiteturas), mas o vitalismo só existe a partir de tensões desterritorializantes que impulsionam e reorganizam esses “territórios”. A vida social deve ser entendida como mobilidade e fluidez e não como arquitetura fechada (poder, classe, instituições). A dinâmica da sociedade se estabelece mais por movimentos de fuga do que por uma essência imutável das coisas. O que interessa são processos, dinâmicas desterritorializantes que marcam o social.¹⁷⁶

A comunidade *Brasileiros no exterior* é apenas uma das dinâmicas reterritorializantes desses imigrantes no ciberespaço. Outro importante meio são os *blogs* de brasileiros residentes fora do país.

Independente da descendência italiana ou não, esse grupo de brasileiros também cria novas territorialidades por meio dos *blogs*. Basta que se verifique a nomeação de alguns deles para entender esse processo. Analisemos alguns exemplos, observados durante a nossa pesquisa:

- *Farofa na neve*¹⁷⁷: farofa é um alimento típico brasileiro, encontrado em quase todo território nacional. Neve é um fenômeno climático que ocorre na Europa (nesse caso, na

¹⁷⁴ CORRÊA, C. H. W. *Op. cit.*, 2009, p. 4.

¹⁷⁵ *Idem.*

¹⁷⁶ LEMOS, A. *Op. cit.*, 2007, online.

¹⁷⁷ <http://farofananeve.blogspot.com/>

Itália). A utilização da preposição *na* (em + a), dá a ideia de “estar em”. Ou seja, algo marcante do território brasileiro “presente” no território italiano.

- *Das Havaianas para a Bota*¹⁷⁸: as sandálias Havaianas tornaram-se um símbolo do Brasil pelo mundo afora. O mapa da Itália tem o formato de uma bota. O blogueiro¹⁷⁹ aliou, assim, dois elementos de representação nacional da Itália e do Brasil. O emprego da preposição *para* nos dá a impressão de transferência, passando a mensagem de que o Brasil estaria “presente” consigo durante a experiência na Itália.

- *Un ragazzo brasiliano in Italia*¹⁸⁰ (Um rapaz brasileiro na Itália): nesse caso, o blogueiro, apesar de utilizar a língua italiana para denominá-lo (um exemplo de multiterritorialidade), emprega a palavra *brasiliano* aliada a preposição *in*, dando também a sensação de que o Brasil está “presente” na Itália.

Na sequência do trabalho vamos analisar como o reforço de territorialidade brasileira no ciberespaço cria novas regionalidades e novas identidades por intermédio dos *blogs*.

Outro exemplo interessante de territorialidade brasileira no ambiente virtual é o movimento *Estado do imigrante*¹⁸¹. O movimento surgiu em 2006, durante a campanha *Brasileirinhos Apátridas*¹⁸², que garantiu a restituição da nacionalidade brasileira nata aos filhos dos brasileiros emigrados¹⁸³. O grupo que participou da campanha percebeu o poder de sua mobilização e agora tem outras reivindicações. O movimento quer que os brasileiros no exterior tenham, inclusive, participação parlamentar para a criação de leis que venham ao encontro de seus interesses.

Como o contato físico entre os brasileiros emigrados é praticamente impossível, o movimento utiliza-se de meios digitais para interagir. O site “Estado do imigrante” é um marco territorial brasileiro no ciberespaço. Chama a atenção a frase no topo da *home page*: “Você está *entrando no* Estado do Emigrante, que será em breve o 28º Estado do Brasil.” O site, assim, configura-se como um território. A frase é uma espécie de alerta, que pode ser lido como uma placa de demarcação: atenção, você está “pisando” no Estado do Imigrante!

¹⁷⁸ <http://anaitobias.blogspot.com/>

¹⁷⁹ Blogueiro(a) é como é chamado quem mantém um blog.

¹⁸⁰ <http://campidelli.blogspot.com/>

¹⁸¹ <http://www.estadodoemigrante.org/>

¹⁸² <http://www.brasileirinhosapatridas.org/>

¹⁸³ O site refere-se à Emenda Constitucional 54/07, Promulgada em 20 de setembro 2007, que restitui a nacionalidade brasileira nata aos filhos de brasileiros nascidos no Exterior. Já publicada no Diário Oficial, a nova lei está em vigor e os registros nos Consulados garantem a nacionalidade brasileira, os passaportes não devem mais ter carimbo e são prova de nacionalidade brasileira nata.



Figura 1 – Capa do site *Estado do imigrante*.

Ainda na capa do site, outras fortes marcas de territorialidade podem ser vistas:

População: Mais de 4 milhões de habitantes.

Território: Tanto o território quanto a população estão dispersos entre cinco continentes.

Governo Executivo: Ministro ou secretário da emigração.

Legislativo: Deputados e senadores eleitos em quatro circunscrições - América Latina, América do Norte, Europa e Ásia.

O Estado do Imigrante tem população, território e sistema político definidos. Tudo isso no ciberespaço. Mesmo que as fronteiras estejam fragmentadas por todos os continentes, a união desses brasileiros emigrados se dá por meio de interesses comuns. Ao nosso ver, são relações de novas regionalidades, aliadas a representações de novas identidades.

2.1.2 Hipertexto: um conjunto de nós na rede

Acreditamos que, para pensar o ciberespaço, precisamos entender o seu caráter hipertextual. Além disso, construímos, intencionalmente, um percurso de maior consistência em relação ao hipertexto neste trabalho, porque o vemos como parte fundamental do sistema que envolve os blogs. Pretendemos, ainda, relacionar as características hipertextuais como

expressões de *novas regionalidades*, ou *ciber-regionalidades* (conceito que discutiremos no quarto capítulo). Para isso é preciso compreender as peculiaridades que envolvem o hipertexto, que é uma das bases da comunicação em rede.

Uma das faces fundamentais da cibercultura, segundo Lúcia Santaella (2004), é a face da linguagem, que é a linguagem da hipermídia¹⁸⁴, caracterizada pela mescla de textos, imagens, vídeos, sons em um todo complexo¹⁸⁵. Seguindo os passos de Lévy, utilizaremos o termo hipertexto também como significado de hipermídia.

Devemos falar de multimídia interativa? De hipermídia? De hipertexto? Escolhemos aqui o termo hipertexto deixando claro que ele não exclui de forma alguma a dimensão audiovisual. Ao entrar em um espaço interativo e reticular de manipulação, de associação e leitura, a imagem e o som adquirem um estatuto de quase-textos.¹⁸⁶

A internet nasceu e cresceu baseada no modelo hipertextual de registro, armazenamento e divulgação de dados. Porém, o termo hipertexto tem origem mais antiga. O físico e matemático Vannevar Bush, em 1945, escreveu o artigo "*As We May Think*" ("O Modo como Pensamos"). Neste artigo ele propôs a criação do "*Memex*", uma máquina cujo nome é a abreviação de "*Memory Extension*". O Memex seria capaz de apresentar dados em uma tela, conforme solicitação do usuário. Segundo Maria Clara Aquino, Vannevar Bush estava preocupado com o armazenamento da grande quantidade de conhecimento científico produzido durante a Segunda Guerra Mundial. A ideia de hipertexto, através do *Memex*, "... permitiria o armazenamento de informações e o acesso a elas de maneira semelhante ao pensamento humano, ou seja, de forma associativa, e não em ordenações hierárquicas."¹⁸⁷ Porém, a palavra hipertexto só surgiu 20 anos depois, criada por Theodor Nelson, através de um projeto chamado *Xanadu*. O intuito era construir uma espécie de biblioteca, através de computadores, em que todo o conhecimento produzido pudesse ser armazenado de forma conectada, melhorando o armazenamento e acesso aos dados¹⁸⁸. Maria Clara Aquino recorda que:

Antes desses sistemas, as formas de representar e recuperar informação eram regidas por sistemas baseados em modelos hierárquicos, classificações numéricas, alfabéticas, ordenações por classes e subclasses e outras formas de taxonomia que

¹⁸⁴ SANTAELLA, L. *Op. cit.*, 2004, p. 44.

¹⁸⁵ *Idem*, p. 46-47.

¹⁸⁶ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1993, p. 33.

¹⁸⁷ AQUINO, Maria Clara. Os blogs na web 2.0: representação e recuperação coletivas de informação. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Sandra; MONTARDO, Sandra. (Orgs.). *Blogs.com - Estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009, p. 238-239.

¹⁸⁸ *Idem*, p. 239.

determinam a busca por meio de palavras-chave em sistemas de vocabulários controlados.¹⁸⁹

Tanto o *Memex* quanto o Projeto *Xanadu* apresentavam características de não-linearidade e coletividade da prática hipertextual. O intuito era percorrer, através do hipertexto, diferentes pontos e realizar uma criação coletiva. No entanto, segundo Aquino¹⁹⁰, a *web* surgiu com o potencial coletivo diminuído, já que eram poucos os usuários que dominavam a linguagem de programação, para criar uma página ou publicar conteúdo na rede.

Marianne Cavalcante diz que, com a tecnologia evoluída a partir da década de 80 surgiu uma nova geração de sistemas, com características de hipermídia. Nessa fase, que se estende até hoje, “a preocupação centra-se na adequação das interfaces com os usuários e os sistemas.”¹⁹¹ Essa evolução permitiu o desenvolvimento de ferramentas baseadas na cooperação¹⁹².

É o novo momento pelo qual passa a *web*, que ganhou a denominação de *web 2.0*, a segunda geração de serviços *online*. Segundo Alex Primo, a *web 2.0* caracteriza-se por “... potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo”¹⁹³. Para Aquino, esses recursos possibilitam o *background* de atuação dos usuários que, via hipertexto, vêm gerenciando a informação na *web*.¹⁹⁴

O hipertexto, ao contrário do que se possa imaginar, sempre fez parte dos processos de fala e escrita. A vida cotidiana é plena de situações hipertextuais. Numa conversa entre amigos, por exemplo, um assunto pode incentivar outros, podem ocorrer interrupções, esquecimentos, com retorno à conversa anterior. Segundo Lévy, uma enciclopédia pode ser considerada um hipertexto. Não existe uma ordem precisa de leitura. Um item pode levar a outro (sumário, tabelas, notas de rodapé, etc.). Nesse sentido, uma biblioteca também

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 239.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 242.

¹⁹¹ CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. & XAVIER, Antonio Carlos. (org.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 164.

¹⁹² São exemplos de cooperação entre usuários na rede os *blogs* e as enciclopédias *online* escritas de forma conjunta pelos usuários, como a *Wikipédia* (www.wikipedia.com), além de sites de publicação de vídeos, como o *Youtube* (www.youtube.com).

¹⁹³ PRIMO, Alex. *O aspecto relacional das interações na Web 2.0*. E-Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007, p.1.

¹⁹⁴ AQUINO, M. C. *Op. cit.*, 2009, p. 242.

funciona como um hipertexto, já que fichários e catálogos constituem os instrumentos de navegação global.¹⁹⁵

No entanto, o suporte digital traz uma diferença considerável ao hipertexto: todas as operações ocorrem de modo muito rápido. Além disso, por meio da digitalização, é possível associar diferentes tipos de mídia. Nesse sentido, o hipertexto digital, para Lévy, “seria definido como informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e ‘intuitiva’.”¹⁹⁶ Se compararmos com as técnicas anteriores de leitura, a digitalização introduz uma pequena revolução:

Não é mais o navegador que segue os instrumentos de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, virando as páginas, deslocando os volumes pesados, percorrendo a biblioteca. Agora é um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor.¹⁹⁷

Talvez por ser *um texto que apresenta muitas facetas*, sua definição implique tantos argumentos. Reunimos as definições de hipertexto de alguns autores, para que possamos seguir o percurso do seu entendimento. Começamos por Pierre Lévy, que em 1990 desenvolveu esta definição:

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou pares de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira.¹⁹⁸

A definição de Levy nos faz pensar sobre a complexidade e extensão que o hipertexto pode atingir, devido a gama de possibilidades que nos fazem acreditar em algo revelador de infinitas interconexões. O autor, em outra publicação, acrescenta que:

O hipertexto é um texto em formato digital, reconfigurável e fluido, (...) composto por blocos elementares ligados por links que podem ser explorados em tempo real na tela. A noção de hiperdocumento generaliza, para todas as categorias de signos (imagens, animações, sons etc.) o princípio da mensagem em rede móvel que caracteriza o hipertexto.¹⁹⁹

¹⁹⁵ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1999a, p. 56.

¹⁹⁶ *Idem.*

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 56.

¹⁹⁸ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1993, p. 33.

¹⁹⁹ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1999a, p. 27.

Nesta definição, o autor acrescentou momentaneidade e movimento como características fundamentais do hipertexto. Os conceitos que encontramos de outros teóricos seguem a base principal do que Lévy apontou: o hipertexto como um conjunto de nós (*links*) dispostos em rede. Nessa linha de pensamento, acrescentamos outras contribuições interessantes e complementares.

Roger Laufer e Domenico Scavetta dizem que o conteúdo do hipertexto pode ser lido de diferentes maneiras e que os nós e ou elementos de informação, “... em vez de estarem ligados uns aos outros como as carruagens de um comboio, estão marcados por elos semânticos que permitem passar um para o outro.”²⁰⁰ Esses elos, como também mostrou Lévy, estão ancorados em zonas, como, por exemplo, numa palavra, frase ou imagem.

Os elos, ou nós, segundo Sérgio Costa, fazem com que o hipertexto seja uma “organização de unidades de informação por meio de associações interligadas”, que possui ligações (*links/hiperlinks*) para diferentes partes do mesmo documento ou ainda para documentos diferentes e que podem ser lidos de diversas maneiras e por diversos caminhos.²⁰¹

Edson Bugay e Vânia Ulbricht adicionam à definição de hipertexto, a forma de leitura. Para os autores, o hipertexto é um tipo específico de hipermedia interativo, não-linear, que permite “ao usuário trabalhar em seu próprio ritmo, nível e estilo, adequado as suas características e interesses.” Através da estrutura flexível do hipertexto, existe uma lógica diferente da leitura linear dos livros. O usuário também pode reaproximar informações e compará-las, tendo a possibilidade de adquirir diferentes abordagens sobre um mesmo assunto.²⁰²

Os conceitos por si já falam muito das características do hipertexto. Porém, além da definição, é preciso que compreendamos outras peculiaridades, como os elementos estruturais, técnicos, mudanças nos papéis de autor e leitor, de escrita e leitura hipertextuais.

Existe liberdade para o usuário transitar entre os documentos hipertextuais, percorrido uma base, conforme Laufer e Scavetta, de três maneiras: seguindo as ligações e abrindo as janelas, uma atrás das outras, para examinar o seu conteúdo; procurando na rede algumas cadeias, palavras-chave, ou valores de atributo; ou ainda, utilizando um navegador de internet que permite visualizar o hiperdocumento em forma de gráfico, em nível local ou global, mostrando, assim, o conteúdo dos nós e de seus elos.²⁰³

²⁰⁰ LAUFER, Roger; SCAVETTA, Domenico. *Texto, hipertexto, hipermedia*. Portugal: Press Universitaires de France, 19--., p. 5.

²⁰¹ COSTA, S.R. *Op. cit.*, 2009, p. 145.

²⁰² BUGAY, Edson Luiz; ULBRICHT, Vânia Ribas. *Hipermedia*. Florianópolis, SC: Bookstore, 2000, p. 41.

²⁰³ *Idem*, p. 63-64.

Essa gama de possibilidades presentes no hipertexto, segundo George Landow, modifica a forma como os usuários lêem os textos. Uma leitura de um artigo na internet, com recursos hipertextuais, apresenta uma riqueza surpreendentemente maior do que a mesma leitura no papel. O autor diz que, no hipertexto, “existiria um sistema muito maior, no qual a totalidade poderia ser mais importante do que o texto”.²⁰⁴ O artigo estaria inserido em diferentes contextos, diferentemente de sua forma impressa.

Para demonstrar os múltiplos contextos em que o hipertexto está inserido, Landow realizou três diferentes relações, com: intertextualidade, polifonia e descentramento. Na relação com a *intertextualidade*, o autor diz que o hipertexto é fundamentalmente intertextual. A intertextualidade é uma característica hipertextual mesmo em ambientes não eletrônicos, como os livros, por exemplo. Já no ambiente virtual, essa característica se acentua pelas infinitas possibilidades de relações existentes entre os nós hipertextuais.²⁰⁵

Em analogia com a *polifonia*, Landow diz que o hipertexto não tolera uma voz tirana, única. O autor se utiliza dos estudos de Bakhtin sobre o romance dialógico e polifônico, para explicar que o hipertexto não se constituiu como totalidade de uma só consciência, mas sim como a totalidade das interações de várias consciências, das quais nenhuma se faz inteiramente objeto de outra. A voz do hipertexto é sempre a que nasce no momento da leitura, daquilo que emerge desse processo.²⁰⁶

Na relação com o *descentramento*, Landow afirma que uma das características fundamentais do hipertexto é a sua composição em forma de blocos de outros textos coligados entre si e que não são organizados em um eixo principal. Os leitores se movem através de uma rede de textos, cujo centro se desloca continuamente e, por consequência, também se desloca o princípio de organização. O hipertexto fornece um sistema multifocal, cujo ponto de focalização transitório depende do leitor, que se torna um leitor autenticamente ativo.²⁰⁷

Conforme veremos na sequência, não só o leitor, mas o autor e o texto sofrem modificações no sistema hipertextual. Um dos motivos que causam essas mudanças é a disposição hipertextual em nós. Para Mariane Cavalcante, o que torna um texto “hiper”, são seus *links*. Eles têm papel relevante na construção de sentido dos hipertextos. Segundo a autora, são eles que garantem a arquitetura do texto no ambiente virtual, já que monitoram o leitor para um exterior discursivo. Os *links*, conhecidos como *nós*, promovem a ligação entre

²⁰⁴ LANDOW, George P. *Iper testo: il futuro della scrittura*. Bologna: Baskerville, 1993, p. 7. Tradução da autora para: “esisterebbe come parte di un sistema molto più grande, in cui la totalità potrebbe essere più importante del singolo documento.”

²⁰⁵ *Idem*, p. 13.

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 14.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 15.

os fragmentos de informação. As ligações realizadas através dos *links* “...promovem a abertura para outros textos, mas nunca qualquer texto.”²⁰⁸ Ou seja, as conexões entre os textos seguem uma motivação.

O hipertexto, continua Cavalcante, pode ser visto como um mapeamento de possíveis associações entre os textos, que estão coligados por uma rede de complementação entre eles.

Conforme a autora:

A tessitura hipertextual funciona como uma representação das redes de sentido que estabelecemos na leitura de um texto qualquer. Os links seriam as representações dessas redes que o autor propositalmente apresenta ao leitor, como estratégia de marcar seu próprio percurso enquanto autor, seu estilo, sua história, seu lugar de autoria, e delineando que caminhos o leitor pode perseguir nesta(s) leitura(s).²⁰⁹

No hipertexto, o autor dispõe os textos e *links* com o intuito de organizar um percurso para o leitor. Segundo Fabiana Komesu, “o autor do hipertexto costuma ser concebido como o que organiza a estrutura textual, assinalando os *links* que orientam as escolhas do leitor em sua trajetória no meio eletrônico.”²¹⁰

No entanto, textos interligados no ambiente virtual não têm a capacidade de limitar uma segmentação de leitura. Para Landow, o hipertexto muda os conceitos de início e fim de um texto. O leitor pode iniciar o percurso de vários pontos diferentes, escolhendo diferentes destinos, além da possibilidade de continuar realizando adições ao texto, expandi-lo, deixá-lo com algo a mais de quando iniciaram a lê-lo.²¹¹ Assim, o sentido de “fim” é o que sofre maior alteração.

De acordo com Lúcia Santaella, a linearidade do texto é quebrada através da operação de associação entre nós e nexos. Os nós são unidades básicas de informação do hipertexto que, além do texto verbal, estão integrados em tecnologias que são capazes de produzir som, fala, ruído, gráficos, desenhos, fotos, vídeos etc. São recursos multimídia que também servem como nós no cenário hipertextual. As conexões estabelecidas por esses nós podem ser de múltiplos tipos: entre nós, entre nó e texto, entre texto e nós etc.²¹² O trajeto a ser seguido é um percurso de descobertas. Cada *link* ultrapassado abre um caminho de possibilidades.

As conexões entre os nós nos sistemas hipertextuais geram uma espécie de “cadeia de montagem”, de acordo com Landow. “Depois de ser inserido em uma rede de coligamentos

²⁰⁸ CAVALCANTE, M. C. *Op. cit.*, 2004, p. 166.

²⁰⁹ *Idem*, 167.

²¹⁰ KOMESU, Fabiana Cristina. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Campinas, UNICAMP, 2005, p. 192.

²¹¹ LANDOW, G.P. *Op. cit.*, 1993, p. 73-74.

²¹² SANTAELLA, L. *Op. cit.*, 2004, p. 49-50.

eletrônicos, um documento não existe mais como uma entidade autônoma.”²¹³ O relacionamento com outros textos é inevitável. Um documento em rede é um potencial colaborador para outros documentos do mesmo sistema. O hipertexto, dessa maneira, em relação ao texto impresso, coloca em questão a sequência pré-fixada, o início e o fim predefinidos, o “tamanho” do texto e a unidade do todo. Landow diz que “a conexão hipertextual, que tende a mudar o papel do autor e do leitor, desloca também os limites do texto.”²¹⁴ Acreditamos que o hipertexto é marcado, assim, por uma *não-delimitação* que, mesmo parecendo confusa, é ultrapassada pelo leitor, capaz de transitar entre os pontos internos e externos do documento.

Se o leitor tem novo papel na leitura, o autor também encontra novas condições de produção. Landow mostra que, antes de tudo, a figura do autor hipertextual se aproxima àquela do leitor. “O hipertexto, que cria um leitor ativo, até mesmo invasor, traz essa convergência de atividades ainda mais próxima a sua realização, mas assim fazendo, apropria-se do poder do autor, tira-lhe uma parte e a confia ao leitor.”²¹⁵ Nesse sentido, leitor e autor não só se confundem, mas também trabalham juntos.

No hipertexto, autor e leitor realizam ações coletivas. Ambos os papéis sofrem importantes modificações, se comparados com o texto escrito no papel. São as novas configurações que o hipertexto traz para as duas partes. Segundo Pierre Lévy, o navegador participa da redação ou pelo menos da edição do texto, como parte ativa na sua organização final.²¹⁶

Do ponto de vista do leitor, “se definirmos um hipertexto como um espaço de percurso para leituras possíveis, um texto aparece como uma leitura particular de um hipertexto.” O navegador participa, assim, da redação do texto que lê. “Tudo se dá como se o autor de um hipertexto constituísse uma matriz de textos potenciais.” O navegador tem o papel de realizar alguns desses textos, cada um da sua maneira, oportunizando combinações entre os nós.²¹⁷

Assim, o leitor torna-se autor, ao participar da estruturação do texto. “Não apenas irá escolher quais *links* preexistentes serão usados, mas irá criar novos *links*, que terão um sentido

²¹³ LANDOW, G.P. *Op. cit.*, 1993, p. 108. Tradução da autora para: “Dopo essere stato inserito in una rete di collegamenti elettronici, un documento non esiste più come entità autonoma.”

²¹⁴ *Idem*, p. 77. Tradução da autora para: “Il collegamento ipertestuale, che tende a cambiare i ruoli dell’autore e del lettore, sposta anche i confini del singolo testo.”

²¹⁵ *Ibidem*, p. 87. Tradução da autora para: “L’ipertesto, che crea un lettore attivo, addirittura invadente, porta questa convergenza di attività ancora più vicino al suo compimento; ma così facendo usurpa il potere dell’autore, gliene toglie una parte e la affida al lettore.”

²¹⁶ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1996, p. 45.

²¹⁷ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1999a, p. 57.

para ele e que não terão sido pensados pelo criador do hiperdocumento.”²¹⁸ O leitor, assim, participa da estruturação do hipertexto.²¹⁹ Segundo Lévy:

Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais que o leitor inventa podem ser incorporados à estrutura mesma dos corpus. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita.²²⁰

Por esse motivo, Levy diz que “com o hipertexto, toda leitura é uma escrita potencial.”²²¹ A *leitura/escrita* é organizada conforme os próprios interesses do leitor. O material de leitura, para Landow torna-se “um documento-índice que o leitor utiliza para orientar-se e para decidir para que lugar pretende ir.”²²² É um sistema descentralizado e ao mesmo tempo focalizado, já que o hipertexto transforma qualquer documento, com mais de uma conexão para outro, em um centro transitório.

Para transitar no território hipertextual, o leitor, segundo Lúcia Santaella, torna-se um *leitor imersivo*. Para a autora:

É uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis. É, pois, uma leitura topográfica que se torna literalmente escritura, pois, na hipermídia, a leitura é tudo e a mensagem só vai se escrevendo na medida em que os nexos são acionados pelo leitor-produtor.”²²³

Esse tipo de leitura, de acordo com a autora, faz emergir também transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas, que têm um ritmo marcado pela agilidade dos movimentos multidirecionais, “com que o olhar do infonauta varre ininterruptamente a tela, na movimentação multiativa do ponteiro do *mouse* e na velocidade com que a navegação é executada.”²²⁴ Essas características substituem o automatismo cerebral pela mente distribuída, que realiza várias operações ao mesmo tempo, como ler, escutar e olhar.²²⁵

Devido a característica de leitura multidirecionada, o hipertexto gera uma modificação radical no modo de pensar a escrita, da propriedade intelectual e da atividade de colaboração.

²¹⁸ Idem.

²¹⁹ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1996, p. 45.

²²⁰ Idem, p. 46.

²²¹ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1999a, p. 61.

²²² LANDOW, G. P. *Op. cit.*, 1993, p. 15. Tradução da autora para: “un documento-índice che il lettore utilizza per orientarsi e per decidere dove andare in seguito.”

²²³ SANTAELLA, L. *Op. cit.*, 2004, p. 175.

²²⁴ Idem, p. 181.

²²⁵ *Ibidem*, p. 182.

Segundo Santaella, “a grande marca identificatória do leitor imersivo está sem dúvida na interatividade”.²²⁶ Autores e leitores interagem e colaboram entre si. A escrita hipertextual, conforme Landow, torna-se colaborativa em dois sentidos. O primeiro surge quando os papéis de leitor e autor se confrontam, visto que o leitor ativo coopera com o autor na produção de um texto, através das suas escolhas. O segundo sentido de colaboração acontece quando se confrontam diferentes autores.²²⁷ Cria-se uma relação em que todos colaboram com todos.

Um único texto, salvo na memória de um único computador, pode estar presente em um número infinito de conexões. Para Lévy:

Os dispositivos hipertextuais nas redes digitais *desterritorializaram* o texto. Fizeram emergir um texto sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Não há mais um *texto*, discernível e individualizável, mas apenas *texto*, assim como não há *uma água* e *uma areia*, mas apenas *água* e *areia*. O texto é posto em movimento, envolvido em um fluxo, vetorizado, metamórfico. Assim está mais próximo do próprio movimento do pensamento, ou da imagem que hoje temos deste. Perdendo sua afinidade com as ideias imutáveis que supostamente dominariam o mundo sensível, o texto torna-se análogo ao universo de processos ao qual se mistura.²²⁸

A disponibilidade de textos *flutuantes*, que atingem qualquer ponto do planeta, oferece liberdade de leitura. Os leitores modificam e acrescentam *links* (textos, imagens etc.), conectam um hiperdocumento a outro e, dessa forma, transformam em um único documento hipertextos que antes eram separados ou, de acordo com o ponto de vista, traçam *links* hipertextuais entre um grande número de documentos. Assim, para Pierre Lévy, os hiperdocumentos digitais são instrumentos de “escrita-leitura coletiva”²²⁹ que criam, segundo o autor, um imenso hipertexto em crescimento ininterrupto.²³⁰

Alex Primo e Raquel Recuero falam da escrita coletiva como *hipertexto cooperativo*, que se realiza pela “interação entre os interagentes”²³¹. O hipertexto potencial apresenta uma previsão de caminhos e movimentos possíveis. É o internauta o responsável pelas mudanças, já que o hipertexto permanece com a sua redação original.

Os autores apontam o blog e a wikipédia como dois exemplos de construção coletiva de hipertextos. O processo inicia em torno da geração de um produto textual comum, organizado a partir das colaborações de um grupo. “Enquanto um blog pode ter um ‘proprietário’ e a participação de outros interagentes se dá em um espaço secundário, em

²²⁶ *Ibidem*, p. 181.

²²⁷ LANDOW, G. P. *Op. cit.*, 1993, p. 106-107.

²²⁸ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1996, p. 48.

²²⁹ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1999a, p. 57.

²³⁰ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1996, p. 46.

²³¹ PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. *Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia*. Revista da FAMECOS, n. 22, p. 54-63, Dez. 2003, p. 55.

sistema Wiki – como na Wikipédia (...) todos os colaboradores têm direito de escrever e reescrever qualquer texto.”²³²

A quantidade de informação produzida na rede é enorme. E o hipertexto tem como característica a concentração dessa gama de informação. Ele pode consistir de centenas ou milhares de nós, em uma rede densa de nexos. Porém, para Lúcia Santaella, nem sempre a infinidade de possibilidades é positiva, já que a navegação pode “se transformar em desorientação se o receptor não for capaz de formar um mapa cognitivo, mapeamento mental do desenho estrutural de um documento.”²³³ Segundo Laufer e Scavetta, esse é o cartograma de navegação, que gera associações imprevisíveis.²³⁴ O autor pode dar algumas coordenadas, pois tem em mãos funcionalidades desiguais para criar nós e elos que representam e modificam a estrutura do hiperdocumento. Porém, o destino de leitura foge das mãos do autor.

Todo o “poder” que detém o leitor pode passar a ideia de total democracia e liberdade de navegação. Porém autores como André Lemos têm uma posição crítica em relação ao assunto. O autor diz que essa liberdade nem sempre é válida, principalmente quando a referência são os portais, que ele chama de “*portais-currais*”:

Febre da rede e paliativo contra o suposto excesso de informação, os Portais-currais configuram-se como estrutura de informação (conteúdo) que nos tratam como bois digitais forçados a passar por suas cercas para serem aprisionados em seus calabouços interativos. Devemos nos afogar em números.²³⁵

Pensando dessa maneira, os portais trariam certa delimitação do caminho a ser seguido, forçariam a execução de um percurso que obedece aos patrocínios do portal. Quando o hipertexto passa à esfera comercial, os caminhos aparecem como mapas com rotas de sentido quase único, o que demonstra que a autonomia do leitor não é totalmente uma realidade.

Não podemos esquecer, no entanto, que a internet é um veículo comercial, e, como tal, para se manter precisa do dinheiro do mercado publicitário. Se o usuário, num simples toque, ou preenchendo um campo com o assunto que lhe interessa alcançasse o objetivo, a exposição à propaganda seria muito menor.

Fabiana Komesu, também questiona a liberdade dos navegadores através dos nós hipertextuais, porém com outro foco. Para a autora, “os célebres traços de liberdade de

²³² PRIMO, A. e RECUERO, R. *Op. cit.*, 2003, p. 55.

²³³ SANTAELLA, L. *Op. cit.*, 2004, p. 50-51.

²³⁴ LAUFER, R. e SCAVETTA, D. *Op. cit.*, 19-- , p. 114.

²³⁵ LEMOS, André. *Morte aos Portais*. Jun 2000. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/portais.html> . Acesso em 19 Ago 2009.

expressão ou liberdade de escolha nos parecem incertos se se pensar que o usuário da internet não deixa de estar (de ser) sujeito das relações de poder que atravessam as práticas discursivas na sociedade.”²³⁶ Concordamos com a autora, pois usuários dos sistemas hipertextuais são pessoas que vivem em uma sociedade regida por um *poder simbólico*²³⁷ e, como tal, não podem agir de outra forma, senão como agentes de sua cultura.

2.1.3 A interação na Comunicação Mediada por Computador (CMC)

O caráter de interconexão do ciberespaço torna-o um canal de interatividade. Segundo Pierre Lévy, “a tendência à interconexão provoca uma mutação física na comunicação: passamos das noções de canal e de rede a uma sensação de espaço envolvente.”²³⁸ Assim, todo o espaço se torna um canal interativo. Outra característica, nessa linha, é que a cibercultura aponta para uma civilização da telepresença generalizada. A física da comunicação é superada, ocorre a interconexão da humanidade em um contínuo sem fronteiras. Assim, a interconexão no ciberespaço tece um “universal por contato”.²³⁹

A interatividade é um assunto que está na moda, principalmente pelo uso indiscriminado em relação às tecnologias informáticas e de comunicação. Porém, o conceito de interatividade, de acordo com Lúcia Santaella (2004), nasceu com a física, passou pela sociologia e psicologia, antes de chegar à comunicação. Analisando semanticamente o termo, a autora diz que a interatividade tem a ver com ação (sentido de operação), agenciamento (sentido de intertrabalho), correlação (influência mútua) e cooperação (sentidos de contribuição, co-agenciamento, sinergia e simbiose), das quais empresta seus significados.²⁴⁰

Uma definição básica, sugerida por Santaella é que a interatividade “é um processo pelo qual duas ou mais coisas produzem um efeito sobre a outra ao trabalharem juntas.”²⁴¹ A autora diz que o termo interatividade fica mais significativo em sistemas nos quais o *feedback* do receptor é utilizado pela fonte, seja ela humana ou computacional, modificando continuamente a mensagem.

²³⁶ KOMESU, F. C. *Op. cit.*, 2005, p. 194.

²³⁷ Pierre Bourdieu diz que o poder simbólico é “o poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” (BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 7-8.).

²³⁸ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1999a, p. 127.

²³⁹ *Idem*.

²⁴⁰ SANTAELLA, L. *Op. cit.*, 2004, p. 153.

²⁴¹ *Idem*, p. 154.

Na comunicação mediada por computador, o sistema clássico de comunicação (emissor-mensagem-receptor) dá lugar a uma nova modalidade interativa. Segundo Santaella:

O emissor não emite mais mensagens, mas constrói um sistema com rotas de navegação e conexões. A mensagem passa a ser um programa interativo que se define pela maneira como é consultado, de modo que a mensagem se modifica na medida em que atende às solicitações daquele que manipula o programa. Essas manifestações se processam por meio de uma tela interativa ou interface que é lugar e meio para diálogo. Por intermédio de instrumentos materiais (tela, mouse, teclado) e imateriais (linguagem de comando), o receptor transforma-se em usuário e organiza sua navegação como quiser (...).²⁴²

Para Santaella, a liberdade na construção ou execução de um percurso entre os agentes no ciberespaço fazem com que a interatividade seja responsável, também, pela construção do hipertexto na rede. O leitor, por meio de nós e redes multilineares, cria um percurso imprevisível no processo de interação com a máquina. A ênfase não está na autoria, mas nas “mensagens em circuito”. “A mensagem em circuito é tanto dirigida quanto dirigível por nós.”²⁴³ Os nós hipertextuais, nesse sentido, são conexões que permitem interações tanto com a máquina, como com outros usuários.

Alex Primo (2008) define interação como “ação entre”. Ele classifica a interação mediada por computador em dois tipos: a *interação mútua* e a *interação reativa*. Uma das razões dessa classificação é porque o autor acredita que o termo “interatividade” vem sendo utilizado imprecisamente. É preciso que se identifiquem claramente as diferenças de interação no relacionamento entre homens e máquinas.

A *interação mútua* é caracterizada por ações interdependentes dos interagentes, que têm papel ativo no relacionamento:

Cada ação expressa tem um impacto recursivo sobre a relação e sobre o comportamento dos interagentes. Isto é, o relacionamento entre os participantes vai definindo-se ao mesmo tempo que acontecem os eventos interativos (nunca isentos dos impactos contextuais).²⁴⁴

Assim, a interação mútua é um constante “vir a ser”, atualizado em cada ação entre os interagentes. Nesse sentido, a interação não se caracteriza simplesmente pela soma de ações individuais.

²⁴² *Ibidem*, p. 163.

²⁴³ *Ibidem*, p. 165.

²⁴⁴ PRIMO, Alex. Interação. CD-ROM - anexo digital do livro *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*, 2003. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/livroimc/autor.htm>. Acesso em: 19 Mai 2010.

Já a *interação reativa* dá-se por automatismo, são predeterminações que condicionam trocas. Diferentemente das interações mútuas, “as reativas precisam estabelecer-se segundo determinam as condições iniciais (relações potenciais de estímulo-resposta impostas por pelo menos um dos envolvidos na interação).”²⁴⁵ As relações, deste modo, são previsíveis.

Primo diz, ainda, que muitos relacionamentos não se realizam exclusivamente por um único canal. Assim, é possível que haja simultaneidade entre interação mútua e reativa, ocasionando uma *multi-interação*.²⁴⁶ É o que acontece, por exemplo, quando alguém está em um *chat*. Ao mesmo tempo em que conversa com outro internauta, interage com a interface do *software*, com o *mouse*, ou teclado.

Quando falamos em processos de interação na comunicação mediada por computadores precisamos entendê-la, também, em relação às características da *Web 2.0*. Segundo Primo, os novos recursos repercutem na esfera social, pois potencializam os processos de trabalho coletivo, troca afetiva, produção e circulação de informações. Para o autor, mais do que o conteúdo, são as formas interativas que estão em jogo.²⁴⁷ Na primeira geração da *Web*, os sites eram vistos de forma isolada. Hoje, tratam-se de estruturas integradas. “Mais do que um acúmulo de ações sequenciais ou uma troca “bancária” (de tipo “toma-lá-dá-cá”), os interagentes constroem entre si um relacionamento.”²⁴⁸

Os blogs são um exemplo do que os recursos da *web 2.0* podem fazer em termos de interação na rede. A troca de informações, a colaboração entre os blogueiros, que constroem conteúdo coletivo, são características da blogosfera²⁴⁹.

2.2 O universo dos blogs

Neste segmento do trabalho, pretendemos dar uma visão geral sobre o universo dos blogs, inserido dentro do contexto das comunidades virtuais, além de apresentarmos questões de história, definição e características da ferramenta, como os limites entre público x privado e a importância do “outro”.

²⁴⁵ *Idem*.

²⁴⁶ *Ibidem*.

²⁴⁷ PRIMO, A. *Op. cit.*, 2007, p. 1-2.

²⁴⁸ *Idem*, p. 8.

²⁴⁹ Blogosfera é o conjunto de blogs existentes no ciberespaço.

2.2.1 Comunidades virtuais

Para falarmos sobre blog, precisamos entender a dinâmica na qual ele está inserido. Um conjunto de blogs interligados por interesses comuns forma uma comunidade virtual que, por sua vez, faz parte das redes sociais na internet.

Rede social é uma metáfora, segundo Recuero, para “... observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores.”²⁵⁰ Essa abordagem de rede - entre os atores (pessoas, instituições, grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)-, tem o foco na estrutura social, cujas conexões não podem ser isoladas dos atores sociais.

Com o advento da internet, as redes sociais surgiram também no ambiente virtual, já que as ferramentas de comunicação mediada por computador (CMC) possibilitaram novas formas de expressão e socialização. De acordo com Recuero (2009), essas ferramentas permitiram, também, o reconhecimento dos rastros deixados pelos sujeitos, permitindo a visualização de suas redes sociais.

Percebe-se, nas redes sociais de qualquer tipo, a formação de grupos de interesses comuns: as comunidades. No ambiente virtual não é diferente. Os sites de comunidades virtuais são cada dia mais populares, agregando cada vez mais adeptos. No Brasil, por exemplo, de acordo com o *IBOPE Nielsen Online*, os sites de redes sociais, blogs, bate-papos, fóruns e outros sites de relacionamento, atingiram em fevereiro de 2010, 31,7 milhões de pessoas, ou um alcance de 86,3% dos usuários ativos, o maior entre os dez países em que é feita a pesquisa.²⁵¹

Porém, antes de entrarmos especificamente na questão das comunidades *virtuais*, entendemos que seja importante pensar, mesmo que brevemente, o sentido do termo “comunidade”. Acreditamos que, entendendo o sentido de sua origem e suas características, podemos compreender melhor o fenômeno das comunidades no ambiente virtual.

Um dos principais debates acerca do termo “comunidade” é a oposição binária que faz com o termo “sociedade”. Quem primeiro discutiu o tema foi Ferdinand Tönnies, no século XIX. Resumidamente, o autor diz que a comunidade estaria marcada, predominantemente, pela “vontade natural” dos indivíduos em fazer parte, enquanto a sociedade estaria marcada pela “vontade arbitrária” imposta aos seus membros. Para Tönnies, “toda convivência confidencial, íntima e exclusiva (...) é entendida como vida em comunidade; a sociedade, ao

²⁵⁰ RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 24.

²⁵¹ Fonte: www.ibope.com.br

invés, é o público, é o mundo.”²⁵² O autor entende que as pessoas ligam-se à comunidade pelo nascimento, enquanto a sociedade seria uma espécie de terra estrangeira.

Zygmunt Bauman (2003) faz uso da mitologia grega para ilustrar o sentido do termo comunidade. O autor fala do castigo que Tântalo recebeu por ter revelado mistérios dos deuses. Tântalo foi mergulhado até o pescoço em um regato. Quando se abaixava para beber água, o líquido sumia. Sobre sua cabeça havia um ramo de frutas. Quando ele estendia a mão para pegá-lo, um forte vento soprava o alimento para longe.

O mito foi utilizado para exemplificar o fato de que enquanto somos inocentes somos felizes e que a perda da inocência é um caminho sem volta. O mesmo aconteceria com a comunidade. O autor diz que a comunidade é uma imersão ingênua da união humana, um círculo aconchegante, onde não há espaço para o que está do lado de fora. Segundo Bauman, o entendimento compartilhado que cria a comunidade acontece de forma natural. A convivência neste círculo vira um hábito “que não precisa mais ser repensado, e muito menos monitorado ou controlado.”²⁵³ Essas são relações inconscientes.

No entanto, segundo o autor, só percebemos verdadeiramente o sentido de comunidade quando tomamos consciência da sua existência, ou seja, quando entramos em contato com o diferente. Assim, quando o entendimento compartilhado vira autoconsciente, a comunidade não sobrevive. “Isso acontece porque a comunidade é fiel a sua natureza (ou a seu modelo ideal) apenas na medida em que ela é distinta de outros agrupamentos humanos (é visível ‘onde a comunidade começa e onde termina’).”²⁵⁴

Esse modelo, portanto, só permanece intacto, feito de homogeneidade e mesmidade, até o momento em que a comunidade inicia a comunicação com o mundo externo e passa a estabelecer trocas. Os meios mecânicos de transporte, por exemplo, facilitaram a transposição das distâncias, que eram a defesa mais formidável das comunidades. O advento da informática dissipou de vez as distâncias, já que a informação passou a viajar independente de seus portadores. Dessa forma, “a fronteira entre o ‘dentro e o fora’ não pôde mais ser estabelecida e muito menos mantida.”²⁵⁵

²⁵² TÖNNIES, Ferdinand. *Comunità e Società*. Milão: Edizioni di Comunità, 1979, p. 45. Tradução da autora para: “Ogni convivenza confidenziale, intima, esclusiva (...) viene intesa come vita in comunità; la società è invece il pubblico, è il mondo.”

²⁵³ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca da segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 16.

²⁵⁴ *Idem*, p. 17.

²⁵⁵ *Ibidem*, p. 18-19.

De acordo com Bauman, uma vez desfeita, a comunidade não tem mais como voltar às origens. Porém, os indivíduos continuam a procurar por novas formas de viver em comunidade:

Como observou recentemente Eric Hobsbawn, “a palavra ‘comunidade’ nunca foi utilizada de modo mais indiscriminado e vazio do que nas décadas em que as comunidades no sentido sociológico passaram a ser difíceis de encontrar na vida real”; e comentou que “homens e mulheres procuram por grupos a que poderiam pertencer, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo se move se desloca, em que nada é certo”.²⁵⁶

O colapso da comunidade, segundo Bauman, incentiva a invenção de novas identidades. Assim, as pessoas procuram novos grupos com os quais se identificar. Nesse sentido, o termo “identidade” torna-se substituto para “comunidade”²⁵⁷. É uma forma de viver a comunidade, porém, de uma forma imaginada.

Poderíamos aqui relacionar a busca pela vida em comunidade com a metáfora de “tribos urbanas”, de Michel Maffesoli (2000). O autor diz que a sociabilidade dos nossos dias é marcada pelo vaivém de tribos. O neotribalismo, “trata menos de se agregar a um grupo, a uma família ou a uma comunidade do que ir e vir de um grupo a outro.”²⁵⁸ Ao contrário da estabilidade do tribalismo clássico, “é caracterizado pela fluidez, as reuniões pontuais e a dispersão.”²⁵⁹

Maffesoli fala das megalópoles modernas, em que se percebe a presença de adeptos do *jogging*, do *punk*, do *look retrô*, etc. Esse é um cenário, conforme o autor, onde ocorrem condensações instantâneas, mas com grande investimento emocional.²⁶⁰ Poderíamos pensar, nesse sentido, que as comunidades virtuais são uma espécie de novas tribos. São pessoas com interesses comuns que se agrupam na *web*, sem obrigatoriedades, sem contratos. São livres para escolher qual comunidade fazer parte, são livres para sair ou permanecer no grupo.

Pode parecer uma contradição, mas a informática, que teria contribuído para a ruína do sentido de comunidade, é também a que possibilita inúmeros contatos com diferentes comunidades virtuais. Podemos dizer que são uma alternativa ao individualismo, assim como são as comunidades de blogs.

Howard Rheingold (1994) foi um dos pioneiros a abordar o tema “comunidade virtual”. Para o autor, as comunidades virtuais são agregações sociais que surgem na internet,

²⁵⁶ *Ibidem*, p. 20.

²⁵⁷ *Ibidem*, p. 20.

²⁵⁸ MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000, prefácio.

²⁵⁹ *Idem*.

²⁶⁰ *Ibidem*.

através do interesse comum de um número suficiente de pessoas, que encontram-se para discutir de tudo um pouco:

Os usuários de comunidades virtuais trocam na tela do computador palavras gentis, discutem, dão vida a debates intelectuais, fazem transações, trocam conhecimentos, sustentam-se emotivamente de forma recíproca, fazem projetos, procuram soluções inteligentes, fazem fofoca, vingam-se, apaixonam-se, encontram e perdem amigos, brincam, paqueram, discutem sobre arte e jogam conversa fora: mais ou menos tudo o que acontece na vida real, mas deixando o corpo de fora.²⁶¹

Nesse ambiente, Rheingold diz que formam-se teias de relações pessoais, pois as comunidades virtuais “são núcleos sociais que nascem na Rede quando algumas pessoas participam constantemente de debates públicos e constroem relações interpessoais no ciberespaço.”²⁶² Para o autor, não basta que se coloque uma série de ferramentas à disposição do usuário. É preciso que ele tenha interesses comuns aos demais membros do grupo e, também, um sentimento de comunidade.

As comunidades virtuais, como apresentado anteriormente, são redes sociais e, por isso, também apresentam características que envolvem os “atores” e suas “conexões”. Nesse sentido, Recuero diz que “a estrutura básica da comunidade na rede social é aquela de um *cluster*, ou seja, de um aglomerado de nós com maior densidade de conexões.”²⁶³ Essas conexões são pontos de interação entre os sujeitos. Segundo a autora:

A comunidade virtual é um conjunto de atores e suas relações que, através da interação social em um determinado espaço, constitui laços e capital social em uma estrutura de *cluster* através do tempo, associado a um tipo de pertencimento. Assim, a diferença entre a comunidade e o restante da estrutura da rede social não está nos atores, que são sempre os mesmos, mas sim nos elementos de conexão, nas propriedades das redes.²⁶⁴

Dessa forma, não existe comunidade virtual se não existirem conexões entre os nós. Para Lévy, o desenvolvimento dessas comunidades apóia-se na interconexão, pois elas são construídas “sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em

²⁶¹ RHEINGOLD, Howard. *Comunità virtuali: Parlare, incontrarsi, vivere nel ciberespaio*. Milão: Sperling & Kupfer Editori S.p.A., 1994, p. 4. Tradução da autora para: “Gli utenti delle comunità virtuali si scambiano sullo schermo parole gentili, discutono, danno vita a dibattiti intellettuali, effettuano transazioni, si scambiano conoscenze, si danno reciprocamente un sostegno emotivo, fanno progetti, cercano soluzioni brillanti, fanno pettegolezzi, si vendicano, si innamorano, trovano e perdono amici, giocano, flirtano, discutono di arte e fanno mostissime chiacchiere: più o meno tutto quello che succede nella vita reale, mas lasciando fuori il corpo.”

²⁶² *Idem*, p. 333.

²⁶³ RECUERO, R. *Op. cit.*, 2009, p. 135.

²⁶⁴ *Idem*, p. 144-145.

um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.”²⁶⁵

Acreditamos que uma das principais características que dão sentido à comunidade, virtual ou não, seja realmente seus pontos de conexão, de “interação”. Nas comunidades mediadas por computadores este é um ponto evidente, que denota o grau de pertencimento e comprometimento do indivíduo com uma ou mais comunidades.

2.2.2 Blogs: história, definição e características

Os blogs tornaram-se tão populares, que viraram foco de pesquisa dentro e fora das universidades, inclusive como pesquisa de mercado. É praticamente impossível saber o número de blogs existentes hoje. O *Techorati*, indexador de diários virtuais, em levantamento realizado em 2007, apresentou o número de 70,6 milhões de blogs no mundo.

A história dos blogs pode ser considerada recente, afinal são pouco mais de dez anos de existência. Atualmente, utilizamos simplesmente a palavra *blog*, que é a corruptela de *weblog*. Denise Schittine explica que o termo *weblog* “é uma contração entre *web* (página na internet) e *log* (diário de bordo).”²⁶⁶

Segundo Rebecca Blood²⁶⁷, quem criou o termo *weblog* foi o norte-americano Jorn Barger, do site *Robot Wisdom*²⁶⁸, em 1997. Naquela época, o *weblog* não tinha muita diferença de um site pessoal comum, pois era uma espécie de filtro na rede, um espaço para divulgação de *links* e dicas de *websites*. O *weblog* popularizou-se na época, porém, somente entre os conhecedores da linguagem HTML²⁶⁹. Em agosto de 1999 a empresa *Pyra*²⁷⁰ lançou o *Blogger*²⁷¹, uma ferramenta que difundiu rapidamente o *weblog*, pois oferecia recursos para a criação de blogs sem a necessidade de conhecimentos técnicos para tal. Esse foi o principal passo para evolução do número de usuários.

²⁶⁵ LÉVY, P. *Op. cit.*, 1999a, p.128.

²⁶⁶ SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 12.

²⁶⁷ BLOOD, Rebecca. *Weblogs: A History and Perspective*. Rebecca's Pocket. 07 Setembro/ 2000. Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html. Acesso em: 03 Mar 2009.

²⁶⁸ <http://www.robotwisdom.com>.

²⁶⁹ HTML (*Hypertext Markup Language*) é a linguagem na qual baseia-se grande parte da programação de *websites*.

²⁷⁰ <http://www.pyra.com>

²⁷¹ <http://www.blogger.com> (Obs.: O *Blogger* foi comprado pelo *Google* em 2004)

Talvez os blogs sejam o maior exemplo da pluralidade que envolve a rede mundial de computadores, um ambiente marcado pela heterogeneidade. Por isso, para compreender a ferramenta, é preciso saber que conceitos estanques não combinam com suas características.

Fabiana Komesu analisou a definição de blog dos três maiores sites brasileiros que os hospedam: O *Blogger*²⁷², o *Blig*²⁷³ e o *Weblogger*²⁷⁴. A autora percebeu, nos três casos, que o blog é identificado, principalmente, como *diário íntimo*. Além da função de diário, a autora, identificou outras características, que reuniu na seguinte definição:

O blog pode ser definido, portanto, como uma página *web*, composta de parágrafos dispostos em ordem cronológica (dos mais aos menos atuais colocados em circulação na rede), atualizada com frequência pelo usuário. O dispositivo permite a qualquer usuário a produção de textos verbais (escritos) e não-verbais (com fotos, desenhos, animações, arquivos de som), a ação de copiar e colar um *link* e sua publicação na *web*, de maneira rápida e eficaz, às vezes, praticamente simultânea ao acontecimento que se pretende narrar.²⁷⁵

Os sites que hospedam blogs se auto-definem, principalmente, pelo caráter técnico do programa desse tipo de publicação na rede. Podemos dizer que o “formato base” dos blogs oferecidos pelos sites segue um padrão, com características distintas desse tipo de publicação, oportunizando algumas das ações descritas acima na definição apresentada por Komesu. Vejamos alguns dos elementos básicos que compõe um blog²⁷⁶:

- 1) *Template*: cada site hospedeiro de blogs oferece diversos tipos de formatação base para a ferramenta. O *template* é o *design* do blog, o modelo que será utilizado. Os modelos gratuitos podem ser modificados em alguns aspectos, como cor da fonte, disposição e ordem de alguns itens. Podemos dizer que um *template* básico é formado por cabeçalho, postagens, perfil, comentários, lista de blogs e seguidores.
- 2) *Cabeçalho*: é onde se encontra o título do blog, muitas vezes acompanhado de uma frase de apoio, com uma foto ou ilustração de fundo.
- 3) *Postagens*: abaixo do cabeçalho, o espaço para as postagens está sempre em destaque. O conteúdo, que pode ser texto, imagem, áudio e ou vídeo é precedido por um título. As postagens aparecem em ordem cronológica inversa, da mais recente para a mais antiga.

²⁷² <http://www.blogger.com>

²⁷³ <http://blig.ig.com.br>

²⁷⁴ <http://weblogger.terra.com.br>

²⁷⁵ Komesu, F. C. *Op. cit.*, 2005, p. 99.

²⁷⁶ Este é um exemplo básico de formatação gratuita oferecida pelos sites hospedeiros de blogs. Cada blogueiro tem a liberdade de incluir novos recursos, ou inserir *templates* pagos. Se o usuário dominar a linguagem HTML pode, ele mesmo, construir a apresentação gráfica do seu blog.

3) *Comentários*: abaixo de cada postagem, há um *link* para que os leitores deixem comentários. No mesmo *link* é possível ler os comentários já escritos. Também é um espaço de conversação entre o blogueiro e seus leitores.

4) *Perfil*: neste espaço, o blogueiro, geralmente, escreve sobre si, suas características, seus objetivos com o blog. Se o blogueiro autoriza, também é inserido seu email de contato. Alguns preferem preservar a intimidade e colocar apenas o primeiro nome, ou um apelido, sem apresentar maiores informações pessoais.

5) *Histórico do blog*: é o grupo de *links* para postagens antigas.

5) *Lista de blogs ou sites (blogroll)*: é o espaço onde o blogueiro vai inserir os *links* de seus blogs e sites preferidos, os quais costuma visitar com frequência.

6) *Seguidores*: este espaço é reservado para aqueles que estimam o blogueiro e que o consideram seu “amigo” na rede. O proprietário do blog não tem interferência neste item, a não ser pela possibilidade de proibição de algum seguidor indesejável.

Esses são itens que podemos considerar básicos para a publicação de um blog. Vários outros podem ser inseridos, como contador de acessos, *links* para Orkut²⁷⁷ e Twitter²⁷⁸, por exemplo.

O caráter técnico compõe apenas uma parte do conjunto de elementos que formam o blog. Quanto à característica de diário pessoal, Amaral, Recuero & Montardo apontam que essa foi uma das primeiras apropriações feitas por pesquisadores desse tipo de publicação. “Esses blogs eram utilizados como espaços de expressão pessoal, publicação de relatos, experiências e pensamentos do autor.”²⁷⁹ Porém, elas relatam que alguns autores²⁸⁰ defendem ainda hoje essa linha, como sendo o uso mais popular da ferramenta.

Schittine (2004) estuda o blog como diário íntimo. Foi a primeira autora no Brasil a escrever um livro especificamente sobre o assunto. A pesquisadora afirma que os blogs são a versão moderna dos “diários íntimos”, aqueles em que o conteúdo dos relatos se limitava a quem os escrevia, uma espécie de cofre onde se guardavam segredos.

Segundo a autora, a intimidade passou a ser exposta na rede através das ferramentas disponibilizadas pelos blogs. Para Schittine, a princípio, “o diário na internet vem assumir o

²⁷⁷ www.orkut.com

²⁷⁸ Twitter (www.twitter.com) é uma rede social e servidor para microblogging que permite que os usuários enviem atualizações contendo apenas texto e hiperlinks, em até 140 caracteres.

²⁷⁹ AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs.). *Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009, p. 29. (Nessa linha, as autoras citam os exemplos dos pesquisadores: Carvalho, 2000; Lemos, 2002; Rocha, 2003; Miura e Yamashita, 2007).

²⁸⁰ As autoras citam Oliveira, 2002; Herring, Scheidt, 2005; Schmidt, 2007.

pecado da vaidade do escrito íntimo. Ele é prova de que o diarista pretende falar sobre si mesmo e espera que um grupo de pessoas se interesse e goste do assunto.”²⁸¹

Os exemplos na blogosfera, nesse sentido, são muitos. Podemos perceber a exposição da intimidade no seguinte *post*, do blog *Pacamanca*²⁸²:

odontoplebe

18 de abril de 2010

Meus queridos, meu dia chegou. Saí da reduzidíssima elite de indivíduos totalmente desprovidos de cáries desde o nascimento e entrei pra gigantesca torcida do Flamengo que é maioria cariada.

Eu não percebi nada. A coisa estranha é que não percebi nada. Quando vi, estava cariada. Fui percebendo uma sensação desagradável em algum dente inferior esquerdo, mas juro que não me toquei. Cansaço, estresse, sono atrasado, pegar no sono na cama ao lado da Carolina, com a mão dentro do berço pra ela deitar em cima e beliscar até dormir, ficando portanto várias horas depois do jantar sem escovar os dentes, you name it. O fato é que quando finalmente fui olhar dentro da boca com calma achei não uma cárie, mas uma CRATERA entre os dois últimos dentes (não sei nome de dente nenhum e nem pretendo pesquisar sobre o assunto, thank you). Dei um ataque: comé que eu não vi isso, gente? Cega! Anta! Desleixada! Sujona! Ca-ri-a-da!

Meu dentista, que tem agenesia de dois dentes da frente e portanto parece desleixado, sujão e desdentado, inspirando muito pouca confiança em quem não sabe da história, disse pra eu relaxar porque a maldita começou entre os dentes e por baixo, ou seja, ninguém, nem ele nem nenhum outro dentista e muito menos eu, teria notado a bichinha antes dela criar o dano gigante que causou. Porque, queridos, a minha estreia no mundo dos cariados não foi pra menos: a cratera quase chegou no nervo e havia risco de ter que desvitalizar o dente (!!!!!!!!!!!!!!!), e, pasmem, a cratera não estava sozinha! Havia outra cárie, praticamente gêmea, exatamente na mesma posição, mas na arcada superior. Essa era a irmã menor, digamos assim, felizmente.

Sei é que estou horrorizada. Toda vez que mastigo tenho a impressão que há buracos em todos os outros dentes da boca que a obturação vai explodir ou se desintegrar, que vou precisar de coisas cujos nomes sempre foram misteriosos pra mim – ponte, coroa, implante. Coisas de odontoplebe, sabe como é.

Não nasci pra ter doença nenhuma não, vou te contar.

Percebemos que a blogueira quer dividir com os leitores o seu problema de saúde bucal, apresentando detalhes de como tudo aconteceu. Exemplos como esse revelam como a intimidade está migrando para o espaço virtual.

A ligação estreita do blog com o diário íntimo apresentada por Schittine recebeu críticas de alguns autores. Para Primo, por exemplo, não é possível comparar os blogs com diários pessoais, devido às características distintas de ambos:

²⁸¹ SCHITTINE, D. *Op. cit.*, 2004, p. 12.

²⁸² <http://www.pacamanca.com> - ND

Ambos são formas de registro escrito que seguem uma explícita organização cronológica. Uma parcela de blogs de fato baseia-se na escrita de percepções e reflexões sobre o cotidiano e os sentimentos do autor. Contudo, essa prática não se aplica a tantos outros blogs, que apresentam estilos e objetivos diversos. A principal distinção entre diários e blogs os opõem de maneira inconciliável. Diários pessoais se voltam para o intrapessoal, tem como destinatário o próprio autor. Blogs, por outro lado, visam o interpessoal, o grupal.²⁸³

Sendo o blog um meio de relação interpessoal, tem caráter social, o que não acontece com o diário íntimo, na opinião de Primo. O autor diz que existem alguns estereótipos que surgem da confusão entre blog/programa e blog/texto. O blog/programa não influencia no blog/texto, no gênero específico que vai seguir. O blog é mais do que uma interface que facilita a publicação individual, como é frequentemente definido. “Faço tal alerta não apenas para criticar uma definição que se resume à descrição do meio, mas também para lembrar que blogs são *espaços coletivos de interação*. Ou seja, blogs/espaço podem converter-se em um ponto de encontro.”²⁸⁴ Primo lembra, por exemplo, que o espaço para comentários é uma prova de que o blog é um espaço de conversação, de socialização.

Komesu também analisa os blogs nesse sentido. Conforme a autora, a proximidade entre blogs e diários íntimos é possível, porém deve ser analisada de maneira crítica, já que as condições de produção de ambos são distintas. Ela observa que a liberdade de escrita do diário íntimo não se repete no blog. “A assunção de uma noção de sujeito completamente livre é inaceitável se levarmos em conta que os discursos são fundados no social, precisamente por sujeitos que se constituem sócio-historicamente, e não isoladamente, individualmente.”²⁸⁵ Publicar conteúdo na rede, assim, é muito diferente de escrever somente para si.

Os blogs estariam, segundo Komesu, bem mais próximos das páginas eletrônicas pessoais, do que dos diários íntimos. “As páginas eletrônicas pessoais são conhecidas por tratarem de caracteres particulares da vida de um usuário da internet que se propõe a compartilhá-los de maneira pública no meio eletrônico.”²⁸⁶

Concordamos com as posições de Primo (2008) e Komesu (2005), pois não podemos separar os blogs da sua função social. Mesmo que os diaristas íntimos escrevam com a intenção de que um dia seu diário seja publicado, como fala Schittine (2004), os blogueiros têm consciência de que estão escrevendo para um público de desconhecidos ou não.

²⁸³ PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, nº 36. Ago 2008, p. 122.

²⁸⁴ *Idem*, p. 123. (grifos nossos)

²⁸⁵ KOMESU, F. C. *Op. cit.*, 2005, p. 104-105.

²⁸⁶ *Idem*, p. 155-156.

A discussão de que o blog é ou não um diário pessoal configura apenas uma das questões que envolvem o conceito da ferramenta. Amaral, Recuero & Montardo (2009) analisaram diferentes autores e dividiram as definições de blog encontradas em três categorias. A primeira é a *definição estrutural*, que se baseia na estrutura de publicação do blog.²⁸⁷ “Uma definição mais popular é aquela que aponta para o blog a partir da presença de textos organizados por ordem cronológica reversa, datados e atualizados com alguma frequência.”²⁸⁸ As autoras apontam que alguns pesquisadores preferem simplificar ao máximo essa definição, já que o caráter de atualização, por exemplo, é questionável. Assim, o blog poderia ser definido apenas a partir da presença de *links* e textos curtos (*posts*), publicados em ordem cronológica reversa²⁸⁹, ou, ainda, simplesmente, como uma ferramenta que facilita a publicação pessoal, anexando à estrutura o caráter da personalidade.²⁹⁰

A segunda definição é a *definição funcional*, que é fundamentada na função primária dos blogs como meio de comunicação²⁹¹. O blog é visto como uma mídia, que se difere de outros tipos pelo seu caráter social. Nesse sentido, “... constituem uma conversação massivamente descentralizada onde milhões de autores escrevem para a sua própria audiência”²⁹², auxiliados pelas ferramentas que possibilitam a conversação, como os comentários. Essa é uma visão que vai além do formato, pois caracteriza o blog como uma ferramenta de comunicação, com objetivo de conquistar audiência.

A terceira e última é a *definição de blogs como artefatos culturais*²⁹³. Esta é uma definição que provém de um olhar antropológico e etnográfico, que “representa a oportunidade de uma aproximação do contexto sóciohistórico de apropriação dos artefatos tecnológicos a partir do olhar subjetivo dos próprios atores que interatuam com as TICs”²⁹⁴. O artefato cultural:

(...) pode ser claramente definido como um repositório vivo de significados compartilhados produzido por uma comunidade de idéias. Um artefato cultural é um símbolo de comunhão (no sentido não violento, não religioso da palavra). Um artefato cultural se torna infinitamente mutável e gera muitas autoreferências e narrativas mutuamente definidoras mais do que cria uma narrativa mestra linear. (...) [sua legitimação se dá] pelas práticas vividas das pessoas que os criaram.²⁹⁵

²⁸⁷ As autoras citam nessa linha: Herring, Kouper, Scheidt e Wright (2004); Blood (2002); Nardi, Schiano e Gumbrecht (2004).

²⁸⁸ AMARAL, A. RECUERO, R. e MONTARDO, S. *Op. cit.*, 2009, p. 30.

²⁸⁹ Visão, conforme as autoras, de Gilmore (2004).

²⁹⁰ Visão, conforme as autoras, de Barbosa (2003).

²⁹¹ Visão, conforme as autoras, de Pedersen e Macafee (2007).

²⁹² MARLOW apud AMARAL, A. RECUERO, R. e MONTARDO, S. *Op. cit.*, 2009, p. 30-31.

²⁹³ Segundo as autoras, *artefatos culturais* é uma denominação de Shah (2005).

²⁹⁴ ESPINOSA apud AMARAL, A. RECUERO, R. e MONTARDO, S. *Op. cit.*, 2009, p. 31.

²⁹⁵ SHAH apud AMARAL, A. RECUERO, R. e MONTARDO, S. *Op. cit.*, 2009, p. 31-32.

As três definições se entrecruzam, pois não existe um tipo fixo de blog, já que não existem regras de conteúdo a serem seguidas. É o que veremos na análise dos blogs no próximo capítulo. O caráter estrutural (ligado a questões técnicas do programa de criação de blogs), funcional (como meio de comunicação e socialização) e de artefato cultural (em que o significado dos blogs está nas práticas dos blogueiros), são importantes na formação de todo o conjunto representativo dos blogs.

Relacionando as três definições com o grupo da nossa pesquisa, acreditamos que todas têm ligações com o material observado. Porém, como a metodologia de análise é baseada na descrição densa dos blogs, entendemos que a terceira definição, dos blogs como artefatos culturais, seja a de maior importância. O nosso interesse principal está justamente nas “práticas” que aparecem nos blogs de brasileiros residentes na Itália.

Quanto à classificação de tipologia dos blogs, Primo (2008) aponta que, primeiramente, é preciso saber se ele é *individual* ou *coletivo*. O autor diz que os *blogs* individuais podem ser *pessoais* ou *profissionais* e um blog coletivo pode ser *grupais* ou *organizacional*.

O blog pessoal é criado de forma bastante simplificada, segundo Primo, pois não precisa de avaliação de terceiros, como em um blog coletivo. Já o blog profissional deve seguir os interesses da instituição a qual está vinculado, e o compromisso é comercial, com a audiência. Nessa linha estão os blogs de empresários autônomos, cujo sustento “...provém dos ganhos recebidos por cliques em propaganda veiculadas nas páginas, como também da venda de *posts*.”²⁹⁶ Nesta modalidade, o blogueiro vem pago pelo que escreve, podendo ou não informar que se trata de informação patrocinada.

Nos blogs *coletivos grupais*, as postagens são feitas por um conjunto de amigos, ou por colegas de um grupo de pesquisa, por exemplo, que expressam suas opiniões individualmente, mas sobre temas acordados. Nos blogs *coletivos organizacionais*, o funcionamento é diferente. “Podem ser simplesmente um veículo de divulgação de releases (até mesmo sem serviço de comentários) ou um espaço de interação com clientes e fornecedores.”²⁹⁷

Para Primo, “os blogs profissionais e organizacionais tendem ao mundo do trabalho, enquanto os pessoais voltam-se principalmente para o mundo da vida.”²⁹⁸ O autor faz essa separação didática para destacar as questões profissionais daquelas pessoais, íntimas, de lazer,

²⁹⁶ PRIMO, A. *Op. cit.*, 2008, p. 126.

²⁹⁷ *Idem.*

²⁹⁸ *Ibidem.*

diversão, etc. O pesquisador ainda aponta que um blog pessoal pode abordar questões de trabalho, mas o foco é diferente do adotado em um blog profissional.

Komesu (2005) segue algumas linhas semelhantes a Primo (2008). A autora trabalha a tipologia dos blogs da seguinte maneira:

- *número de enunciadores*: se *blog* é individual ou coletivo.

- *tema*: é o reconhecimento do blog por uma certa “coerência e homogeneidade das informações apresentadas na construção da *cenografia*, isto é, da *inscrição* legitimadora do texto estabilizado.”²⁹⁹

- *blog pessoal*: nesta tipologia, o tema predominante são assuntos da esfera íntima de quem escreve, com ênfase a informações do cotidiano, como por exemplo, discussões “... de questões existenciais que envolvem a vida, a morte, o relacionamento afetivo (amor e/ou sexo, separação, traição), a solidão, a família, os amigos, os inimigos, as memórias e os projetos.”³⁰⁰ A autora credita a essas características a identificação dos blogs com os diários íntimos.

- *blog profissional*: “o *blog* profissional versa sobre temas públicos comentados do ponto de vista de uma subjetividade assumida e trabalhada no texto de maneira profissional, como em um trabalho desenvolvido pelo(s) escrevente(s) em seu expediente na internet.”³⁰¹ Komesu classifica dessa maneira os blogs trabalhados profissionalmente, que omitem opinião e comentários sobre os mais diversos assuntos. A autora aponta que os blogs profissionais são considerados pelas empresas de comunicação como uma oportunidade de trabalhar detalhes de um fato, “com informações e opiniões pessoais que não caberiam à pretensa objetividade do texto jornalístico, ou ao interesse das instituições e do mercado.”³⁰²

- *blog pessoal e profissional*: são os blogs em que há a coincidência, segundo Komesu, entre a profissão de quem escreve e o tema que ele se dispõe a comentar. Ela cita como exemplo os blogs de jornalistas, publicitários, designers gráficos, engenheiros, entre outros.³⁰³

Komesu observa que, mesmo que um blog seja profissional, não há o impedimento de que informações da esfera íntima sejam compartilhadas com os leitores. Podemos citar os blogs pessoais/profissionais de veículos de comunicação, cujos blogueiros são pagos para

²⁹⁹ KOMESU, F. C. *Op. cit.*, 2005, p. 108.

³⁰⁰ *Idem*, p. 109.

³⁰¹ *Ibidem*, p. 118.

³⁰² *Ibidem*, p. 119.

³⁰³ *Ibidem*, p. 118.

escrever. É o caso do blog de Marcelo Rubens Paiva, do jornal *Estado*³⁰⁴, ou de Tony Bellotto, da revista *Veja*³⁰⁵, por exemplo.

Recuero caracterizou os blogs em três diferentes categorias, depois de ter observado que os blogs são versões mais dinâmicas dos *websites* pessoais e compartilham das mesmas críticas: “são experiências de publicação amadoras, muitas vezes produtos narcisísticos e exibicionistas. São geradores de conteúdo pessoal.”³⁰⁶ A autora, no decorrer dos seus estudos sobre a ferramenta, identificou duas grandes categorias facilmente perceptíveis e uma terceira, com caráter híbrido. São elas:

- a) **Diários Eletrônicos** – São os *weblogs* atualizados com pensamentos, fatos e ocorrências da vida pessoal de cada indivíduo, como diários. O escopo desta categoria de *weblogs* não é trazer informações ou notícias, mas simplesmente servir como um canal de expressão de seu autor.
- b) **Publicações Eletrônicas** – São *weblogs* que se destinam principalmente à informação. Trazem, como revistas eletrônicas, notícias, dicas e comentários sobre um determinado assunto, em geral o escopo do blog. Comentários pessoais são evitados, embora algumas vezes apareçam.
- c) **Publicações Mistas** – São aquelas que efetivamente misturam *posts* pessoais sobre a vida do autor e *posts* informativos, com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto pessoal.³⁰⁷

Schittine (2004), classificou os blogs segundo o estilo. Conforme a autora, cada blogueiro escreve de uma maneira e, por isso, o blog vai ter o estilo que cada autor escolher para o seu texto, podendo ser jornalístico, pessoal ou de serviços:

Se é muito confessional, trata-se de um diário íntimo, se é noticioso, pode ser comparado a uma reportagem, se é um comentário sobre situações cotidianas, é considerado uma crônica, e assim por diante. No entanto, por mais que os blogueiros pretendam dividir essas categorias, elas não são tão estanques assim, elas se contaminam. E, mesmo que os diaristas virtuais procurem dizer que são únicos em uma série de coisas, em uma, pelo menos estão juntos: não conseguem falar dos assuntos mais sérios sem que neles misturem um pouco de suas vidas íntimas, de seus sonhos, de sua própria história.³⁰⁸

A autora afirma que as categorias não são estanques e que o blog participa da categoria de “escritura íntima”, que reúne um pouco das características de diário íntimo, reportagem, crônica, etc, no entanto, com especificidades próprias.³⁰⁹

³⁰⁴ <http://blogs.estadao.com.br/marcelo-rubens-paiva/>

³⁰⁵ <http://veja.abril.com.br/blog/cenas-urbanas/mundo/>

³⁰⁶ RECUERO, Raquel. Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais. *Revista 404notFound*, v1. Número 31, 2003. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>. Acesso em: 10 Fev 2010.

³⁰⁷ *Idem.*

³⁰⁸ SCHITTINE, D. *Op. cit.*, 2004, p. 188.

³⁰⁹ *Idem*, p. 192.

Com este breve percurso, percebemos que a tipologia e categorização dos blogs são bastante complexas. O caráter plural dos blogs interfere, também, na questão de definição de gênero textual da ferramenta, fazendo com que não exista uma classificação fixa nesse sentido. Schittine diz que é um “gênero híbrido”, que inaugurou um novo tipo de escrita. Ela aponta que, sendo uma escrita pública, faz-se necessário um cuidado especial, pois é um texto que também será avaliado. Assim, conforme a autora, “recolocar, apagar e retificar são palavras que estão entrando no vocabulário da reescritura pelo computador”³¹⁰, que é sempre realizada com o pensamento no público leitor.

Komesu também fala que é difícil classificar o blog em um único gênero. Conforme a autora, sob a perspectiva dos estudos linguísticos, o conteúdo temático do blog é indefinido³¹¹. Sob o aspecto discursivo, trata-se “... de um modo de enunciação caracterizado por um jogo entre a publicização de si e a intimidade construída na escrita dos blogueiros”, dinâmica que pressupõe necessariamente a presença do outro na atividade de escrita.

Outra característica textual do blog é a utilização expressiva de recursos hipertextuais. A inserção de *links*, segundo Schittine, abrem portas para outras páginas na *web*, economizando enormes espaços e estimulando o deslocamento do leitor pelo ciberespaço³¹². Entendemos que os recursos hipertextuais são os nós que permitem a formação de regionalidades entre os blogs, como veremos na sequência do trabalho.

A análise dos autores apresentados nesta parte da pesquisa confirma aquilo que presenciemos na prática de análise do grupo pesquisado: os blogs são heterogêneos, assim como é o ciberespaço e assim como são os seres humanos em suas relações. Veremos, a seguir, alguns apontamentos que nos ajudam a entender como a ferramenta tornou-se um elo de socialização do indivíduo contemporâneo.

2.2.3 O público, o privado e o outro

A popularização dos blogs tem relação direta com as tecnologias que os fizeram uma ferramenta de fácil publicação na internet, mas, sobretudo, porque veio sanar uma necessidade pessoal de muitos indivíduos na contemporaneidade: ver e ser visto. Conseqüentemente, a

³¹⁰ *Ibidem*, p. 140.

³¹¹ KOMESU, F. C. *Op. cit.*, 2005, p. 96-97.

³¹² SCHITTINE, D. *Op. cit.*, 2004, p. 141.

relação entre público e privado ganhou nova configuração, pois as duas instâncias tornaram-se muito próximas e, até mesmo, com limites confusos.

Segundo Schittine, o blogueiro encontra na rede um público interessado em consumir intimidade. Conforme a autora, os blogs seguem a tendência atual da curiosidade em se “vasculhar a vida do outro”:

Os indivíduos se interessam pela vida de gente anônima como eles, e esse fenômeno é observável não só no caso específico do diário íntimo na internet como em outras mídias; as webcams e os programas no estilo Big Brother são um exemplo disso. (...) A vida privada do autor do diário íntimo é não só observada como comentada por estranhos, e tudo isso como o consentimento do próprio diarista.³¹³

Ao comparar a exposição dos blogueiros com reality shows, a autora mostra que o blog é uma das ferramentas que saciam a sede de intimidade alheia, “(...) uma intimidade que não é necessariamente protagonizada por gente famosa, mas por pessoas comuns parecidas, o quanto possível, com o próprio público.”³¹⁴ Para Schittine, é uma espécie de *voyeurismo* proveniente de uma vida de solidão e cheia de regras.

Existe, nesse sentido, um prazer em observar a intimidade alheia. E assim como observa, o blogueiro sabe que está sendo vigiado. Na verdade, ele busca, muitas vezes, visibilidade por meio do exibicionismo. No ambiente virtual, o indivíduo amplia o seu espaço privado, criando um cenário propício para exhibir-se.

Segundo Schittine (2004), o fator mais importante que gera o exibicionismo é o individualismo. Os blogs formam comunidades, e as pessoas que delas fazem parte sentem-se importantes naquele meio. É uma forma de minimizar o individualismo e, até mesmo, a solidão. No cenário do individualismo, o computador ganha relevância. Ele contribui para o isolamento, pois é utilizado por uma pessoa de cada vez. Em muitos casos, de acordo com a autora, faz com que o indivíduo se feche para o mundo que o cerca e se abra para o plano do virtual.

Esse fechamento em si é decorrente de um percurso histórico que culminou com a ascensão do individualismo que encontramos nos dias atuais. Segundo Schittine, um dos principais acontecimentos que contribuíram para o individualismo foi o amor romântico do romance burguês do século XIX, fato que incentivou a subjetividade. O aumento do conforto material, relacionado ao estilo de vida burguês e indispensável para a intimidade foi outro

³¹³ *Idem*, p. 16.

³¹⁴ *Ibidem*, p. 32.

fator (como o uso de banheiro, um cômodo para cada pessoa,...).³¹⁵ A televisão, por exemplo - que antes ficava na sala-, com o barateamento do aparelho, passou a ser um item também dos cômodos individuais. O passo seguinte foi a aquisição do computador para toda a família e, em seguida, do computador individual.³¹⁶

Schittine salienta que o individualismo evidenciou-se, também, quando o envolvimento das pessoas com o trabalho aumentou, surgindo, conseqüentemente, novos espaços de socialização fora de casa, no ambiente profissional. Porém, é um tipo de relacionamento que envolve competição. Nesse cenário, “com cada vez menos tempo, o indivíduo se sente roubado da sua vida privada.”³¹⁷ A autora aponta, ainda, que existe uma tendência das empresas em não dividirem mais os ambientes, em tentar uma aproximação entre os colaboradores. No entanto, o que se observa é o fechamento das pessoas em si mesmas.³¹⁸

Essa reclusão individual evidencia a super valorização do “eu”, da esfera íntima, que, segundo Richard Sennet (1998), está relacionada ao declínio da vida pública:

Considera-se esta vida psíquica tão preciosa e tão delicada que fenecerá se for exposta às duras realidades do mundo social e que só poderá florescer na medida em que for protegida e isolada. O eu de cada pessoa tornou-se o seu próprio fardo; conhecer-se a si mesmo tornou-se antes uma finalidade do que um meio através do qual se conhece o mundo.³¹⁹

A supervalorização do eu está ligada a acontecimentos históricos e sociais, que ocasionaram o fechamento das pessoas em si mesmas. Com o advento do capitalismo industrial, o crescimento dos centros urbanos e o aumento da violência, os espaços tornam-se restritos à passagem e não à permanência das pessoas. Segundo o autor, “...o espaço público tornou-se uma derivação do movimento.”³²⁰ Assim, a vida pública esvaziou-se, fazendo com que o indivíduo passasse a perceber o público de acordo com seus sentimentos, através da sua visão íntima da sociedade. Essa visão, de acordo com Sennett, criou o cidadão narciso, que vê

³¹⁵ Schittine aponta que essas são características de individualismo, porém, reservadas as classes mais abastadas. Diferente das classes populares em que se observa a falta de privacidade, a mistura de cômodos e, inclusive, uma marcante falta de privacidade. (SCHITTINE, D. *Op. cit.*, 2004, p. 34).

³¹⁶ Além do computador pessoal, o *notebook* permitiu uma maior liberdade para o indivíduo, pois passou a ser um item que acompanha o deslocamento do usuário. Hoje, também, com as tecnologias digitais móveis, é possível estar conectado através do celular, por exemplo, dentro do ônibus, na rua, em qualquer lugar que haja sinal para conexão.

³¹⁷ SCHITTINE, *Op. cit.*, 2004, p. 56.

³¹⁸ *Idem*, p. 34.

³¹⁹ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1988, p. 16.

³²⁰ *Idem*, p. 28.

no outro aquilo que tem importância para si e que reflete a sua personalidade. Consequentemente, público e íntimo se confundem:

Receber e dar informações íntimas são características do espaço privado deslocado para o espaço virtual. Assim, conforme Schittine, são criadas redes de amigos virtuais, compensando o déficit de relações reais. “Os amigos à distância fazem com que o autor sintasse socializado.”³²¹ Esse ambiente de socialização oportuniza que o blogueiro encontre um espaço para desabar e realizar confissões. O blog *Carlinha com bicho-carpinteiro*³²² traz exemplos nesse sentido. Distante da família, a blogueira, que estava grávida na Itália, utiliza o blog também para desabafar:

domingo, 7 de março de 2010
quero minha mae!!!



Queria muito minha mae aqui comigo... serah que to pedindo demais? acho que nao, pena que infelizmente ela nao pode pegar um "onibus" e vir ao meu encontro... bom, a passagem dela jah tah na mao, mas sei que nao é tao simples assim sair de lah e vir... ela tem as coisas dela pra ajeitar, eu entendo, mas "abrindo meu coracao" queria piscar, abrir meu olho e vela na minha frente!! Eu to cansada... um pouco triste... hormonios, hormonios.. eles nao ajudam em nada nessa fase... eu to mais lenta, mais pesada, mais cansada e me sentindo mais sozinha... o marido tah aqui sim, mas os homens (com excecoes sem duvida, nao no geral) nao sao muito de entender esse lado "emocional" feminino... muito menos na gravidez.. entao a gente acaba "exigindo" mais e ao inves de ter os desejos "atendidos" tudo é motivo de briga... to cansada de briga... cansada de me sentir triste, sozinha... colo de mae supre tudo isso né.. impressionante! é magico! e eu sou apaixonada pela minha mae, ela tah sempre "perto" de mim (mesmo longe), eu sei que eu posso sempre chorar com ela... homens e mulheres sao muito diferentes, eu e o Paulo tivemos criacoes muito diferentes... e eu também posso estar fazendo "tempestade num copo d'agua", mas pensa, temporariamente, olha minha situacao... num pais estranho, pouquissimos amigos, a igreja mais proxima fica a 40 quilometros, familia longe, gravida no oitavo mes de gestacao, ou seja, cansada... feliz, mas cansada... maternidade é um dom precioso mas a gravidez é dificil mentalmente, psicologicamente, emocionalmente, fisicamente... e ainda por cima esses ultimos dias minha

³²¹ SCHITTINE, D. *Op. cit.*, 2004, p. 58.

³²² <http://carlinhacombicho-carpinteiro.blogspot.com> - ND

pressao deu uma subida sem retorno, amanha vou ver minha medica e isso jah faz a gente nao conseguir relaxar né.. ou seja, tudo parece que "conspira" contra.. ai.ai...



Nao me entendam mal, to soh abrindo meu coração.. lembrem de mim, orem por mim... tah chegando no fim agora, em pouco tempo a Tallulah tah nos meus braços e ela pelo menos, o carrinho me ajuda a segurar.. hehe.. a barriga nao, tem que ser eu mesma... logo minha mae chega também e devagar as coisas voltam ao normal... nao quero ter o "direito" de pisar na cabeça de ninguem, mas um pouquinho de compreensao as vezes ajuda! Te amo maezinha... "eu conto os dias, conto as horas pra te ver..."

A blogueira inicia o *post* expondo o seu desabafo. Ela se expressa como se fosse um diálogo, esperando que o seu desabafo seja ouvido e respondido. Além disso, enriquece o texto com fotos significativas dos seus sentimentos naquele momento.

Komesu, analisando o desabafo como forma enunciativa, destaca que um dos sentidos do verbo “desabafar” é a expressar-se francamente, com sinceridade:

Acreditamos que é esse o sentido privilegiado pelos escreventes, não porque se trata de emprego “consciente” da palavra ou porque esteja, de fato, relacionado “à” verdade do que se diz, mas porque o uso desse verbo é efeito de uma sociedade em que tudo pode e deve ser dito, uma vez que se acredita que o espaço de interação da internet é livre das coerções que regem os demais âmbitos sociais.^{323 324}

A autora diz que existe a necessidade de falar, mesmo que seja qualquer banalidade, pois, assim, os sujeitos garantem o seu espaço de enunciação e, conseqüentemente, visibilidade.

Além do desabafo, a publicação da intimidade na internet é feita pela confissão. Segundo Komesu, “a internet é percebida como o lugar em que todos os dizeres são possíveis,

³²³ KOMESU, F. C. *Op. cit.*, 2005, p. 238-239.

³²⁴ Komesu aponta, no entanto, que a liberdade é relativa, pois está sujeita à efeitos de poder na sociedade. A autora acredita que os blogs “são efeitos de poder de uma sociedade que positiva suas ações na consolidação da idéia de liberdade de expressão do indivíduo que tudo pode falar – escrever, exibir, confessar –, inclusive – ou principalmente – a respeito de uma faceta íntima de sua personalidade em público. O próprio meio facilita novas formas de acesso à informação para que o indivíduo possa comentar ininterruptamente todo e qualquer assunto a todos (a qualquer um) na sociedade.” (KOMESU, F. C. *Op. cit.*, 2005, p. 239).

já que o anonimato seria a garantia da preservação da identidade jurídica do sujeito.”³²⁵ Um exemplo do tom confessional, encontramos no blog *Notícias do lado de cá*³²⁶:

terça-feira, 29 de dezembro de 2009

Para o próximo ano eu quero ...

Ano passado eu defini três metas para 2009. Coloquei na lista somente coisas que, a princípio, eram possíveis: terminar, uma vez por todas, com a minha batalha com a balança e emagrecer os 10 kg que preciso durante o ano (aproximadamente 833g por mês), fazer meu máster e ser menos consumista. Somente o último obteve sucesso. O primeiro, naturalmente eliminei somente 3 kg. O segundo, por motivos burocráticos foi adiado para a próxima oportunidade.

Mas o que quero falar foi da vitória que obtive. Deixei de comprar bastante coisas por impulso. Houve momentos que não resisti e levei para casa algo que poderia ter ficado na loja. Mas no contexto geral, consegui pensar mais no momento da euforia do “Eu mereço” e vi que não era preciso de muito mas sim de qualidade. Comecei a fazer escolhas e vi que são estas que contam no final.

Não tenho dinheiro sobrando, nem em poupança, nem em ações. Fiz a escolha de investir nas sensações do dia-a-dia. E o resultado me surpreendeu. Percebo que não me sinto mais aflita por não ter. Invés descobri novas formas de viver a vida sem ter que pagar para ser feliz.

Não me tornei uma monja abstenendo-me de tudo. Aliás, não me assemelho em nada com estas pessoas. Apenas vejo que a escolha de viver de forma simples está me fazendo bem. Mas nem tudo é fácil. Esta escolha tem reflexo imediato no hoje. Mas e o amanhã? Numa conversa com meu pai, na semana do Natal, fui chamada a atenção para um destino de todos: a velhice. Poderei continuar com as atuais escolhas sem pensar numa aposentadoria?

Atualmente tem varias coisas desagradáveis acontecendo comigo. São momentos que tenho que me meter à prova, tomar decisões baseadas somente no meu entender e continuar acreditando que tudo vai dar certo.

Sendo assim, para o próximo ano vou definir somente uma meta para mim: meter-me à prova sem abrir mão do meu equilíbrio e simplicidade que tenho descoberto nos últimos tempos.

Para aqueles que vêm me ler, desejo um feliz 2010 com muitas realizações e boas escolhas!

Ao falar de suas metas e assumir que não atingiu o objetivo de cumpri-las, assumir também que era consumista e falar da sua situação financeira, a blogueira confessa suas intimidades. Atitudes que talvez não tomasse fora do blog.

Komesu acredita que a finalidade da confissão da intimidade no blog “é a instauração de um lugar de visibilidade do sujeito em meio à perpetuação do isolamento social.”³²⁷ A visibilidade é, inclusive, medida por um sistema de contagem. O blogueiro quer saber o “quanto” está sendo visto. O número de comentários deixados no blog pelos leitores é uma das formas de se verificar o quanto se está tendo visibilidade. Outro recurso é o contador de

³²⁵ KOMESU, F. C. *Op. cit.*, 2005, p. 56.

³²⁶ <http://noticiasdoladodeca.blogspot.com> - ND

³²⁷ KOMESU, F. C. *Op. cit.*, 2005, p. 225.

acessos. Para a autora, o uso do lugar da quantidade fundamenta a premissa de que “quem recebe o maior número de visitantes na internet é o melhor”³²⁸.

A visibilidade não se restringe ao dono do blog, mas, também, aos seus leitores (que, na maioria das vezes, também são blogueiros). Segundo Komesu, o espaço de interação é igualmente espaço de publicização, mediante o estabelecimento de laços de afeto e intimidade através do comentário.³²⁹ Durante a realização desta pesquisa, percebemos que blogueiros de referência são os que mantêm regularidade nas postagens e, além disso, são assíduos comentadores em outros blogs.

Komesu, analisando os blogs pela perspectiva do discurso, diz que o comentário funciona como legitimação. Para a autora:

É principalmente pelo dispositivo do comentário do post ou do blog que o leitor *faz ver e é visto*. (...) De uma perspectiva discursiva, enunciador e co-enunciador se beneficiam com esta ação da **passagem do outro pelo eu**: o comentário tem a função de interação – *rápida, leve, eficaz*, como o próprio dispositivo –; ao mesmo tempo, seu funcionamento possibilita a visibilidade de ambos no espaço dos blogs.³³⁰

As relações sociais desenvolvidas nos blogs são construídas através da perspectiva do outro. Sabemos que isso acontece também fora do ambiente virtual. Segundo Goffman, o indivíduo tem interesse em regular a conduta dos outros em relação a si mesmo:

Este controle é realizado principalmente através da influência sobre a definição da situação que os outros venham a formular. O indivíduo pode ter influência nesta definição expressando-se de tal modo que dê aos outros a espécie de impressão que os levará a agir voluntariamente de acordo com o plano que havia formulado. Assim, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir.³³¹

Acreditamos que a ação manipuladora do indivíduo em relação ao outro se potencializa nos blogs. A ferramenta, nesse sentido, é uma forma de escrita para o outro, pois o blogueiro, de acordo com Schittine, encontra na rede um público “interessado em consumir a intimidade alheia e, de certa forma, em descobrir o quanto ela se aproxima da sua própria intimidade.”³³² É um público formado por uma “platéia de estranhos”. A autora fala da relação com a escola *theatrum mundi*, onde a sociedade é o palco e os indivíduos são os atores. Nesse cenário surge “a necessidade de representar um comportamento social tendo em

³²⁸ *Idem*, p. 218.

³²⁹ *Ibidem*, p. 233.

³³⁰ KOMESU, F. C. *Op. cit.*, 2005, p. 232.

³³¹ GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, 13-14.

³³² SCHITTINE, D. *Op. cit.*, 2004, p. 14.

vista a reação do outro.”³³³ Os indivíduos atuam, segundo Goffman (2004), consciente e inconscientemente, “vestindo-se” de um personagem que melhor lhe convém, de acordo com a situação.

A intimidade exposta nos blogs também é encenada, pensada na perspectiva do outro³³⁴. O blogueiro sabe que, através do conteúdo dos *posts*, está sendo observado e avaliado por alguém. Para Schittine, existe tanta preocupação em conquistar o outro que, muitas vezes, a liberdade se perde.³³⁵

Komesu acredita que a participação do outro funcione como “índice da visibilidade do sujeito”. Segundo a autora, “os sujeitos esperam obter resposta do outro e, nesse aspecto, o ambiente virtual e os dispositivos existentes promovem o estabelecimento da interação entre múltiplos participantes, conhecidos ou não.”³³⁶ O blogueiro visita outros blogs, deixa comentários, mas também quer que seu grupo faça o mesmo. É essa a interação que acontece na blogosfera.

Segundo Schittine, a interação entre os blogueiros se dá, principalmente, porque eles percebem que têm algo em comum. “Quando quem escreve se reconhece naquele que lê, observa que não está só em suas questões e reflexões, que o Outro não está tão distante, que pode estar próximo e pensar de maneira semelhante.”³³⁷

Um exemplo de assunto comum, que gera reconhecimento entre os blogueiros, encontramos no blog *Cappuccino e Cornetto*³³⁸:

Periodo meio borocoxô

Todo ser humano passa por períodos que se encontra sem coragem, desanimado, sem graça... Isso é normal. Não da pra estar 100% o tempo todo. Pois é, como sou um ser humano, hoje não to 100%. To me sentindo muito borocoxô. O motivo desse meu mal-estar são vários mas não quero aborrecer vcs falando sobre eles.

O fato é que me encontro aqui sentada, no meio da escuridão do meu quarto curtindo minha depre e tentando escrever alguma coisa pra ver se melhoro um pouco. Juro que se eu tivesse superpoderes, fecharia meus olhos e me tele transportaria até o colo da minha mãe Quando digo isso a meu marido, ele fica furioso! Diz que já cresci e que não posso pensar em correr para o colo da "mamãe" toda vez que estou mal. Acho que na verdade, ele esta mesmo é com ciúmes.. Talvez ele queira que eu o procurasse sempre. Mas tem coisas que só a mãe da gente mesmo. e

³³³ *Idem*, p. 48.

³³⁴ Acreditamos que essa encenação não se restrinja somente aos blogs, mas à vida real de todos nós. No entanto, nos blogs, a ação se intensifica.

³³⁵ SCHITTINE, D. *Op. cit.*, 2004, p. 45.

³³⁶ KOMESU, F. C. *Op. cit.*, 2005, p. 165.

³³⁷ SCHITTINE, D. *Op. cit.*, 2004, p. 223.

³³⁸ <http://karinecappuccinoecornetto.blogspot.com> - ND

Mas como eu não tenho superpoderes, é melhor esperar que a coisa passe e tudo volte ao normal o mas rápido possível..

Qui 28/04/10

Estar “borocoxô” é um acontecimento que pode ser considerado banal, do dia-a-dia, que todos nós passamos vez ou outra. Entendemos que o blog é uma ferramenta que oportuniza a conversa com alguém que está fazendo falta, mas que se faz presente virtualmente. Nos blogs de caráter mais pessoal, por exemplo, esse alguém está disposto a dividir a banalidade do dia a dia. Afinal, todos nós temos momentos de decepção, momentos de conquistas, ficamos chateados com o chefe ou sentimos saudades de algo ou alguém. Não existe nada fora do comum na descrição de um dia de trabalho, se a pessoa tomou ou não café, se diminuiu um quilo com a dieta nova. A necessidade de falar coisas banais ganha relevância no blog, porque o blogueiro reconhece-se no seu leitor, sente-se importante em saber que outras pessoas passam pelas mesmas situações.

Komesu diz que essas características evidenciam uma *diversidade concordante*: o indivíduo fala de si ou de qualquer assunto sem cessar. Isso, por sua vez, implica uma *banalidade apaziguadora*, que, segundo a autora, é “... definida pela formulação de uma confissão, cuja consequência é a repetição do já-dito com a manutenção do lugar-comum na sociedade.”³³⁹

A necessidade de falar, para a autora, é uma maneira de permanência dos sujeitos no campo da visibilidade social.³⁴⁰ Mesmo que não se tenha o que dizer, é preciso manter contato, aparecer. Quem posta com frequência, por exemplo, tem lugar de destaque na lista de blogs dos seus leitores. Essa lista é atualizada cada vez que um blog apresenta novidades. O blog que aparece em primeiro lugar na lista é o que foi atualizado por último. Assim, quanto menos postagens, mais o blog vai cair na lista dos que o têm como membro, pois as atualizações aparecem em ordem cronológica inversa, da mais para a menos atual.

Além da necessidade de falar, Schittine (2004) diz que o blogueiro, mais do que esperar uma simples leitura das suas palavras, procura estabelecer um diálogo. É o princípio dialógico da linguagem nos blogs³⁴¹, apresentado por Komesu.

Podemos tomar como exemplo de diálogo nos blogs, os comentários deixados na postagem anterior, “*Periodo meio borocoxô*” do blog “*Cappuccino e Cornetto*”. J.R.

³³⁹ KOMESU, F. C. *Op. cit.*, 2005, p. 61.

³⁴⁰ *Idem*, p. 240.

³⁴¹ *Ibidem*, p. 165.

comentou: “Entendo. Lhe desejo melhoras.bjs”³⁴². A blogueira respondeu: “Obrigada, J.!Hoje, amanheci bem melhor!”³⁴³.

Komesu aponta que é por isso que muitos *posts* são acompanhados com expressões de referência ao “você” leitor, que são formas de designação generalizadoras do co-enunciador.³⁴⁴ O blogueiro, utiliza com frequência “galera”, “amigos”, “leitores” e outros termos de referência ao grupo, com o objetivo de atingir o maior número possível de leitores, simulando uma relação de intimidade com o outro.

A referência ao outro, uma espécie de convite ao diálogo, é uma forma concreta de interação, que ajuda a manter viva a comunidade formada pelos blogs. A blogosfera necessita que seus membros sejam “presentes” e “atuantes”. Isso significa buscar novos contatos, mas, principalmente mantê-los. Conforme Schittine:

Existe a curiosidade pura e simples, o hábito diário de “fazer a ronda” nas páginas prediletas, a necessidade de encontrar amigos ou pessoas que se pareçam emocionalmente conosco, de estabelecer uma cumplicidade, de descobrir que outras tantas pessoas partilham de uma mesma questão ou problema. Tudo isso faz com que o leitor e também o diarista³⁴⁵ – que desta vez recebe o *feedback* dos leitores – não se sintam tão diferentes um do outro (...).³⁴⁶

A autora diz que o indivíduo, fechado em si mesmo, precisa de um reflexo de si próprio para voltar a se entender. “Por isso a reabertura (...) para o público: é ele que vai ajudar a redefinir no indivíduo o seu lado privado, a sua identidade.”³⁴⁷ Nesse sentido, entendemos que o blog é uma oportunidade de reforçar identidades, que podem não ser as mesmas que o blogueiro representa em outros tipos de relação social. O blog é um espaço que permite sentir-se parte de uma comunidade, numa tentativa de construção de laços movida pelas necessidades atuais da sociedade.

³⁴² Comentário no dia 28 de abril de 2010, 16h39.

³⁴³ Comentário de resposta no dia 29 de abril de 2010, 05h42.

³⁴⁴ KOMESU, F. C. *Op. cit.*, 2005, p. 228.

³⁴⁵ Schittine utiliza o termo *diarista*, que preferimos chamar de *blogueiro*.

³⁴⁶ SCHITTINE, D. *Op. cit.*, 2004, p. 86.

³⁴⁷ *Idem*, p. 35.

3 METODOLOGIA DE TRABALHO

*“Curvado sobre seus próprios fragmentos,
pedras e plantas comuns,
o antropólogo também medita sobre o verdadeiro e o insignificante,
nele vislumbrando (ou pelo menos é o que pensa),
fugaz e inseguramente, sua própria imagem desconcertante, mutável.”*

Geertz, 2008, p. 39

Como disse Marcelo Tas na fase da epígrafe do capítulo 2, “a internet é uma rede de *peessoas* que usam computadores”. Pensando dessa maneira, o uso da Antropologia em estudos de cibercultura torna-se uma alternativa interessante, já que a interconexão do ambiente virtual proporciona uma intensificação de relações sociais.

Dessa forma, o método etnográfico de pesquisa de campo pode ser utilizado também no ciberespaço. Não falamos aqui de uma mera transposição do método para o ambiente virtual, mas de uma adaptação. Essa prática de pesquisa vem sendo chamada de netnografia³⁴⁸.

3.1 Etnografia: uma descrição densa

Antes de falarmos de netnografia, tomamos as reflexões de Clifford Geertz (2009) para compreendermos o significado de etnografia. A etnografia é um método de pesquisa antropológico, no qual o pesquisador tem uma postura de imersão no campo de estudos. Uma

³⁴⁸ Existem outras denominações para o termo, como etnografia virtual e ciberantropologia.

visão mais tradicional da antropologia diz que “praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante.”³⁴⁹ No entanto, Geertz, fundador da Antropologia Interpretativa, diz que não são as técnicas e processos que definem o empreendimento e, sim, o esforço intelectual do pesquisador, elaborado através de uma “descrição densa”³⁵⁰. Dessa forma, a Antropologia não se ocupa mais de abstração de sistemas, funções e leis, mas de um diálogo entre a interpretação do pesquisador com aquela do “nativo”.

A proposta de Geertz é um conceito de cultura essencialmente semiótico, interpretada como um texto. Ele acredita, como Max Weber, que o homem está amarrado em teias de significado tecidas por ele mesmo.³⁵¹ Nesse sentido, assume a cultura como “essas teias e sua análise”. O autor defende a cultura como uma ciência interpretativa e, não, como uma ciência experimental em busca de leis. “Descrição densa” é uma expressão que Geertz toma emprestada de Gilbert Ryle para ilustrar essa forma de análise.³⁵²

Geertz cita um exemplo que tornou-se clássico para explicar o sentido da descrição densa: a estória das piscadelas. Três garotos piscam o olho direito, sendo que um pisca por tique nervoso, um pisca de maneira conspiratória para um amigo e o outro imita o primeiro. Este último pode, ainda, ensaiar em casa a imitação das piscadelas. Todas as quatro ações, fisicamente, são iguais. Descrivê-las como um mero ato de contrair a pálpebra seria uma “descrição superficial”, num termo de Ryle, apropriado por Geertz. Já a descrição densa ocupar-se-ia das ações de maneira interpretativa, identificando, assim, o tique nervoso, a conspiração, a ridicularização e o ensaio das piscadelas. Para Geertz, aí está o objeto da etnografia: “uma hierarquia estratificada de estruturas significantes”.³⁵³

No entanto, Geertz lembra que os “textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão.”³⁵⁴ Para o autor, somente o “nativo” faz interpretações de primeira mão. Ele acrescenta que aquilo que deve ser observado é o comportamento, a ação social. É sob essa visão que analisamos o conteúdo dos blogs.

³⁴⁹ GEERTZ, C. *Op. cit.*, 2008, p. 4.

³⁵⁰ *Idem.*

³⁵¹ *Ibidem.*

³⁵² *Ibidem.*

³⁵³ *Ibidem*, p. 5.

³⁵⁴ *Ibidem*, p. 11.

3.2 Netnografia

Netnografia é um neologismo (*netnography* = *net* + *ethnography*), que identifica o uso do método etnográfico na internet, em que o pesquisador tem uma posição imersiva no campo de estudos. Um dos pioneiros na área, Robert Kozinets, iniciou estudos sobre netnografia ainda na década de 80, com pretensões de aplicá-la em pesquisas de marketing. O autor definiu o termo como uma descrição do trabalho de campo na internet, onde “tanto o trabalho de campo como a descrição textual são metodologicamente conduzidas pelas tradições e técnicas da antropologia cultural”.³⁵⁵

O método etnográfico aplicado ao ambiente virtual justifica-se, segundo Hine, porque o ciberespaço é um meio rico em comunicação. Com cada vez mais usuários, torna-se um lugar privilegiado para a pesquisa nas áreas humanas. Para a autora, com a etnografia, entendemos a internet como cultura. O método etnográfico e a internet, para ela, têm uma relação de mútua dependência:

O contexto online é definido como um contexto cultural pela demonstração de que a etnografia pode ser aplicada a ele. Se nós podemos estar confiantes de que a etnografia pode ser aplicada com sucesso em contextos online, então nós podemos ficar seguros de que estes são, realmente, contextos culturais, uma vez que a etnografia é um método para entender a cultura.³⁵⁶

Em relação às vantagens da netnografia, Kozinets aponta: é um método menos dispendioso, não necessita deslocamento, é menos invasivo, não é realizado em um espaço fabricado para a pesquisa, além de que os dados já encontram-se registrados, não necessitando de transcrição. Quanto às desvantagens, ocorre a perda do gestual e das características do ambiente que envolve o pesquisado. No entanto, esse não é um fato relevante, pois as análises são, justamente, dos relacionamentos no ambiente virtual, onde linguagem não-verbal e ambiente natural não tem relevância.³⁵⁷

³⁵⁵ KOZINETTS, Robert V. On netnography: inicial reflections on consumer research investigations of ciberculture. *Advances in Consumer Research*. Volume 25. Provo, UT, 1998. Disponível em: <http://www.acrwebsite.org/volumes/display.asp?id=8180>. Acesso em: 05 Jun 2010. Tradução da autora para: “where both the field work and the textual account are methodologically informed by the traditions and techniques of cultural anthropology.”

³⁵⁶ HINE, Christine. Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social- Scientific Knowledge. In: HINE, Christine. *Virtual Methods. Issues in Social Research on the Internet*. Oxford: Berg, 2005, p. 8. Tradução da autora para: “The online context is defined as a cultural context by the demonstration that ethnography can successfully be applied to online context then we can rest assured that these are indeed cultural context, since ethnography is a method for understanding culture.”

³⁵⁷ KOZINETTS, Robert V. The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities. *Journal of Marketing Research*, 39 (February), 2002. Disponível em: <http://www.nyu.edu/classes/bkg/methods/netnography.pdf>. Acesso em: 10 Jun 2010.

Segundo Kozinets, o uso da netnografia deve ser baseado em princípios éticos, assim como acontece nas pesquisas de campo etnográficas. O autor sugere que o pesquisador deixe claras as suas intenções e informe ao sujeito que o conteúdo produzido por ele será utilizado para a pesquisa. Isso deve acontecer porque mesmo que se considere público o espaço virtual, quem produz o conteúdo são pessoas, que podem não consentir com o uso dos dados no trabalho. Dessa forma, o pesquisador precisa do “consentimento informado”.³⁵⁸ Foi assim que agimos com o grupo pesquisado por nós. Pedimos autorização via email para todos os blogueiros que tiveram conteúdo publicado nesta pesquisa.

A coleta e análise de dados, de acordo com Kozinets, podem ser obtidas através de três tipos de capturas: a) dados coletados e copiados diretamente dos membros das comunidades *online* de interesse, tomando o cuidado para a utilização de filtros que auxiliem no encontro de informações de relevância; b) coleta de informações através da observação das práticas de comunicação e interação dos membros das comunidades; c) dados levantados em entrevistas com os indivíduos, trocas de emails, mensagens instantâneas ou outras ferramentas³⁵⁹. Neste último caso, fica evidente o uso de *multimétodos*, que vão além da observação do pesquisador e que auxiliam nas análises.

Quanto à postura do pesquisador em relação às análises, Kozinets diz que elas “podem variar ao longo de um espectro que vai desde ser intensamente participativa até ser completamente não-obstrutiva e observacional.”³⁶⁰ Acreditamos que em cada estudo, dependendo do propósito, deva-se escolher a forma de participação do pesquisador. Nesta pesquisa, optamos por uma participação intensa, em que o grupo estudado ficou sabendo das pretensões da pesquisadora.

Entendemos que seja importante ressaltar que as contribuições de Kozinets estão voltadas à área de estudos do autor, as pesquisas em marketing na internet. Dessa forma, devemos relativizar algumas de suas considerações, como, por exemplo, quando ele fala das facilidades que a netnografia oferece: método pouco dispendioso e menos invasivo. O percurso desta pesquisa nos possibilitou verificar que, em relação aos estudos culturais, o esforço do pesquisador é muito grande. É necessária a presença virtual diária para perceber as modificações que vão acontecendo com o grupo pesquisado. E, além disso, é preciso que se criem laços com as pessoas envolvidas no processo. Isso nos leva a compreender que, de certa

³⁵⁸ KOZINETTS, R. V. *Op. cit.*, 2002, *online*.

³⁵⁹ *Idem*.

³⁶⁰ KOZINETTS Apud AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. *Apontamentos metodológicos iniciais sobre a netnografia no contexto pesquisa em comunicação digital e cibercultura*. In: XXXII Intercom (Anais), Curitiba-PR, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2346-1.pdf>. Acesso em: 05 Mai 2010.

forma, o pesquisador acaba invadindo o espaço alheio. Por isso, acreditamos que existe a necessidade de maiores estudos em relação à etnografia virtual.

3.3 Sobre o grupo pesquisado

O objetivo inicial da pesquisa era analisar um grupo de blogs de brasileiros *descendentes de imigrantes italianos* residentes na Itália. O primeiro passo foi procurar (em sites de busca, em *blogrolls*, indicações) blogs de brasileiros na Itália (independente se eram descendentes ou não). Em um período de cerca de um ano (de abril de 2009 a abril de 2010), encontramos 60 blogs. Entramos em contato com os blogueiros, através de comentários ou emails, para saber quais eram descendentes de italianos e quais não eram. Conseguimos a confirmação de que onze blogs eram de brasileiros descendentes de imigrantes³⁶¹ (vide anexo A). Identificamos, ainda, outros três blogs de brasileiros descendentes, através da auto-definição como tal nos blogs. Porém, os respectivos blogueiros não responderam aos nossos contatos, por isso não foram incluídos no grupo.

Criamos um blog de apoio para a pesquisa, o *Cocanha Hoje* (www.cocanhahoje.blogspot.com). O blog funcionou como um meio de legitimação diante dos blogueiros pesquisados, como uma forma de manter-se “dentro” do campo de pesquisa, além de servir como arquivo, através do *blogroll*, dos blogs encontrados.

A nossa postura foi de tentar criar laços com os blogueiros, através da visita e comentários nos blogs. Também realizamos postagens no blog *Cocanha Hoje*, falando sobre a pesquisa e sobre assuntos ligados à vida na Itália, tentando não demonstrar opiniões de caráter muito pessoal. Recebemos diversos comentários de blogueiros do grupo pesquisado, de outros brasileiros residentes fora do Brasil, assim como de blogueiros no geral.

Acreditamos que a criação do blog foi fundamental, pois foi a representação da nossa identidade junto ao grupo pesquisado. O *Cocanha Hoje* serviu também como um ambiente centralizador da pesquisa. Por meio do *blogroll*³⁶², acompanhamos diariamente as novidades exibidas nos blogs.

Percebemos que os laços mais fortes foram criados com aqueles blogueiros com os quais conseguimos trocar um número maior de comentários (demonstrando maior grau de

³⁶¹ Cerca de 10% não retornaram o contato. Dessa maneira, não foi possível classificá-los.

³⁶² No *blogroll* os blogs com postagens recentes aparecem em ordem cronológica reversa, ou seja, do mais para o menos atual.

interação). Nesses casos, as solicitações foram facilmente atendidas (como pedido de autorização para utilização de conteúdo nesta pesquisa, por exemplo), ao contrário dos blogueiros com os quais não foi percebida maior receptividade.

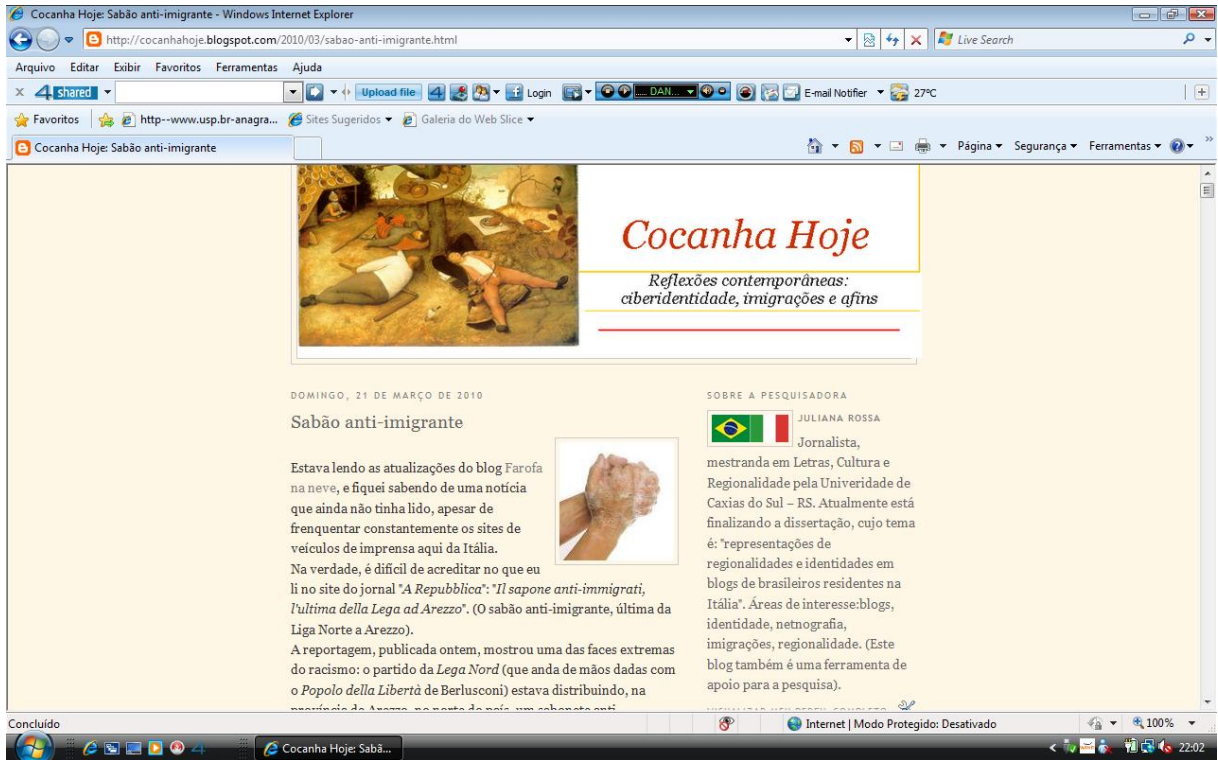


Figura 2 – Blog *Cocanha Hoje*, criado como ferramenta para auxiliar na pesquisa.

Como falamos na introdução da dissertação, com o passar do tempo, fomos percebendo que não tinha o porquê de analisarmos somente os blogs de brasileiros *descendentes de imigrantes italianos*, já que muitos dos assuntos de interesse para esta pesquisa estavam presentes, de forma semelhante, tanto em blogs de brasileiros descendentes, como nos blogs de não descendentes. Os dois grupos apresentavam conteúdos comuns em relação às representações de regionalidades e, em muitos pontos, também em relação às representações de identidades. Acreditamos que isso aconteça, em primeiro lugar, porque esses blogs configuram-se como blogs de “brasileiros no exterior”, o que explica algumas características em comum, conforme veremos a seguir.³⁶³

Quanto à categorização do grupo analisado nesta pesquisa, de acordo com o que foi apresentado no capítulo 2, podemos dizer que são blogs *individuais e pessoais*, como nominou Primo (2008). Utilizamos apenas um blog que não era somente pessoal, o *Minha*

³⁶³ A lista dos blogs de brasileiros não descendentes, que tiveram conteúdo publicado nesta pesquisa, encontra-se no anexo B.

*Saga*³⁶⁴, que é um blog *pessoal e profissional*, segundo a denominação de Komesu (2005). O grupo de blogs pode ser considerado, ainda, como *publicações mistas* (que misturam *posts* pessoais e informativos), na classificação de Recuero (2003).

Enviamos um questionário (anexo C) via email para o grupo de *descendentes de imigrantes italianos*, com objetivo de tentar identificar traços, principalmente, em relação à italianidade. Esse questionário tem caráter apenas complementar e serviu como um mapeamento básico do grupo.

A análise que realizamos é qualitativa, através da interpretação pessoal dos sentidos transmitidos nos blogs em relação às representações de regionalidades e identidades. As análises e interpretações também tomam como base as teorias e reflexões apresentadas nos capítulos anteriores.

O grupo da pesquisa foi observado até junho de 2010. O conteúdo foi utilizado não só para as análises deste capítulo final, mas também no capítulo 2 (Ciberespaço e o universo dos blogs). Todos os exemplos envolvendo blogs foram retirados do grupo formado ao longo deste trabalho.

Optamos por utilizar somente a letra inicial do nome dos blogueiros, já que alguns assinavam as postagens dessa maneira. Em relação às fotos, preferimos por não mostrar o rosto das pessoas envolvidas. Acreditamos que, dessa forma, preservamos a intimidade do grupo envolvido (mesmo com as autorizações), sem comprometer o resultado da pesquisa.

3.4 Desafios encontrados

Durante a realização deste trabalho nos deparamos com alguns pontos que fugiram do nosso planejamento inicial, como a necessidade de inserir no grupo da pesquisa os blogs de brasileiros que não eram de descendentes de imigrantes italianos. Mais do que uma dificuldade, encaramos como um enriquecimento de conteúdo. Acreditamos que questões como essa foram percebidas graças à imersão no campo estudado, que nos permitiu relacionar diferentes realidades.

Outra dificuldade que sentimos foi o tempo (cerca de um ano) que demoramos para reunir um grupo satisfatório de blogs para a pesquisa. Encontrar o maior número possível de blogs de brasileiros na Itália pediu um grande esforço, organização e um expressivo número

³⁶⁴ www.minhasaga.org - DI

de horas trabalhadas diante do computador, visitando blogs e investigando se pertenciam a brasileiros residentes na Itália e, no passo seguinte, se eram descendentes de imigrantes italianos ou não. Além disso, algumas postagens interessantes que poderiam ser aproveitadas neste estudo não foram utilizadas, porque os respectivos blogueiros não responderam ao pedido de autorização para publicação do conteúdo.

No período da pesquisa também encontramos dificuldades com o *feedback* de alguns blogueiros, tanto quando precisávamos da confirmação se eram ou não descendentes de imigrantes italianos, quando pedimos para o grupo de descendentes responder ao questionário enviado por email. Como não existe a presença física, a resposta imediata não acontece. Assim, a garantia do comprometimento perde-se um pouco.

4 BLOGS COMO REPRESENTAÇÕES DE NOVAS REGIONALIDADES (CIBER-REGIONALIDADES) E IDENTIDADES (CIBERIDENTIDADES)

“Saudade pra mim é como um elástico que se estica, estica, mas em algum momento devo afrouxar, senão se parte.

Quanto tempo suportamos uma saudade?”³⁶⁵

Maria Luiza Rossi Di Salvatore

Acreditamos que, com as mudanças proporcionadas pelas novas tecnologias da comunicação e informação, seja interessante pensarmos de que maneira os processos culturais (e identitários) e a regionalidade estão presentes no ambiente virtual. Os blogs são ferramentas democráticas, cada vez mais populares e que, ao nosso ver, armazenam representações interessantes nesse sentido. Após uma discussão teórica, vamos apresentar alguns *posts* referentes a representações de regionalidades e identidades nos blogs.

4.1 Representações de regionalidades (*ciber-regionalidades*) nos blogs

Durante os oito anos do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da UCS, um vasto material teórico foi reunido e produzido por professores e alunos do programa, em relação à regionalidade e, principalmente, região. Vamos nos deter, aqui, em alguns autores que julgamos importantes para discutirmos de que forma são representadas regionalidades e identidades nos blogs de brasileiros na Itália. Entendemos o

³⁶⁵ Trecho de *post* do blog *O Admirável mundo novo da Lulu*.

campo pesquisado como um “território” e, por isso, acreditamos que seja pertinente esse tipo de análise.

Na esfera dos autores clássicos, Pierre Bourdieu é um dos mais importantes teóricos que trabalhou sobre o tema. A sua análise de região, inicia pela etimologia da palavra. O autor utiliza a descrição feita por Emile Benveniste, que diz que a região (*regio*) veio de *rex*. O termo, assim, nasce marcado por autoritarismo, responsável por dividir, demarcar e decidir fronteiras. Desse modo, o termo, em sua origem, é um ato político. “Este acto de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade que tem força de lei é um acto de conhecimento, o qual, por estar firmado, como todo o poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência daquilo que enuncia.”³⁶⁶

Esse é um ato performático, de categorização, que tem poder por si quando é exercido por uma autoridade reconhecida³⁶⁷. Assim, podemos entender que o ato de nomeação é que faz a fronteira. “O poder sobre o grupo que se trata de trazer à existência enquanto grupo é, ao mesmo tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única da sua identidade, e uma visão idêntica de sua unidade.”³⁶⁸

A Região da Serra Gaúcha, ou a Região das Hortênsias, por exemplo, são áreas limitadas no Rio Grande do Sul não só pela geografia, mas também por aspectos sociais, de colonização e interesses políticos. Nesse sentido, a nomeação da região é que delimita suas fronteiras.

Para José Clemente Pozenato, a região não deve ser entendida como uma realidade *natural*, mas como “uma rede de relações, em última instância, estabelecida por um *auctor*, seja ele cientista, um governo, uma coletividade, uma instituição ou um líder separatista.”³⁶⁹ O autor define região como “um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações tanto de proximidade quanto de distância.”³⁷⁰

Com este conceito, entendemos que Pozenato dá sentido à região através dos seus membros e suas ações. O autor faz a relação de região com “regionalidade”. Para ele, a região é objeto, e a análise dos assuntos relacionados a ela tem a ver com a regionalidade:

A regionalidade pode ser definida como uma dimensão espacial de um determinado fenômeno tomada como objeto de observação. Isto implica em admitir que o mesmo fenômeno, visto sob a perspectiva da regionalidade, pode ser visto sob outras perspectivas. A existência de uma rede de relações de tipo regional num determinado

³⁶⁶ BOURDIEU, P. *Op. cit.*, 2009, p. 114.

³⁶⁷ *Idem*, p. 116.

³⁶⁸ *Ibidem*, p. 117.

³⁶⁹ POZENATO, José Clemente. *Processos Culturais: reflexos sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003, 152.

³⁷⁰ *Idem*, p. 157.

espaço ou acontecimento não os reduz a espaços ou acontecimentos puramente regionais. Serão regionais enquanto vistos em sua regionalidade.³⁷¹

Assim, Pozenato propõe entender a região através das suas representações de regionalidade. Segundo o autor, “o que é entendido como uma região é, realmente, uma regionalidade.”³⁷² Tudo isso no sentido simbólico, já que a região é uma representação social.

Através dessas concepções, Pozenato abre a possibilidade para uma visão ampla em relação à região e regionalidade. Dessa forma, o autor nos dá margem para pensar que os blogs são redes de relações, são pontos hipertextuais no ciberespaço, constituindo-se como “territórios”. Assim, os blogs podem ser pensados como uma dimensão espacial de representação de região e identidades, conforme veremos logo mais, por meio das análises dos blogs.

Seguindo o caminho aberto por Pozenato, Rafael José dos Santos sugere que as análises de questões voltadas à regionalidade devam superar dois problemas, ligados a um ranço histórico nacional de análise dessas questões no Brasil:

O primeiro diz respeito à concepção de cultura subjacente à visão da cultura como conteúdo simbólico de uma região, expresso no conjunto de seus elementos; o segundo, não menos complexo, refere-se às noções de região e de limites regionais, ou seja, suas fronteiras, que na contemporaneidade já não podem ser pensadas dentro de limites físicos, se é que puderam ser pensadas assim em algum momento da história.³⁷³

É preciso que pensemos a região e regionalidade em aspectos contemporâneos. Ultrapassar os problemas descritos por Santos significa minimizar os riscos de idealizações e apologias. Para isso, o autor sugere uma análise cultural de região e regionalidade por meio de Geertz que, com seu *conceito de cultura como texto*, entende a cultura como uma teia tecida por seus atores em suas ações sociais, investida de sentidos a serem interpretados.³⁷⁴

Nesse sentido, Santos interpreta as “relações de regionalidade” propostas por Pozenato, como modalidades de “relações sociais”, na acepção weberiana. “Sob tal perspectiva podem ser *compreendidas*”.³⁷⁵ Dessa forma, segundo o autor, minimizam-se os riscos de tratar cultura e região como totalidades fechadas:

Instaura-se, então, a necessidade de um olhar muito mais complexo, descentrado, menos preocupado em relacionar traços – com conotações de *tipicidade* – a

³⁷¹ *Ibidem*, p. 151.

³⁷² *Ibidem*, p. 152.

³⁷³ SANTOS, R. J. *Op. cit.*, 2009, p. 13.

³⁷⁴ *Idem*.

³⁷⁵ *Ibidem*, p. 14. (Grifo do autor).

representações de identidade, do que em buscar compreender e interpretar os sentidos cotidianamente construídos e partilhados.³⁷⁶

Com base em Michel de Certeau, o autor sugere, assim, que se fale em *práticas de regionalidade*³⁷⁷ e *relatos de regionalidade*. As práticas de regionalidade correspondem a modalidades de práticas de espaço, incluídas as “táticas cotidianas”.³⁷⁸ Quanto aos relatos de regionalidade, “não são transposições da região (ou do regional) para a linguagem. Antes, eles são co-produtores de regionalidades, na medida em que se constituem de sentidos partilhados.”³⁷⁹ Ambos, as práticas e os relatos, devem ser pensados dentro de um contexto particular de significação, constituídos de densidade cultural a ser apreendida e interpretada.³⁸⁰

Santos cita um exemplo pessoal que ilustra a questão. Da janela de seu escritório ele observa uma parreira no quintal do vizinho. No entanto, se esse quintal não pertencesse a uma região produtora de uva e vinho, se o vizinho não fosse descendente de imigrantes italianos e não tivesse crescido na colônia, é claro que o exemplo não seria citado. “A parreira de meu vizinho é um elemento de um relato de regionalidade, temos ali a *região praticada*, e, como na cultura sob a ótica de Geertz, alguém que a interpreta.”³⁸¹

As regionalidades, segundo Santos, devem também ser pensadas sob a perspectiva da mundialização da cultura. Segundo o autor, os hibridismos que sempre caracterizaram a interculturalidade, assumem novas formas. “São múltiplas regionalidades acionadas, uma pluralidade de relatos cujos contextos de inteligibilidade se encontram em diversos espaços simultaneamente: regionalidades desterritorializadas – ou seria melhor caracterizá-las como *pluriterritorializadas*.”³⁸²

Outro desafio apontado por Santos envolve pensar as novas regionalidades em relação à internet, pois também configura-se como um espaço de práticas sociais. O autor afirma que em ferramentas como os blogs, por exemplo, surgem diferentes posições de identidades, inclusive, identidades virtuais. “Temos aí também feixes de relações, ações reciprocamente referidas, teias de significados, sobreposições de relatos de regionalidade aos quais se

³⁷⁶ *Ibidem*, p. 14. (Grifo do autor).

³⁷⁷ Santos faz uma analogia com “práticas de espaço”, de Michel de Certeau.

³⁷⁸ *Ibidem*, p. 15.

³⁷⁹ *Ibidem*, p. 16.

³⁸⁰ *Ibidem*, p. 16.

³⁸¹ *Ibidem*, p.16-17.

³⁸² *Ibidem*, p. 21.

acrescentam também as especificidades de uma *ciber-regionalidade*.³⁸³ Vamos mostrar, logo a seguir, aquilo que entendemos como representações de *ciber-regionalidade* nos blogs.

Acreditamos que o ciberespaço é um ambiente rico em representações de regionalidades. Entendendo a região como um “feixe de relações”, como diz Pozenato, não podemos deixar de refletir sobre o próprio conceito de *internet*: rede de computadores que se tornou uma associação mundial de redes interligadas³⁸⁴. Outra analogia, nesse sentido, é com a *World Wide Web* (WWW). Na tradução literal, “rede do tamanho do mundo”. É um “sistema de documentos ligados através de *hiperlinks* que formam a internet.”³⁸⁵

Se pensarmos na interconexão que a internet permite, podemos também relacioná-la com a possibilidade de formação de regionalidades entre os nós da rede, principalmente se os canais de conexão representam “relações sociais”, como indicou Santos.

Essa relação fica evidente, também, porque a internet funciona através de um modelo hipertextual. Como vimos anteriormente, diferentes autores trabalham na mesma linha que Pierre Lévy (1994, 1999a), que diz que o hipertexto é como um conjunto de nós (*links*) dispostos em rede. Se agregarmos valor social entre esses nós, acreditamos que, aí sim, temos representações de regionalidades, ou de *ciber-regionalidade* como Santos denominou.

Quando falamos, anteriormente, de hipertexto citamos um trecho de Cavalcante, que dizia: “a tessitura hipertextual funciona como uma representação das *redes de sentido*.”³⁸⁶ Relacionando “feixes de relações” com “redes de sentido”, podemos dizer que, em se tratando de regionalidade, são expressões que se completam, para não dizer que são sinônimas.

Essas representações de regionalidade ficam evidentes, ao nosso ver, quando falamos de blogs. O contato com o “outro”, que geralmente é blogueiro, é um dos objetivos de quem mantém um blog. Uma das características da ferramenta é o *blogroll*, espaço destinado aos *links* de blogs “amigos”. Segundo Schittine, os grupos de blogs, linkados entre si, mesmo que distantes fisicamente, formam uma rede:

É comum que, como toda rede, possua nós de interseção de interesses, que geralmente são blogs mais antigos, respeitados e referenciais. (...) Essa rede de blogs é como uma cidade do interior de tamanho monumental. Cada blog tem a sua rede de correspondentes, e os autores dos blogs se lêem entre si.³⁸⁷

³⁸³ *Ibidem*, p. 21. (Grifo nosso).

³⁸⁴ COSTA, S. R. *Op. cit.*, 2009, p. 147.

³⁸⁵ *Idem*.

³⁸⁶ CAVALCANTE, M. C. *Op. cit.*, 2004, p. 167. (Grifos nossos)

³⁸⁷ SCHITTINE, D. *Op. cit.*, 2004, p. 91.

Ao refletirmos sobre o porquê de Schittine comparar os *blogs* com uma cidade do interior, podemos supor que a autora quis se referir àquela sensação de união, simplicidade, relações fortes, que, muitas vezes, não se percebe mais nas grandes metrópoles. O blog proporciona um sentimento de pertença, de fazer parte de algo com determinada importância. Nesse ambiente, segundo a autora, criam-se ligações, constituem-se comunidades, formadas através de redes com base em afinidades pessoais.³⁸⁸

Conforme relata Recuero, “o primeiro requisito da comunidade virtual é (...) a ideia de um grupo de pessoas que estabeleçam entre si relações sociais.”³⁸⁹ Portanto, se existem relações sociais que são expressas através das conexões do ambiente virtual, seja em uma comunidade virtual, seja em um *chat*, com alguma carga de sentido, podemos pensar que são, sim, relações de regionalidade.

Recuero diz que os blogs são “representações espaciais do *self*, lugares demarcados no ciberespaço onde o blogueiro ‘está’”.³⁹⁰ Para a autora, essa sensação de estar em algum lugar, faz que com que os blogs de uma mesma rede sejam vistos como “vizinhos”. Assim, os blogs constituem-se em *webrings*, que são “círculos de blogueiros que lêem seus blogs mutuamente e **interagem** nestes blogs através de ferramentas de comentários.”³⁹¹ Os blogs linkados entre si formam um anel de interação, através da leitura e do comentários dos *posts*. Segundo Recuero, “o blog funciona como uma representação do blogueiro no ciberespaço. Portanto, num *webring*, temos um grupo de pessoas, mais do que um grupo de *links*.”³⁹²

Acreditamos que quando Recuero fala em “grupos de pessoas” e não em “grupos de *links*”, está referindo-se às relações sociais envolvidas no processo interativo entre os blogueiros. Nesse sentido, pensamos que os blogs, através de suas características e aliados ao potencial de regionalidade, criam e reforçam os laços sociais.

Recuero diz, no entanto, que esses laços são variáveis. “É possível que um ator *A* considere como seu melhor amigo (laço forte) e que *B*, em retorno, não considere *A* como uma pessoa tão próxima (laço mais fraco).”³⁹³ Isso acontece porque nem sempre os laços são recíprocos na mesma intensidade. A autora observa, ainda, que muitas vezes os laços *on-line* são mantidos também *off-line*.³⁹⁴

³⁸⁸ *Idem*, p. 62.

³⁸⁹ RECUERO, R. *Op. cit.*, 2003, *online*.

³⁹⁰ *Idem*.

³⁹¹ *Ibidem*. (Grifo da autora).

³⁹² *Ibidem*.

³⁹³ RECUERO, R. *Op. cit.*, 2009, p. 42.

³⁹⁴ *Idem*, p. 43.

Além disso, é preciso que se leve em conta o caráter dinâmico das redes. Para Recuero, as redes são vivas. Isto significa que as redes passam por “... mudanças constantes e variáveis, (...) dentro da composição dos nós individuais e das relações entre os nós.”³⁹⁵

Essas características dos laços sociais apresentadas por Recuero foram percebidas por nós durante todo o percurso desta pesquisa. Principalmente no grupo de blogs de brasileiros na Itália. Talvez por tratar-se de blogs de pessoas deslocadas do seu território físico, a busca por um reforço dos laços sociais (e de regionalidade) mostra-se mais evidente, tanto com familiares e amigos que ficaram no Brasil, como com outros imigrantes que estão na mesma situação.

4.1.1 Relatos de regionalidades nos blogs

Nos apropriamos da expressão de Santos (2009) “relatos de regionalidade”³⁹⁶, para trabalharmos questões referentes aos sentidos que se sobressaem das representações de regionalidades que encontramos nos blogs de brasileiros na Itália. Apresentaremos, a seguir, alguns relatos de regionalidades encontrados - tanto de blogs de brasileiros descendentes de imigrantes italianos, como de não descendentes. Julgamos que as duas categorias de blogs não apresentam diferenças em relação a representações de regionalidades.

Um dos temas que relacionamos como relatos de regionalidade é a divulgação de assuntos de interesse da comunidade brasileira que vive na Itália. O blog *Notícias da Bota*³⁹⁷ constantemente apresenta temas nesse sentido. É o que percebemos nos *posts* a seguir:

1)

às 16:46 / 2 comentários / *Brasileiros no Mundo*

Resultados do Concurso de Desenhos Infantis "Brasileirinhos no Mundo"

O MRE divulgou os vencedores do concurso de desenhos infantis "Brasileirinhos no Mundo". Parabéns a todas as crianças que participaram do concurso e parabéns também aos pais, que incentivaram a criação. Participaram do concurso crianças brasileiras residentes no exterior entre seis e onze anos de idade e o tema do concurso foi "Meu Brasil".

(...)

Veja os desenhos vencedores...

Postado por C.

2)

³⁹⁵ *Ibidem*, p. 79-80.

³⁹⁶ Os relatos de regionalidade estão relacionados às práticas de espaço (Michel de Certeau, 1994).

³⁹⁷ <http://www.noticiasdabota.com> - ND

às 15:55 / 0 comentários / Brasileiros no Mundo

ELEIÇÕES PARA O CRBE – CONSELHO DE REPRESENTANTES DE BRASILEIROS NO EXTERIOR

No âmbito da II CONFERÊNCIA BRASILEIROS NO MUNDO, realizada em outubro de 2009 no Rio de Janeiro, e com vistas a aperfeiçoar a interação governamental com os brasileiros que vivem no exterior, aprovou-se um conjunto de diretrizes básicas para a criação de um Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior (CRBE).

Fonte: www.consbras-frankfurt.de

(...)

As informações de como se candidatar e votar serão publicadas em breve. Para obter mais informações, acesse o Portal Brasileiros no Mundo: <http://www.brasileirosnomundo.mre.gov.br>

Postado por C.

3)

às 13:05 / 2 comentários / Brasil

Dúvidas sobre declaração de Imposto de Renda: não-residentes e estrangeiros

1) A pessoa física que não reside no Brasil está obrigada a apresentar a declaração?

Resposta: Não.

(...)

9) quem se ausente do Brasil em caráter temporário, ou se retire em caráter permanente do território nacional sem entregar a Declaração de Saída Definitiva do país, durante os primeiros 12 meses consecutivos de ausência.

Postado por C.

4)

às 15:46 / 10 comentários / Acordos Internacionais

Ainda sobre a conversão da Carteira de Motorista Brasil e Italia

No post Brasil e Italia: Conversão da Carteira de Motorista publicado no mês de fevereiro, divulgamos o abaixo assinado em prol da conversão da carteira de motorista brasileira pela patente italiana. Eu confesso, que fiquei um pouco decepcionada, porque conseguimos poucas assinaturas, somente 428, mas mesmo assim, enviamos o abaixo assinado para o governo Brasileiro na última semana e já recebemos boas notícias.

O Governo já nos respondeu e disse que o nosso abaixo assinado será enviado para a Embaixada Italiana no Brasil, e que reconhecimento da nossa carteira de motorista já está na pauta entre Brasil e Italia.

(...)

Dos diversos acordos que foram assinados no mês de abril pelo Brasil e pela Italia, a conversão da patente já está na pauta. Vejam abaixo:

Postado por C.

Através destes relatos, identificamos a intenção da blogueira em manter laços com outros brasileiros residentes na Itália. Inclusive, no post 4, que fala da conversão da carteira de motorista brasileira para a italiana, o blog (em conjunto com outros blogs de brasileiros), serviu como divulgador de um abaixo-assinado. Entendemos que essas ações desenvolvem laços de regionalidade, uma forma de interação entre os brasileiros que estão na Itália.

O sentimento de estrangeiro, desterritorializado, faz com que os brasileiros na Itália unam-se por meio das redes sociais na internet, como os blogs, para sentirem-se mais fortes e com maior representatividade (mesmo que virtual) diante do cenário de contraste cultural.

A interação entre eles também é marcada pela troca de experiências pessoais. No *post* a seguir, do blog *Brasil na Itália*³⁹⁸, fica evidente a pretensão da blogueira em saber como se sentem as pessoas na mesma situação que ela:

23 Maio 2010

Viver na Italia vale a pena? Cinco anos depois, um outro ponto de vista

Lembram daquela frase do Fernando Henrique Cardoso em que ele dizia: "esqueçam o que eu escrevi"? Quantas vezes a gente critica os outros por mudarem de idéia, mas o fato é que na vida real às vezes a gente aprende com o tempo que é necessário rever certos conceitos e antigas opiniões

Em julho de 2008 eu escrevi um artigo chamado "Vale a pena largar a sua vida no Brasil" (confira aqui) onde eu dizia:

"tenho certeza que você sairá mais rico. Não necessariamente pela conta bancária, mas como pessoa. Aprendera' a dar valor para coisas que considerava "normais" e "certas", que na verdade não eram nem tao normais e nem tao certas.

Descobrirá que existem modos diferentes de ver o mundo e de viver e poderá escolher quais são as coisas que mais importam neste seu resto de existência."

Honestamente não sei se todo esse saber serve para alguma coisa. Serei uma pessoa melhor do que antigamente?

O que tenho certeza - pelo menos neste momento - é que a vida em um outro país (e neste caso falo especificamente da Italia) é muito difícil e não sei se um dia será fácil. Se você sai do Brasil solteiro ou casado com um brasileiro pode sempre voltar para o Brasil e o seu "problema" se resolve. Mas e se você acaba casando com um italiano? Um dois dois nunca estará no seu país natal e um dos dois viverá sempre a crise de identidade de estar em um lugar que não é "casa".

Ninguém precisa atravessar oceanos para descobrir o seu "eu". Isso depende das diversas fases da vida e você pode tranquilamente fazer a mesma coisa na sua cidade natal ou onde quer que esteja. Não é necessário vir para a Italia.

Recomeçar do zero requer muito esforço, muito mais esforço do que o necessário para quem já mora em uma realidade conhecida.

Divagações

Ninguém tem uma bola de cristal para saber como seria vida em um país ou em outro. O que sei é que depois de 5 anos na Italia voltar ao Brasil seria uma verdadeira loucura. Recomeçar pela segunda vez tudo do zero, levando em conta que as pessoas da minha faixa etária continuaram crescendo em uma direção, enquanto eu por exemplo recomecei do zero em uma outra direção... seria necessário no mínimo um outro ano para voltar ao mercado de trabalho nas mesmas condições. Ou estou exagerando? Alguém aí voltou ao Brasil depois de um tempo na Italia? Como foi? Estarei transformando o quadro em uma situação exageradamente dramática?

³⁹⁸ <http://www.brasilnaitalia.net> - DI

Ok, eu descobri que posso sempre recomeçar e conquistar meus sonhos, isso é verdade. Mas também é verdade que os anos passam e aos 30 anos não dá mais para viver como aos 24 (e o relógio biológico no caso das mulheres é ainda mais presente no que no dos homens).

Enfim, a fase da adolescência colorida passou e agora é o momento da vida adulta, de cuidar da casa, pagar as contas, trabalhar, ir atrás de uma realização pessoal e profissional, pensar na família e no futuro. Não é muito fácil.

Onde se vive melhor? Não sei. Gosto do Brasil, gosto da Italia, são realidades diferentes, com estilos de vida diferentes. Não sei mais o que é realidade ou ilusão. O que sei é que 2.000 euros a mais por mês talvez resolvessem toda essa crise existencial do momento - mas aqui na Italia conversando com gente que trabalha na minha área - parece uma realidade absolutamente distante...

*Publicato da Brasil na Italia alle 8:16 AM 21 commenti *

O contraste de opiniões entre o que a blogueira pensava há cinco anos e o que ela pensa hoje gerou dúvidas. E a quantidade de questionamentos feitos no *post* demonstra que ela espera um retorno das pessoas que dividem a mesma situação. De fato, os 21 comentários recebidos confirmam o interesse e a solidariedade de outros brasileiros, como demonstram os exemplos que seguem:

1)

G. D. disse...

Pois eu também ando com essas divagações...

Vivo na Espanha e meu marido é brasileiro e, é claro, posso voltar pro Brasil qdo eu bem entender. Também tenho 30 anos e também já me parei pensando o que vou fazer qdo voltar. Porque uma coisa que eu tenho decidido é que vou voltar, a vida aqui é muito dura, a crise pegou o setor da construção em cheio (sou arquiteta) e nunca vamos deixar de ser estrangeiros. Não tenho medo (bom, um pouquinho) de começar de novo porque estou segura que aqui na Espanha eu só comecei mesmo foi o meu doutorado (q eu estou louca para terminar...ai, ai). Dependendo da sua profissão, trabalhar na Europa é uma doce ilusão... salários mais baixos para estrangeiros, exploração e falta de reconhecimento (e olha que eu só trabalhei por aqui como arquiteta). Enfim, aqui se vive melhor, se vive bem com menos dinheiro, mas é uma luta diária... como diz uma amiga, e quem sabe não é como dar murro em ponta de faca?

23 de maio de 2010 16:39

2)

Anônimo disse...

Vivi 5 anos fora do Brasil, tenho 45 anos, curso superior e voltei ao Brasil ha tres anos. Quando vc chega aqui de volta os seus amigos tambem continuaram suas vidas (alguns para melhor, outros para pior). Recomeçar eh a parte mais dificil e para mim recomeçar no Brasil muito pior. Primeiro tem a idade, quando voce vai fazer a entrevista, a primeira pergunta eh :Quantos anos vc tem? Quando vc vai prestar concurso, todo mundo olha atravessado e ateh espantado. As pessoas que vc conhece e os seus amigos tambem acham que vc nao precisa trabalhar, porque "todo mundo no exterior" ganha muito bem. As vezes sinto que eh quase uma inveja coletiva. Inveja de nao podido viver a experiencia e tido a coragem que nos tivemos.

Hoje , apos tres anos , e ainda sem emprego eu penso que o recomeco dificil eh aqui.O que me segura aqui eh soh uma pessoa na familia que no momento depende da minha presenca .Mais nada...

Todo mundo jah se acostumou a viver sem voce.Entao a minha dica eh :Mudou-se , torne este pais o seu pais, pois senao voce vai estar sempre em cima do muro e nao vai fazer nada nem de um lado nem do outro.Esquece seu pais de origem.Tem aviao a toda hora .E para vc ter uma ideia tem gente que eu nao vejo ha mais de um ano morando na mesma cidade.Entao que diferenca faz viver fora ou no Brasil.?Todo mundo fica lah fora sonhando quando vai voltar ao Brasil, quando chega aqui quer voltar pois a vida que ele deixou nao existe mais..Aproveite sua vida onde vc estiver....

Depois desta experiencia a gente descobre que tem pessoas que nunca ver ter tudo ao mesmo tempo.Eh preciso escolher e arcar com a consequencia das escolhas.

K.

24 de maio de 2010 10:04

Escolhemos esses dois comentários, um com opinião de retornar para o Brasil e o outro de não retornar, para mostrar como as pessoas, expondo suas experiências, se identificam e se preocupam com quem está do outro lado da tela do computador. Acontece, assim, uma intensificação de relacionamentos carregados de sentido: as práticas de regionalidade. A interação nos blogs acaba virando referência, tanto para autores quanto para leitores. Como falávamos no capítulo 2, o outro é razão da escrita dos blogs. Podemos dizer, inclusive, que existe um auto-reconhecimento de brasilidade. Esses blogueiros reafirmam-se, dessa forma, como brasileiros, como veremos logo mais quando discutiremos questões identitárias nos blogs.

Podemos encontrar outros relatos, que apresentam criação de laços de regionalidade, no blog *Mamães na Itália*³⁹⁹. A blogueira utiliza a ferramenta para reunir outras mães brasileiras que residem na Itália para, assim, trocar informações. Entendemos que esses são “feixes de relações”, pois no blog são realizadas trocas carregadas de sentido com quem participa. A gravidez é um momento especial na vida da mulher que, encontrando-se longe do seu território de origem, procura por novos laços sociais. É o que podemos perceber no *post* a seguir:

Curso pré-parto na Itália

10/05/10

In [Gravidez] Geral

Existem duas opções de curso pré-parto: No ASL ou no hospital. O curso é voltado para gestantes que estão no 7º mês de gravidez.

³⁹⁹ <http://www.mamaesnaitalia.com> - ND

No ASL da minha cidade, o curso é oferecido gratuitamente. Consiste em 6 lições, uma por semana, com duração de 2 horas, na meia hora final é feito um relaxamento. O cronograma abrange os seguintes tópicos:

- *come siamo cambiate*
- *psicologia e gravidanzaa*
- *travaglio e parto spontaneo o taglio cesareo*
- *allatamento materno*
- *incontro con i papà: tutela della maternità e paternità – aspetti sociale della gravidanzaa*
- *post parium e puerperio. Il nuovo nato arriva a casa.*

Essa é a programação segundo o ASL da minha cidade, talvez seja diferente em outros locais. Além disso, é possível que um curso como esse não tenha em todos os ASLs, já que existem colegas no meu curso que são de outras cidades.

No hospital (no caso o San Paolo de Milao) o curso custa € 128. Ocorre duas vezes por semana e cada encontro é feito com uma obstetra diferente. Se faz a inscrição no Libera professione do hospital. Quem não tem certeza se deseja de fato fazer o curso, pode se inscrever no Libera professione e esperar a primeira aula, que é uma apresentação do curso e ali é entregue a folha de pagamento.

Atualização 11/05/10

A Aninha deixou uma dica bem legal para quem é de Porto Alegre.

O curso é oferecido gratuitamente em Porto Alegre/RS no Hospital Divina Providência. Basta ligar pra lá e marcar o nome. A única coisa é que o curso é trimestral, se não me engano, e é por ordem de chegada, pois as vagas são limitadas. O legal é que são vários profissionais que dão as palestras: nutricionistas, pediatras, obstetra, psicopedagogo, enfermeiras. Cada um aborda um tema de sua área, e a gente aprende coisas como: cuidados com o recém-nascido, alimentação da gestante e da lactante, educação do bebê, desenvolvimento intra-uterino e primeiros meses, tipos de parto, anestésias. Uma porção de coisas que deixam a gente mais tranquila pra que esse momento seja realmente especial.

Postado por D.

A blogueira, neste *post*, fala da sua experiência no curso pré-parto. Expondo a sua vivência, espera contribuir com outras gestantes que estão na mesma situação que ela. Interessante também é que outras mães, brasileiras que não moram na Itália, participam do blog. *D.*, inclusive, fez uma atualização na postagem com um comentário de uma gestante de Porto Alegre. Dessa forma, mesmo o blog tendo o foco em práticas de regionalidade entre mães na Itália, o objetivo também é trocar experiências com mães de qualquer parte do mundo. Afinal, o que circula na rede tem alcance mundial. Podemos pensar que o comentário deixado pela mãe porto-alegrense é uma outra prática de regionalidade, desta vez, simplesmente, representando uma troca de informações entre mães.

Os blogs de brasileiros na Itália e, acreditamos, de todos que residem no exterior, apresentam, também, característica de ligação com familiares e amigos no Brasil. É uma maneira de mantê-los informados, com notícias atualizadas. Uma forma de encurtar distâncias por meio das novas regionalidades mantidas através dos blogs. Muitas vezes, ocorre a publicização de questões privadas e familiares. Acontece a abertura do espaço privado para o

público. É o que percebemos no blog *Carlinha com bicho-carpinteiro*⁴⁰⁰. A blogueira costuma falar do dia-a-dia de sua família, como no seguinte post:

quarta-feira, 19 de maio de 2010

1 mes da T.!!!

genteeeeee, minha filha tah fazendo 1 mes hoje.. nem acredito!! minha piccolina... desculpa aih, mas ela é fofa!! nasceu pequenininha, miudinha mas agora tah ganhando peso.. encorpando.. hehe... saudavel graças a Deus!!

Ontem fomos a pediatra... mede daqui, mexe dali.. tudo perfeito... 3,650 kg e 52,5 cm... ou seja foi mais de 1 kilo em apenas um mes e + 4,5 cm a mais!!! bom demais... e isso soh mamando no peito.. pobre maae!! hahahaha.. a "terneirinha" tah sempre pendurada, mas quem tah reclamando? eu que nao.. to feliz da vida!! Dorme bem, chora de fome (normaaaaaall), faz coco.. hahaha.. essa é a vida dela por enquanto...

O P. ontem nao se aguentava em si de tanto orgulho no consultorio da "sua doutoressa"... afinal ELE levou a maninha lah né.. ficava ao lado e ele respondia a cada pergunta que a doutora fazia pra mim.. hehehe... e ele tem estado assim mesmo, carinhoso, cuidadoso... quer sempre colocar ela no colo, quer que ela fique olhando ele, dah beijos e beijos e beijos.. bom demais.. to muito feliz.. achei que seria mais complicado esse inicio, mas tem dado tudo certo!! o P. é muito amado, graças a Deus...

A mae ainda tah aqui e me ajudando bastante.. principalmente com os 2.. nessa questao emocional... daqui ha 1 mes ela vai pra casa da lee/ Marcelo na Inglaterra, nem quero pensar... 2 filhos é bucha gente... hehe... palmas pra quem tem 3, 4 (+ nem se fala)... mas acredito que eu me vire bem, nao dah pra se apavorar!! Pelo menos os 2 estao bem saudaveis e isso a gente soh agradece a Deus por esse cuidado, essa protecao!!

To quase terminando a decoração do ap novo, por isso ainda nao coloquei as fotos aqui... vem logo eu prometo.. o quarto deles tah ficando show... eu me empolgo né e inventei um painel numa parede inteira do quarto.. agora me viro com tudo! hahahahaha...

Bom, essas sao as ultimas... no orkut e facebook tem mais fotos deles se quiserem ver... essas duas ficam pra dar o gostinho... hehe.. Valeu a força aih gente, beijao enorme!!



Postado por C. S. às 11:17 1 comentários

A exibição de assuntos privados é uma maneira que os blogueiros têm de retomar laços de ligação íntima com os familiares e amigos no Brasil. É uma forma de “proximidade”, de encurtamento de distâncias, que não seria necessária se houvesse a proximidade física.

⁴⁰⁰ <http://carlinhacombicho-carpinteiro.blogspot.com/> - ND

Os relatos apresentados nos levam a refletir, também, sobre como os blogs podem ser pontos de territorializações ou de reterritorializações no ciberespaço. Os brasileiros na Itália, conforme vimos no capítulo 1, deslocados do território de origem, participam daquilo que Corrêa (2009) chama de novas maneiras de resignificação e resimbolização de marcas culturais e identitárias.

Ressaltamos que as questões referentes à regionalidade não devem ser pensadas separadamente das questões ligadas à cultura e identidade. Por isso, é importante que analisemos, da mesma forma, os blogs de brasileiros na Itália em relação às representações identidades.

4.2 Representações de identidades (*ciberidentidades*) nos blogs

As questões identitárias já foram abordadas neste trabalho, primeiro, em relação às identidades múltiplas, híbridas e fragmentadas quando falamos sobre globalização e, depois, em relação à identidade étnica e nacional. No entanto, entendemos que todos os assuntos trabalhados até aqui estão ligados, de uma forma ou outra, a questões de identidade. A discussão, agora, está voltada para uma análise das identidades representadas no ciberespaço, especialmente, nos blogs.

Falamos em identidades no plural, porque, como afirma Mafesoli, uma mesma pessoa, em suas relações sociais (ou em suas *tribos*, na concepção do autor), representa diferentes papéis. Esta é uma característica da socialidade:

A pessoa (*personna*) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*.⁴⁰¹

Se na vida “real” os figurinos já são muitos, no ciberespaço, acreditamos que eles sejam em número ainda maior, pois existem múltiplas possibilidades de interação. Existe a facilidade de participação em diferentes grupos ao mesmo tempo. Além disso, é possível, em um único espaço, representar papéis diferentes. A falta da presença física é um estímulo para que cada um mostre suas identidades ou, até mesmo, crie outras.

Para Ribeiro, a falta do contato físico faz com que os indivíduos vivenciem um espaço de possibilidades, sem as “amarras” causadas pela presentificação do corpo real. Segundo o

⁴⁰¹ MAFFESOLI, M. *Op. cit.*, 2000, p. 108.

autor, existe “... um grande leque de opções de experimentação de outras formas de construção de suas relações sociais em uma cultura de simulação.”⁴⁰² Dessa forma, “o cibernauta poderia criar de forma fragmentada vários sujeitos imaginários.”⁴⁰³

O distanciamento proporcionado pelas relações desenvolvidas no ambiente virtual proporciona, de acordo com Recuero, um anonimato sob diversas formas, pois a personalidade do indivíduo não é conhecida imediatamente. “Além do mais, barreiras como sexualidade, cor, limitações físicas e outras não são imediatamente dadas a conhecer, proporcionando uma maior liberdade aos atores envolvidos na relação.”⁴⁰⁴ A falta da linguagem não-verbal no relacionamento também influencia. Assim, segundo a autora, outras convenções precisam ser estabelecidas para suprir essas faltas (como o estilo e a estrutura da narrativa e o vocabulário empregado, por exemplo.)

Segundo Recuero, o distanciamento entre os envolvidos na interação social virtual faz com que os atores não sejam imediatamente discerníveis. “Assim, neste caso, trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço.”⁴⁰⁵ Para a autora, os atores envolvidos nesse processo, podem ser representados por um *blog*, um *fotolog*, um *twitter*, ou um perfil no *Orkut*, por exemplo. Cada ator representa um nó na rede, em cada uma dessas circunstâncias. A possibilidade de constante mudança e atualização desses espaços são um processo de permanente construção e expressão de identidade no ciberespaço. “É a presença do “eu” em um espaço que é público e privado ao mesmo tempo.”⁴⁰⁶

Thomas Erickson fala da *World Wide Web* como “hipertexto social”. Para ele, as páginas pessoais são uma espécie de currículo do internauta, no qual ele apresenta informações pessoais e profissionais. Mas elas não se limitam a isso:

As páginas pessoais e a world wide web não estão sendo usadas para ‘publicar informação’; elas estão sendo utilizadas para construir identidades – informação útil é apenas um efeito colateral. A página pessoal é uma imagem cuidadosamente construída de uma pessoa.⁴⁰⁷

⁴⁰² RIBEIRO, José Carlos. Um Breve Olhar Sobre a Sociabilidade no Ciberespaço. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (Orgs). *As Janelas do ciberespaço*. Porto Alegre: Sulina, 2001, p. 143.

⁴⁰³ *Idem*.

⁴⁰⁴ RECUERO, R. *Op. cit.*, 2009, p. 37-38.

⁴⁰⁵ *Idem*, p. 25

⁴⁰⁶ *Ibidem*, p. 26-27

⁴⁰⁷ ERICKSON, Thomas. *The World Wide Web as Social Hypertext*. 1996. Disponível em: http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/SocialHypertext.html. Acesso em: 24 Mai 2010. Tradução da autora para: “Personal pages and the world wide web are not being used to ‘publish information’; they are being used to construct identity - useful information is just a side effect. A personal page is a carefully constructed portrayal of a person.”

Para Erickson, é isso que caracteriza a *web* como hipertexto social. Os nós na rede são representações das identidades das pessoas. Nos blogs pessoais, por exemplo, é possível conhecer muito sobre o blogueiro, não somente pelas postagens, mas também pelo seu *blogroll* e pela maneira como interage com outros no ambiente virtual.

Uma das mudanças ocorridas com a transformação da *web* em hipertexto social, segundo Erickson, é a forma como as pessoas buscam informações. Ao invés de servirem-se dos sites de busca, os usuários podem propor questões como: “Quem sabe?”, ou “quem sabe alguém que sabe?”. O autor diz que isso caracteriza uma navegação social, que é nova apenas no contexto da rede de computadores, mas é uma forma antiga e familiar de encontrar coisas na vida real. “Somos seres sociais e o hipertexto social prevê abertura para usarmos nossa reserva imensa de conhecimento social para inferirmos sobre onde encontrar informações na rede.”⁴⁰⁸ Esse dado nos ajuda a compreender que o que muda não são as pessoas e suas relações e, sim, a maneira como as coisas acontecem.

4.2.1 Narrativas de identidades nos blogs

Chamaremos as análises realizadas em relação às representações de identidades nos blogs de “narrativas de identidades”⁴⁰⁹. Com o decorrer da pesquisa surgiram alguns questionamentos em relação às identidades representadas no grupo de análise. *Existiriam diferenças entre o grupo de brasileiros descendentes de imigrantes italianos em relação ao grupo de não descendentes?* As observações e análises nos levaram a perceber que somente em parte essas diferenças aparecem. Para demonstrar como percebemos as representações de identidades nos dois grupos, dividimos as narrativas de identidades em duas: *narrativas de brasilidade e diferença* e *narrativas de italianidade*.

4.2.1.1 Narrativas de brasilidade e diferença

Narrativas de brasilidade e diferença são narrativas daquilo que entendemos como representações de identidade étnica e nacional em relação ao Brasil, em ser “brasileiro” e,

⁴⁰⁸ *Idem*. Tradução da autora para: “We are social beings, and social hypertext provides the opening for us to use our immense store of social knowledge to make inferences about where to find information on the net.”

⁴⁰⁹ Narrativas de identidades estão relacionadas à identidade como um constructo, na concepção de Stuart Hall (2005).

também, as representações que identificam a auto percepção desses brasileiros como “estrangeiros”. No decorrer da pesquisa, percebemos que tanto os blogs de brasileiros descendentes de imigrantes italianos quanto os de não descendentes apresentavam manifestações nesse sentido.

As representações de brasilidade são constantes nos blogs pesquisados. Uma das características que desperta a atenção é a evidência coletiva de brasilidade nos blogs quando o Brasil é assunto na mídia internacional. É o caso da participação do país na Copa do Mundo de Futebol da África do Sul, como mostram os *posts* abaixo:

1) Blog *Brasil na Itália*⁴¹⁰

15 Junho 2010

É hoje a estréia o Brasil na Copa do Mundo

Aqui na Italia a gente já começa a esquentar escutando o hino do Brasil via YouTube. Hoje à noite vou acompanhar o jogo e comentar via Twitter. Quem estiver online me procure: @brasilnaitalia . Alguma hashtag em especial para hoje a noite?

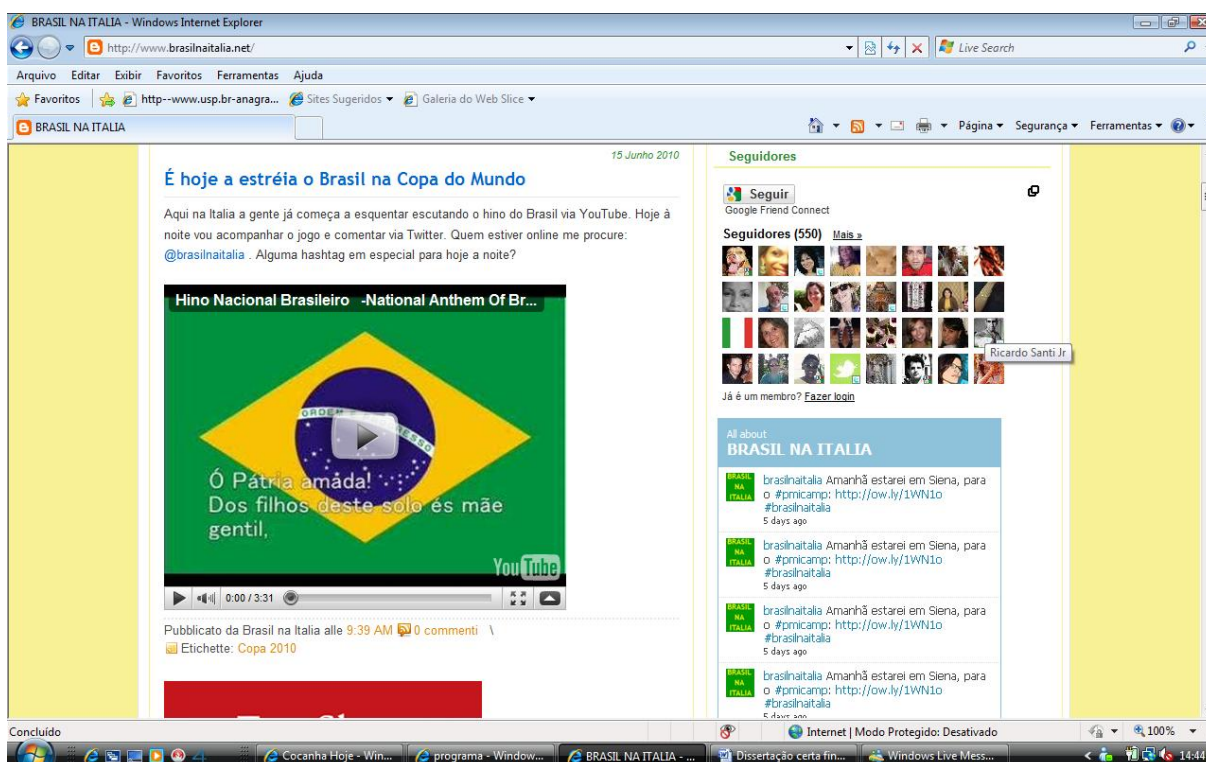


Figura 3 – Representação de brasilidade no blog *Brasil na Itália*

2) Blog *Notícias da Bota*⁴¹¹

10/06/2010 às 12:01 | 1 comentários | *Brasil, Esporte*

⁴¹⁰ www.brasilnaitalia.net - DI

⁴¹¹ http://www.noticiasdabota.com// (ND)

Só quem é brasileiro pode entender...



Ai ai,... que saudades do meu Brasil, do meu Rio de Janeiro...

Sinto falta do clima de "Copa do Mundo" aqui na Itália. Sinto falta das ruas pintadas de verde e amarelo, da criatividade e da alegria nata do povo brasileiro. Sinto falta até de quebrar a cabeça para organizar e implorar para os dirigentes da empresa os horários de expediente durante as partidas do Brasil. Lembro que na Copa do Mundo do Japão e da Coreia os jogos eram todos de manhã cedinho e a gente organizava belíssimos e animados café da manhã para que os funcionários pudessem assistir as partidas na empresa e olha, ninguém chegava atrasado!

É a primeira vez que passo uma copa do mundo na Italia e ainda não vi ninguém se organizar para ver as partidas juntos, não vi ruas enfeitadas, não vi bandeiras italianas espalhadas pela cidade e pelos automóveis. Pode ser que eles deixam pra fazer tudo isso em cima da hora, ou seja, no próximo dia 14, quando a Italia estreia no mundial.

Enquanto isso vou tentar me organizar com alguns brasileiros e mostrar para a Italianada o porque o Brasil è o país do futebol! Eu gostaria muito que o meu marido conhecesse a alegria do povo brasileiro quando a "seleção canarinho" entra em campo!

Estou com os olhos cheio d'água, querendo participar da festa no Brasil! Não tem problema não, em 2014 ninguém me segura na Italia! Vamos ver a Copa no Brasil ao vivo e a cores!!!

Sò quem é brasileiro pode entender...

No *post 1* encontramos a expressão de brasilidade não somente em texto, mas através de um vídeo no *YouTube*. Um vídeo com a bandeira nacional de fundo, com o Hino Nacional Brasileiro acompanhado por legenda. Foi uma alternativa que a blogueira encontrou para entrar no clima da Copa do Mundo, de fazer parte de mais um capítulo da história do seu país de origem, mesmo estando longe.

No *post 2*, a blogueira, que também utilizou na postagem uma imagem recordando a bandeira e as cores do Brasil, demonstra a saudade de estar em território brasileiro durante uma Copa do Mundo. Ela estranha a situação de que os italianos não estão se movimentando para Copa como ela esperava. E por isso, quer “mostrar para a Italianada o porque o Brasil è o país do futebol!”, algo que, para ela, só quem é brasileiro consegue entender.

Outra forma de manifestação da identidade cultural brasileira nos blogs que acompanhamos durante a pesquisa, está relacionada à culinária. O *post* a seguir, do blog *Cappuccino e cornetto*⁴¹², ilustra a questão:

09/01/2010

Pequenos prazeres

Quem diria que um dia eu iria morrer de alegria ao ver no cantinho meu armario 1kg de goma de mandioca ou explodir de emoção por dar uma bela mordida em um beiju de tapioca quentinho? E o que dizer da sensação do docinho da castanha de caju (assada) na boca? São emoções que só nordestino que mora fora sente. Mamãe, depois 1 mês de férias na Itália, descobriu o valor de nossos pratos típicos e, todas as vezes que vem nos visitar, prepara uma "super cesta básica de produtos típicos" para me dar de presente . Pode parecer bobagem para quem mora no Brasil e pode comer as guloseimas da sua terra todos os dias mas para nos, exilados, essas guloseimas valem ouro! kkk

Uma vez, de férias no Brasil, comentei com um amigo que eu estava trazendo na minha bagagem 3 pacotes de farinha de milho (para fazer cuscuz) ele deu uma baita risada e disse que vim para Europa para virar farofeira. Coitado! Queria vê-lo depois de um ano comendo pizza, lasanha, gnocchi e cornetto. Não é que a cozinha italiana seja ruim (muito pelo contrario!). Mas é que os sabores que nos fazem recordar as nossas raízes são de fundamental importância quando estamos longe da nossa terra.

No primeiro dia do ano, papai , que é um mestre na arte de preparar beiju de tapioca, acordou cedo para preparar o nosso café da manhã. Tadinho, estava enjoado de comer cornetto e cappuccino. Me pediu todos os utensílios necessários para a preparação e literalmente colocou a mão na massa. Resultado: 6 beijus deliciosos, como nunca comi na minha vida:

Culturas a confronto

Meu marido, que nunca comeu beiju na sua vida, pegou o seu e o recheou com geleia de albicocca (eca!)... Papai o olhou quase ofendido. Silencio na mesa... Depois da primeira mordida e um gole de café com leite, o italiano declara: BUOOOONO! Mas é como dizem por ai: GOSTO: CADA UM TEM O SEU!

A. K.

A blogueira descreve a sua felicidade em encontrar um ingrediente, aparentemente esquecido, para uma receita típica regional nordestina. A blogueira afirma a falta que os produtos fazem, uma espécie de “castigo” para os “exilados”. Como falávamos no capítulo 1, as culturas locais (neste caso, através da culinária nordestina) estão cada vez mais fortes. Para ela, a culinária é uma forma de ligação com as suas raízes, uma forma de afirmar-se nordestina e brasileira.

A. K. declara que a tapioca pôs as culturas italiana e brasileira em confronto. Seu marido, inclusive, tentou “italianizar” a receita, recheando a tapioca com uma geléia típica

⁴¹² <http://karinecappuccinoecornetto.blogspot.com> -ND

italiana. Convivendo com essas diferenças, a blogueira expressa no blog a sua condição de “brasileira”, apesar de viver há vários anos na Itália.

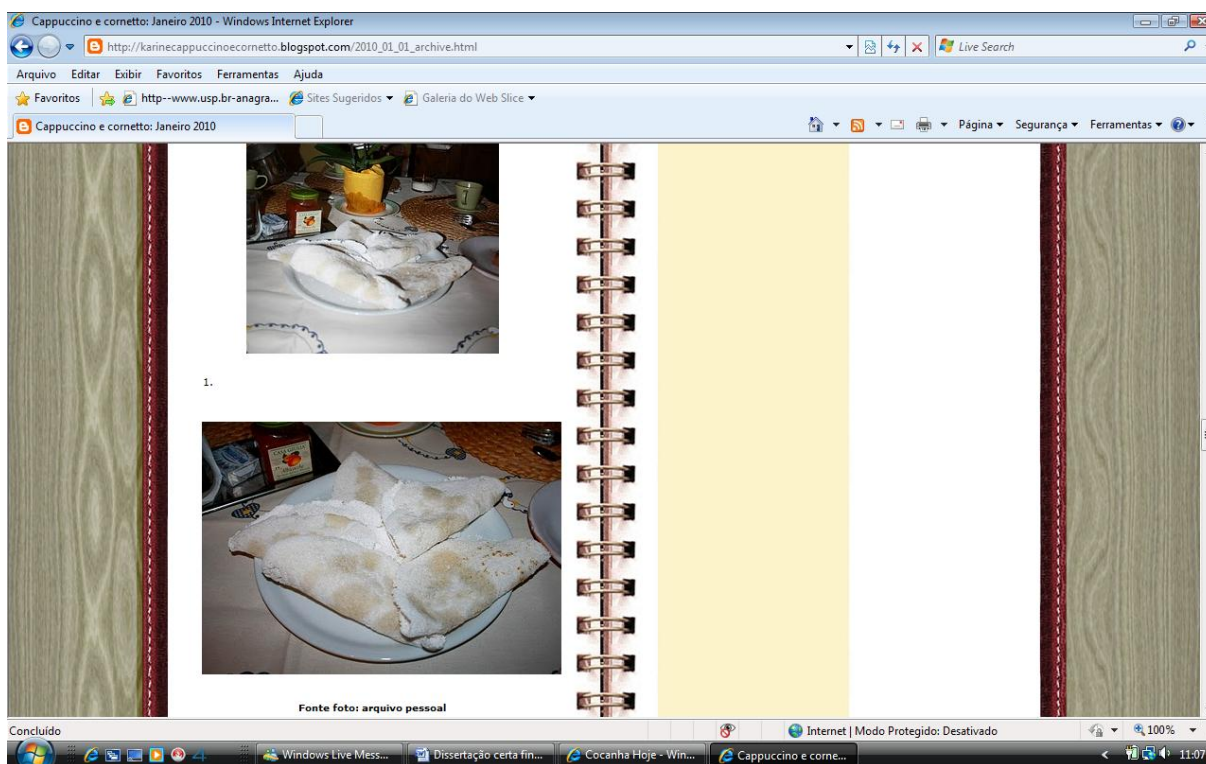


Figura 4 – Representação da culinária nordestina no blog *Capuccino e Cornetto*

Um dos comentários feitos ao *post* de A.K. demonstra como outros brasileiros identificam-se com o seu relato:

Anônimo disse...

OLÁ A., SOU C. . E SEI BEM DESSE SENTIMENTO DE FELICIDADE DE BRASILEIRO NORDESTINO NO EXTERIOR DIANTE DE UM PACOTE DE MASSA DE TAPIOCA NO ARMÁRIO, É DE CHORAR SE NÃO FOSSE PRA RIR... BOM, COMO DIZ GONÇALVES DIAS EM SUA

Canção do Exílio

*"Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

Em cismar, sozinho, à noite,

*Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá."*

[Gonçalves Dias]

BOM ESSE POEMA DESCREVE, E BEM, O SENTIMENTO DE NÓS BRASILEIROS FORA DE NOSSA PÁTRIA. E É PARA NÃO ESQUECERMOS ONDE QUEM "SOMOS" POVO BRAVO E FORTE "DANADO CABRA DA PESTE" QUE ESCREVO E AGRADEÇO PELA INICIATIVA DE EXPRESSAR ESSA EXPERIÊNCIA E ESTE ELO ENTRE DOIS PAÍSES QUE CADA VEZ MAIS ESTREITAM OS LAÇOS SOCIAIS E CULTURAIS.

C.

17 de fevereiro de 2010 08:09

Não sabemos se C. é blogueira ou não, pois deixou seu comentário de forma anônima. Mesmo não sendo, aproveitou o espaço para se solidarizar. O reconhecimento com a situação de A.K. a fez ilustrar o comentário com a poesia de Gonçalves Dias, muito sugestiva em relação à identidade nacional brasileira e à saudade dos que estão longe do Brasil. C. finaliza falando, por meio de vários adjetivos, do sentimento que o poema passa em relação à “pátria”, o que reforça a ideia que ela tem de si e dos nordestinos, como povo brasileiro.

As análises nos fazem perceber o quanto as questões identitárias são importantes nos blogs de brasileiros que residem na Itália. A representação coletiva da brasilidade é uma mostra dos laços sociais estabelecidos, entendidos por nós como representações de regionalidades. Ao nosso ver, essas parecem ser características fundamentais em blogs de brasileiros no exterior.

As demonstrações de brasilidade também estão relacionadas à auto-percepção desses brasileiros como “diferentes”, como estrangeiros. Assim como as representações de brasilidade, que ganham reforço no contraste com as identidades dos locais de destino, “ser estrangeiro” revela mais do que o reforço de uma identidade nacional, revela identidades deslocadas por meio da diferença.

O confronto com o diferente pode ser percebido no *post* a seguir, do blog *Made in Napoli*⁴¹³, em que a blogueira realiza uma série de questionamentos:

10 agosto 2006

"Porque sim" nao é resposta!

Porque na Italia nao existe ralo?

Porque os padeiros pegam o pao com a mesma mao que eles pegam o dinheiro e possivelmente coçam o dito cujo?

Porque no supermercado nao vende fosforo? Nem fio dental?

Porque nas lojas o vendedor pensa que esta fazendo o favor de vender algo para voce e tratam mal a clientela?

Porque se voce erra alguma palavrinhas eles fazem de conta (ou sao burros?) de nao entender nada?

Porque pensam que voce tem que ser negra por ser brasileira?

Porque pensam que voce tem que saber sambar por ser brasileira?

Porque pensam que voce tem que ser uma otima dona de casa so porque é mulher?

Porque pensam que voce nao pode ter opiniao so porque voce é mulher?

Porque pensam que voce morria de fome no Brasil e agora esta com a vida boa?

Porque pensam que so porque voce mudou de pais, nao ama os seus pais e familia?

Porque pensam que voce é idiota se voce sorri para os outros?

Porque pensam que voce é idiota se agradece o vendedor depois de comprar algo?

Porque pensam que voce é bobo alegre se esta feliz?

Porque quando batem o carro a primeira coisa que fazem é ligar pro papai ao inves de chamar o guincho?

Porque em 2006 ainda votam com papel e lapis fazendo um X no candidato ao inves de votar com computador?

Porque o sistema bancario daqui é precario? Uma transferencia entre contas demora ate 4 dias e para fazer um deposito em uma conta precisa da autorizacao do beneficiario.

Porque ninguem paga contas pela internet?

Porque nos restaurantes nao tem menu e quando tem nao tem os preços?

Porque para entrar numa praia voce é obrigado a pagar?

Porque nao existe varal de teto?

Porque Italiano pensa que diversao = entrar no mar num calor de 40°C?

Porque italiano insiste em perguntar se no Brasil existe TV a cores, computador, elevador, macarrao, carros, entre outras coisas absurdas?

Porque insistem em usar fax ou correios se ja existe email?

Porque tudo, mas tudo mesmo, fecha por duas semanas em agosto, transformando todos os lugares em cidade fantasmas?

Porque tudo fecha das 13hs ate as 14hs?

Porque depois das 14hs, tudo fecha as 20hs?

(...)

E porque raios vim parar aqui???

ha scritto P. 11:07 AM / 8 puoi scrivere anche qui

A blogueira demonstra indignação com os estereótipos em relação ao Brasil (pobreza, samba, cor da pele,...), mas, em contrapartida, aponta o que ela vê de negativo na cultura

⁴¹³ <http://madeinnapoli.blogspot.com> - DI

italiana, como o atraso em relação à tecnologia e o preconceito com a mulher. O blog, como um espaço democrático, em que existe liberdade de expressão, serve como um espaço de desabafo.

Essa é uma característica recorrente nos blogs pesquisados. No *post* a seguir, do blog *Notícias da bota*⁴¹⁴, também encontramos um tom de desabafo na comparação da vida no Brasil e na Itália:

20/03/2010 às 15:15 | 16 comentários | Imigração, Sobre mim

Vida de imigrante

Vida no exterior não é fácil, a gente sofre muito.... A vida aqui é uma luta diária, você mata um leão por dia para ir se adaptando. Primeiro a língua, depois a comida, a cultura, as pessoas e até mesmo a coca cola que é mundial, é diferente. Aqui ela quase não tem gas.

Tudo é diferente e você tem que começar, ou melhor, recomeçar do zero. Tirar todos os seus documentos, voltar pra auto-escola, recomeçar a estudar tudo o que você não sabe do país: história, políticas, personagens importantes, leis, deveres e direitos. E para parece que você nunca vai aprender tudo que está à sua volta.

A maioria das pessoas pensam que viver no exterior é glamuroso, mas na verdade não é não. Financeiramente não me falta nada, tenho tudo o que necessito materialmente para viver, disso eu não posso reclamar. Mas sinto falta da minha independência emocional, às vezes me sinto isolada no mundo, sinto falta de ter minhas coisas, meu trabalho, meus amigos... E como se a gente perdesse a nossa identidade, porque no final eu não me sinto nem italiana e nem brasileira... me sinto uma expatriada! Mas como o tempo é o melhor remédio pra tudo, devagar a gente vai se adaptando e um dia a gente acaba abraçando essa terra e a sua gente como se fosse nossa!

É claro que não posso dizer que sou infeliz, não seria verdade, mas ainda me falta algumas coisas para eu declarar que sou feliz com a boca cheia. Não é fácil ser feliz aqui... Não basta só o amor e uma cabana pra ser feliz.

Se eu for estudar a teoria das necessidades de Maslow vai me faltar os dois últimos degraus da pirâmide: necessidade de autorealização e necessidade de auto estima (quando digo auto estima, digo aquela relacionada a status e reconhecimento) - Isso eu ainda não conquisei. Os outros degraus que compõem a pirâmide: necessidades fisiológicas, segurança e afeto, já está no bolso.

Eu gostaria de ouvir mais depoimentos de imigrantes e saber se somente eu penso e me sinto assim. Gostaria de saber das experiências e da vivência de vocês.

A blogueira inicia reconhecendo seu estado de imigrante. O deslocamento de território e o reconhecimento do não-pertencimento aquele local, nos faz perceber uma identidade fragmentada e múltipla (“*eu não me sinto nem italiana e nem brasileira... me sinto uma expatriada!*”). Começar uma vida nova em outro país implica uma série de adaptações que, muitas vezes, devido aos contrastes, transformam-se em experiências negativas.

⁴¹⁴ <http://www.noticiasdabota.com> - ND

Este *post* teve 16 comentários, um número alto se comparado à média do blog (verificamos que os comentários ficam em torno de 0 a 5 para cada *post*). Ocorre que outros brasileiros na Itália também se identificaram com as palavras da blogueira. A.K. (do blog *Cappuccino e conetto*) foi uma das pessoas que deixou comentário:

Oi C.! Muito interessante seu post. Sao 7 anos que moro na Italia e no começo me sentia exatamente como vc. No meu caso, o que me faz mais falta e que faz tudo ficar mais difícil do que realmente é , é a falta de referencias. No Brasil, eu tinha meus amigos e minha familia que, basicamente, tinhamos os mesmo interesses, os mesmo ideais e a mesma filosofia de vida. Aqui, me deparei com modelos diferentes (para nao dizer inversos). E mesmo na comunidade brasileira foi e ainda é difícil de me reconhecer. Por isso, me sinto meio desorientada.

Nao posso me lamentar do que ja consegui até hoje por aqui. Mas sabe quando vc tem a impressao de que nao esta usando todo seu potencial? Que vc poderia chegar muito mais longe? Pois é. Sempre digo ao meu marido que me sinto como se eu tivesse com todo gas para correr e alguem segurasse minhas pernas.

Vejo muita gente dizer que aqui tem condições de TER coisas que no Br nao teria, por isso nao volta pra la. Eu nao ligo muito em TER, pois acho que TER vem depois da realizacao pessoal. Eu queia mesmo é FAZER muitas coisas, produzir, ser reconhecida profissionalmente o que aqui nao to conseguindo. Mas como sou brasileira e nao desisto nunca, vou tentando pra ver se consigo chegar la...

20 de março de 2010 15:49

A.K. demonstra que a troca de país também a deixou sem referências. O que causou incômodo foram as diferenças, que de tão marcantes, foram classificadas como “inversas”. Como discutimos anteriormente, as identidades estão sempre ligadas à diferença. Ser estrangeiro é mais uma forma de reconhecer-se brasileiro (“*que não desiste nunca*”).

O comentário revela a solidariedade entre os blogueiros, que utilizam os blogs também para desabafar suas angústias e afirmar suas identidades. A manifestação coletiva da brasilidade aparece muito forte, como uma espécie de antídoto de “sobrevivência” ao novo território.

Percebemos, através dos blogs analisados, a evidência do “contraste”, o que entra em divergência com o que alguns autores chamam de hibridismo cultural. Os *posts* apresentam uma visível demonstração da diferença, uma espécie de linha divisória entre o que esses brasileiros são e o que é a realidade que os cerca na Itália.

Não podemos dizer, no entanto, que a auto percepção dos brasileiros em relação à diferença reflete somente pontos negativos do país de destino, como apresentado acima. Pelo contrário, uma das características dos blogs de brasileiros na Itália e, acreditamos de todos os

que moram fora do Brasil, é de apresentar a cultura, a culinária, os pontos turísticos do novo país, até como forma de compartilhar a experiência com parentes e amigos distantes.



Figura 5 – Post sobre a *Fontana di Trevi*, em Roma, no blog *Dentro da Bota*⁴¹⁵

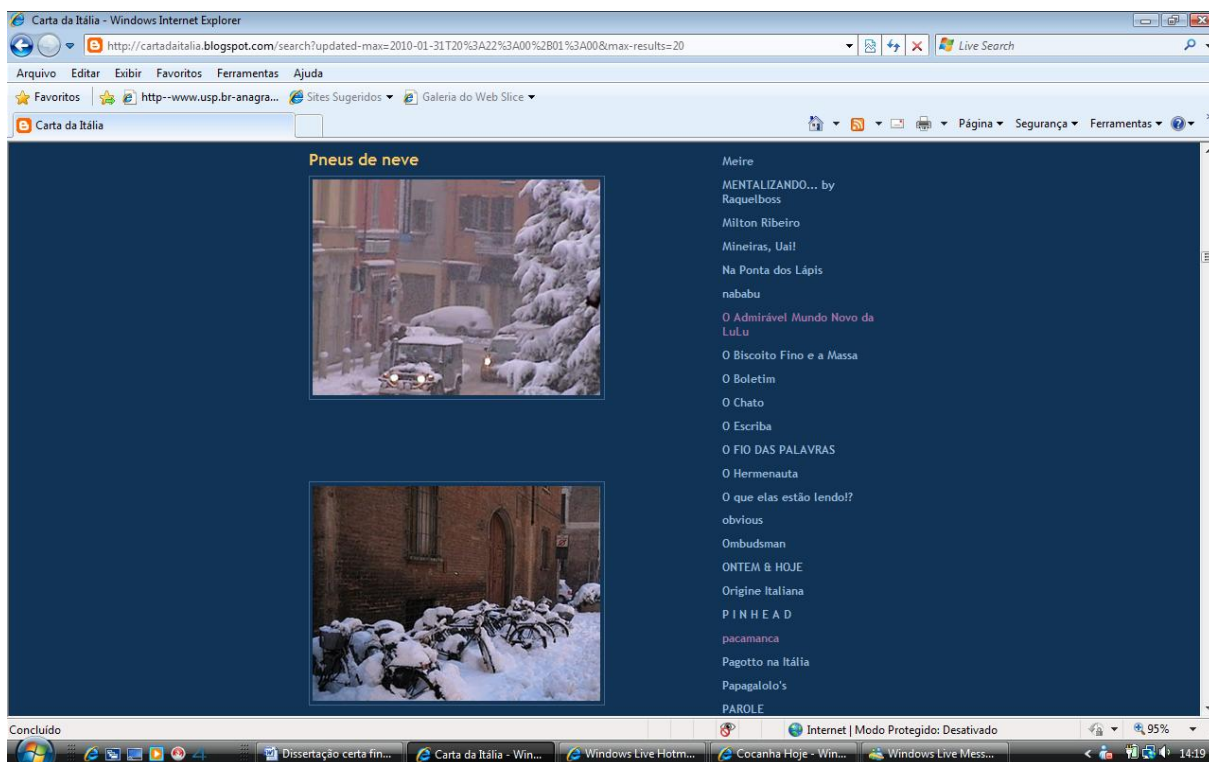


Figura 6 – Post sobre a neve em Piacenza-EM, no blog *Carta da Itália*⁴¹⁶

⁴¹⁵ <http://dentrodabota.blogspot.com/> - DI

⁴¹⁶ <http://cartadaitalia.blogspot.com/> - ND

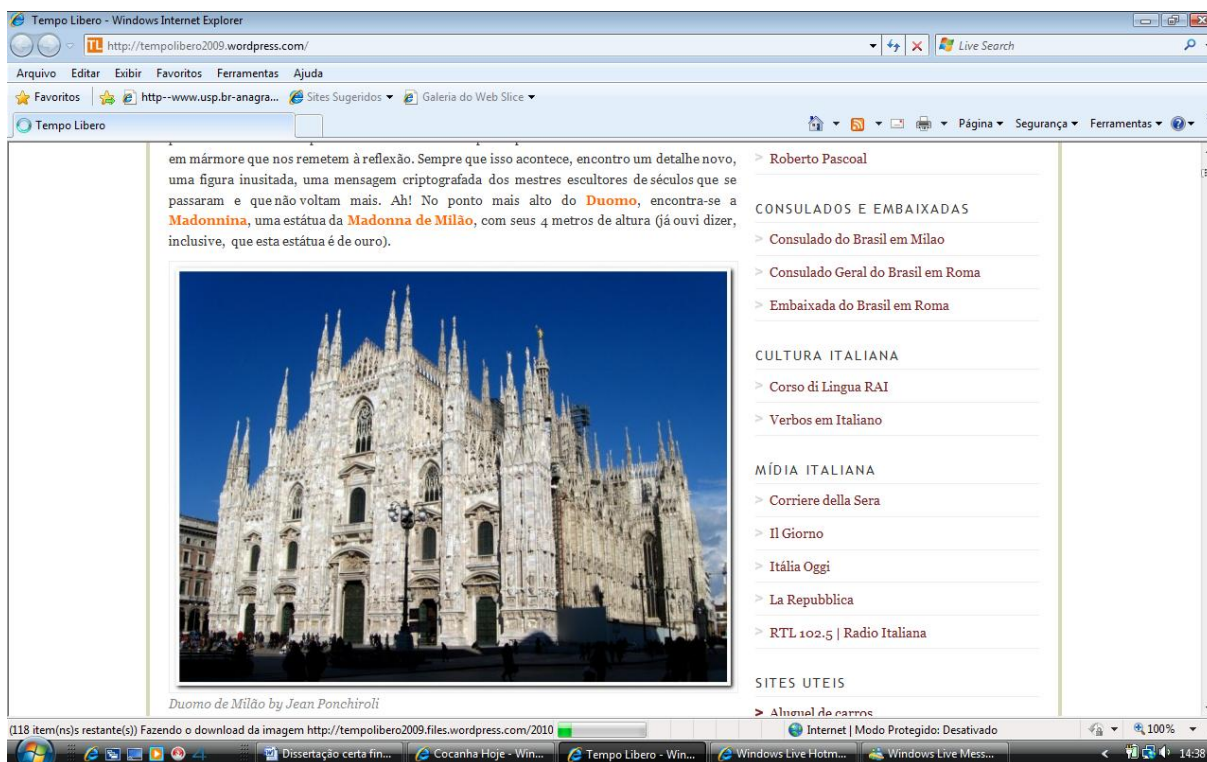


Figura 7 – *Post* sobre a catedral de Milão, no blog *Tempo Libero*⁴¹⁷

Observando as narrativas de identidade encontradas nos blogs, podemos dizer que existe, também, certo fascínio pelo diferente. E os blogs, além de uma ferramenta de divulgação das vivências dos brasileiros na Itália, acabam virando uma espécie de arquivo de todas essas experiências.

4.2.1.2 Narrativas de italianidade

Narrativas de italianidade são narrativas que, ao nosso entender, refletem de alguma forma demonstrações de identidade italiana, relacionadas ao sentimento de pertença a esse grupo. Esse sentimento entre os brasileiros descendentes de italianos ocorre devido ao entendimento de que, por ter o direito à cidadania *jure sanguinis*, além de brasileiros, são também italianos.

No entanto, é preciso destacar que nem todos os blogs de descendentes de imigrantes italianos demonstram algum tipo de representação de italianidade. O objetivo deste trabalho

⁴¹⁷ <http://tempolibero2009.wordpress.com/> - DI

não é quantificar essas representações, nem de levantar que percentual representa no total. Queremos registrar a nossa interpretação em relação aos sentidos transmitidos por elas.

O blog *Minha Saga*⁴¹⁸ pertence a um brasileiro que, depois de passar pelo processo burocrático da cidadania italiana, resolveu trabalhar como consultor na área. O blog, além do caráter pessoal, também auxilia na sua profissão. Em várias oportunidades, o blogueiro expressa orgulho em relação à italianidade, como nos *post* a seguir:

23 Dezembro 2008 Aniversários...

Ciao amigos

Este mes é um mes especial pra mim! Nosso blog completa 2 anos e amanhã, dia 24/12 é aniversário de 1 ano do processo de reconhecimento da minha cidadania!!!

Quantas coisas aconteceram neste ano, e eu sò tenho a comemorar:

Neste ano recebi 2292 emails até este momento (média de 191 por mes, sem contar as respostas aos mesmos), escrevi 99 posts (com este), reconhecemos 45 cidadanias (media de quase 4 por mes), recebemos 88339 visitas no blog, temos 1405 membros na nossa comunidade do Orkut, enfim este foi um ano de grandes números, muito trabalho e uma satisfação enorme, chego ao fim do ano com a sensação de dever cumprido!!!

E parece que foi ontem que eu caminhava em direção ao comune, 2 graus no rosto, a torre da igreja aparecendo na minha frente... Quanto sofrimento, quantas noites mal dormidas esperando chegar o tao sonhado momento, da assinatura da minha cidadania!

E hoje, um ano depois eu olho pra trás e sinto orgulho! Orgulho por ter chegado onde cheguei!

(...)

Orgulho dos meus avòs, dos quais pude herdar toda minha italianidade, meu amor incondicional a esta que descobri ser minha verdadeira pàtria, minha gente, meu povo! E o que mais me orgulho é de a cada conquista, cada passo dado, jamais me esquecer do tamanho do poder que Deus tem sobre nossas vidas, sobre nossas conquistas e realizações!

(...)

Obrigado, obrigado, muito obrigado!

Auguri a tutti!

Para o blogueiro, o momento da assinatura da cidadania italiana foi uma ocasião muito especial. Com o seu trabalho de consultor na área de cidadania italiana, ele parece reviver a sua “saga” em cada novo brasileiro que, com seu auxílio, torna-se “italiano”. Fica evidente, no *post* acima, a exaltação da italianidade: “Orgulho dos meus avòs, dos quais pude herdar toda minha *italianidade*, meu amor incondicional a esta que *descobri ser minha verdadeira pàtria, minha gente, meu povo!*”.

Em resposta ao questionário enviado por nós via email, foi possível verificar que, na família deste brasileiro, a italianidade fazia parte das vivências:

⁴¹⁸ <http://www.minhasaga.org>

Cresci ouvindo grandes autores italianos: Domenico Modugno, Peppino di Capri, Gigliola Cinquetti, Nico Fidenco, entre outros... Além das canções italianas, desde pequeno ouvia palavras estranhas ditas pelos 'nonnos, que depois descobri serem o tal dialetto veneto. Palavras como fasòi (feijão), magnà (mangiare) sempre fizeram parte das macarronadas de domingo, quando todos se juntavam na casa da 'nonna' para ciacolàre (chiacchierare)!!!⁴¹⁹

Nem sempre as expressões de italianidade nos blogs são positivas como no caso do blog *Minha Saga*. No blog *Bobagens e boemia à italiana*⁴²⁰, encontramos um poema que, de certa forma, apresenta um questionamento sobre a italianidade:

domingo, 22 de novembro de 2009

Vai e vem imigrante.

Olho pra esse mar e percebo a beleza, a realza!

Mas elas não são minhas!

Eu quebro a harmonia.

Dou voz à hipocrisia

Mas vivo ao modo meu!

Em terra de imigrante nada è verdadeiramente da gente.

E o que você acha que te pertence,

Um leva pra longe, pra bem distante.

O que eles querem mesmo è nos jogar pra fora.

Da mesma forma que o mar descarta os corpos mortos.

Mas eles mesmos foram alem do mar.

Chegar na terra de onde eu vim.

Onde o mar è só meu.

Aqui não era assim como è,

Tinha fome, miséria e guerra.

Eu acho que chegou a hora do mar de La devolver seus mortos,

O problema è que eu bebi daquela água.

Agora ele também è meu.

Meus híbridos me fazem ser cidadão de dois mundos.

Nos dois mundos sou meio deslocado.

Não cabe beleza nem realza, só sutilezas.

Postado por C. às 14:21 0 comentários

O blogueiro reivindica um direito que, pelo que se percebe e em sua opinião, não é reconhecido. Assim como os imigrantes italianos no século XIX ocuparam parte do território brasileiro, ele, como um dos seus descendentes, espera ser reconhecido como tal. No entanto, o que entendemos é que ele não se sente, ainda, parte do povo italiano, sente-se um híbrido,

⁴¹⁹ Email recebido dia 11/05/2010.

⁴²⁰ <http://bobagensebemia.blogspot.com/>

deslocado. Talvez C. esperasse um pouco mais em relação ao reconhecimento de sua condição de italiano, até porque, conforme resposta ao questionário enviado via email, a italianidade era algo que trouxe do Brasil:

Eu venho de uma família que cresceu ouvindo historias das nonnas ao pé da mesa da cozinha. A Lasanha, as pastas, os molhos, o frango assado, as saladas e tudo o mais sempre estiveram presente. Muitas palavras chegaram intactas ate a 4º geração dos meus imigrados que chegaram ao Brasil em 06/06/1887, no porto de Santos, a bordo no navio Sabóia.⁴²¹

O não reconhecimento desejado causa frustrações. A blogueira P., do blog *Made in Napoli*⁴²², que é descendente de primeira geração, também demonstra o sentimento de não ser reconhecida como gostaria:

21 novembre 2009

O que passou

(...)

- Nao fui traida. Nao botei chifre também. O buraco é mais embaixo. Problemas comuns com cultura diferente, modo de pensar diferente, imaturidade alla italiana, problemas na gestao de uma casa e vida entre homem-mulher e nao homem-mulher-sogra e "minha familia vem antes de qualquer coisa, fica quieta voce é mulher e extracomunitaria".

(...)

ha scritto P. 3:38 PM | I puoi scrivere anche qui

A palavra “extracomunitário” tem uma carga bastante negativa na Itália, pois designa os imigrantes vindos de países não membros da União Europeia. P., como cidadã italiana, deveria ter os mesmos direitos dos italianos nascidos na Itália. Ela demonstra que não é assim que acontece e nem é dessa forma como se sente. Como vimos no capítulo 1, imigrantes, descendentes ou não, obedecem à lógica da otimização econômica. A cidadania, nesse sentido, pouco contribui para mudar a situação. Mais uma vez, o contraste entre as culturas fica evidente, mesmo quando se trata de brasileiros com cidadania italiana por descendência.

Essa visão que os italianos, no geral, possuem dos imigrantes, é um fato que reflete o momento pelo qual passa a Itália, no que se refere às imigrações. Como falamos no capítulo inicial desta pesquisa, uma entre 14 pessoas residentes na Itália não nasceu no país. O contingente de imigrantes influencia, inclusive, na forma como o governo trata os processos de permissão de permanência de estrangeiros e também os processos de cidadania italiana.

A brasileira E. viajou para a Itália com o objetivo de finalizar o processo de cidadania lá. Ela criou um blog para relatar os passos do processo da cidadania, com objetivo de auxiliar

⁴²¹ Email recebido dia 28/04/2010.

⁴²² <http://madeinnapoli.blogspot.com/>

outras pessoas com os mesmos interesses. No entanto, os relatos no blog acabaram lhe trazendo problemas. Inclusive, o blog não está mais no ar e *E.* consentiu que utilizássemos o conteúdo, desde que não aparecessem evidências que a identificassem.

Ocorreu que ela postava no blog as dificuldades burocráticas que vivia na Itália durante o processo de cidadania italiana, de acordo com uma leitura particular carregada de indignação, por não concordar com a forma como o caso estava sendo conduzido pelas autoridades da Itália. É o que vemos nos trechos a seguir:

1)

(...)

Quando deu 8h20 as pessoas começaram a chegar ... chineses, marroquinos, iugoslavos, russos, croatas, indianos e eu ... uma coisa que percebi aqui ... os chineses são sempre os primeiros.

Às 9h10 o ufficio abriu as portas e a boiada entrou! Sim parecemos bois ... e Sim! Os italianos não são pontuais ...

(...)

2)

(...)

Mais um parênteses:

Sem julgamento e sim uma constatação que de modo geral os italianos que atendem o público, falam a primeira coisa que vem à cabeça, muitas vezes, creio que não escutam, e falam “No” e depois você contra argumenta e eles falam “Si”. Isso não só em ambientes burocráticos, pode ser numa loja também.

Até sacar isso ... levou um tempinho ...

(...)

3)

(...)

... voltei a Immigrazione, com meus guarda costas italianos, explico novamente para o policial e ele começou a fazer um monte de perguntas:

- *“Onde você está hospedada?”*

E eu respondi que tinha alugado uma casa.

- *”Cadê o contrato?”*

- *“Eu vou fazer no sábado.”*

- *“Só na Itália pra fazer alguma coisa assim, você já está clandestina! Você não tem nenhum documento que comprove onde você está!”*

Mamma miaaaaaaaaa! Sono clandestinaaaaaa?!!!! pensei

(...)

4)

(...)

Ela, olhando meu documento, me diz cinicamente:

- *Você nasceu em 1973? Então já podia ter feito a sua cidadania italiana em 1994, pois já era maior de idade ... e agora tem pressa????!!! Sinto muito (dizendo com um sorriso, nada sincero) mas vai ter que esperar até que a D. volte.*

- *(Aí eu fiquei puta della vitta e respondi sorrindo e mostrando os dentes): Primeiro, essa questão não lhe cabe e segundo, creio que a Senhora não entendeu o que eu disse. Não se trata de pressa e sim de uma questão burocrática. Eu não ficarei ilegal aqui na Itália e ter minha cidadania suspensa, já expliquei a minha situação e sei que você pode SIM! Me ajudar (...)*

E ela continua com a ironia da pressa e de novo lancei que meu bisnonno tinha nascido e casado naquela cidade e que foi pra Argentina por falta de trabalho aqui na Itália, porque aqui estava ruim ...

Ela olhou pra minha cara e disse que ia se informar de como fazer o processo com a D. e que eu voltasse no dia 20/01.

(...)

O “casal L.” dos *posts*, chamados de seus “guarda costas italianos” eram parentes distantes, com o mesmo sobrenome, que ela conheceu via *Skype*⁴²³. Esse casal foi quem auxiliou a brasileira na chegada na Itália e lhe acompanhou nos primeiros dias. O problema aconteceu quando esse casal descobriu o conteúdo que ela postava no blog. A situação ficou bastante constrangedora, afinal, eles estavam prestando ajuda e sentiram-se ofendidos pelas palavras escritas por *E.* (que os estrangeiros eram tratados como “bois”, que os italianos não eram pontuais, que falavam a primeira coisa que vinha na cabeça e, também, pela forma como ela descrevia todo o procedimento). *E.* nos relatou as consequências disso tudo por email:

Eles não gostaram de se olhar no espelho. Foi complicado, viu? conhece a Santa Inquisicao? hehehe foi pior, pois estamos no sec XXI e por aqui nada mudou. Acordei ontem com o carteiro me entregando uma carta, ao abrir e ler a quase cai pra traz ... primeiro: eu cometi um grave erro, dei nome aos bois, tinha revisto isso e apaguei em alguns posts, mas deixei passar outros, inclusive os deles que me ajudaram no começo, Mas depois da carta me tratando por Sig.na. Lei, me dando um praso de 24h para apagar os nomes, apaguei todos. Na carta eles diziam que o conteudo do blog è falso com uma visao deformada e etc ... depois fui conversar com eles, a coisa tomou uma proporção tao grande ... uma conversa plena de preconceitos que estao arraigados neles que fez com que todas as dificuldades que passei a cada step do processo virassem trivialidades e subjetividades de um ponto de vista equivocado de uma pessoa estrangeira e portanto sem fundamento real, para eles.

Comecei a ficar zonzza durante a discussao e a perceber q. nao adiantava argumentar nada, pois o raciocinio deles era completamente ilogico, tudo eles davam um jeito de virar contra mim, entao tive que pedir licença para sair antes que eu estourasse, pois nao consigo nao falar o que sinto vejo e percebo, e aí a coisa ia ficar muito feia, eu me conheço! hehehehe

Ainda bem que isso depois vira arte, pra mim!⁴²⁴

⁴²³ *Skype* é um software de comunicação pela internet, que permite conexões de voz.

⁴²⁴ Email recebido dia 05/03/2010.

Não temos o objetivo de julgar as atitudes de *E*. No entanto, o que aconteceu com ela serve para refletirmos sobre como acontece a reivindicação do direito da cidadania. É preciso brigar, argumentar: “*de novo lancei que meu bisnonno tinha nascido e casado naquela cidade e que foi pra Argentina por falta de trabalho aqui na Itália, porque aqui estava ruim...*”. Mas para alcançá-la existe a necessidade de ultrapassar uma série de obstáculos, como as rígidas normas italianas. Aí entra a esfera política, de um país que apresenta dificuldades de conviver com a imigração.

Os últimos relatos que apresentamos demonstram um caráter negativo na relação desses blogueiros com a italianidade. Outros blogs de brasileiros descendentes de imigrantes italianos não demonstraram referência alguma em relação à identidade étnica italiana. Por isso, não podemos generalizar, afirmar que é sempre assim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o percurso realizado nesta pesquisa, percebemos que, no geral, os blogs de brasileiros na Itália, como blogs pessoais que são, apresentam características de quaisquer outros blogs (como os limites confusos entre público e privado e a importância do “outro”, por exemplo). Porém, acreditamos que, como os blogueiros são pessoas desterritorializadas, longe da terra natal, existam demonstrações de reforços especiais de regionalidade e de identidade, como foi apresentado através dos relatos no capítulo anterior.

Percebemos, através dos blogs de brasileiros na Itália, que os novos fluxos migratórios internacionais são marcados pelo sentimento de desterritorialização dos imigrantes. Afinal, suas identidades entram em confronto com a cultura do país de destino, o que faz com que as diferenças sejam percebidas de forma mais acentuada, tanto para quem chega como para a sociedade que recebe esses imigrantes.

Em meio ao cenário multicultural em que estão inseridos os imigrantes brasileiros na Itália, surge a necessidade de “religar-se” de alguma maneira com o Brasil. Entendemos como uma busca por segurança, um retorno à “comunidade” - como vimos através de Bauman (2003) -, incentivada por um sentimento de pertença a algo maior, neste caso, o país de origem.

Acreditamos que os blogs criados por esses brasileiros são uma maneira de retomar ligações em diferentes sentidos: ligações com o Brasil, com amigos e parentes distantes e, além disso, com outros brasileiros que estão na mesma situação (tanto brasileiros que também residem na Itália, como outros brasileiros que vivem no exterior).

Se, como diz Pozenato (2003), a região é um “feixe de relações” e, na concepção de Santos (2009), essas relações são modalidades de “relações sociais”, podemos pensar que todas as ligações apresentadas acima são representações de regionalidades nos blogs de brasileiros na Itália.

Os laços de regionalidade com família e amigos no Brasil fazem com que o blogueiro sinta-se menos distante. Percebe-se, com frequência, a utilização de fotos, que servem para que as pessoas queridas mantenham-se atualizadas, não somente com informações, mas também através das imagens. O blog é, assim, um canal informativo, que pode ser acessado a qualquer hora.

Toda adaptação a um novo país gera uma série de transtornos, de dificuldades que acabam fragilizando o imigrante. Os laços de regionalidade com brasileiros na mesma situação são bastante significativos e apresentam-se como uma tentativa de minimizar os problemas. Através dos blogs, é possível descobrir uma série de informações úteis sobre o país de destino. Os blogs de brasileiros na Itália constantemente apresentam *posts* com informações burocráticas, sobre documentação, sobre o sistema de saúde e outros temas nesse sentido. Forma-se, assim, uma rede de trocas de conselhos, de apoio. O blog torna-se um espaço de divisão de conhecimentos e de interação “entre iguais”.

Como vimos no capítulo 2, o ciberespaço é um ambiente desterritorializado sob alguns aspectos, pelo seu caráter fragmentado, heterogêneo, de encurtamento de distâncias e por ser marcado pela intemporalidade. No entanto, é também um espaço para novas territorialidades. Compreendemos os blogs dessa maneira, como “territórios” no ambiente virtual, como espaços de práticas de regionalidades.

O caráter hipertextual do ciberespaço, especialmente dos blogs, permite uma intensificação de laços de regionalidades. Os blogs têm características facilitadoras de interconexão, como os *links*, o espaço para comentários e, também, porque o “outro” é uma das principais razões da existência da blogosfera.

Esses laços, dotados de sentido, formam o que Erickson (1996) chama de hipertexto social. Para ele, os nós hipertextuais são representações das identidades das pessoas. É dessa forma que entendemos os blogs de brasileiros na Itália. Cada blog é um espaço de representação de diferentes identidades, como o reforço de brasilidade, de identidades marcadas pela diferença em relação à cultura local, e de representações de italianidade, no caso de brasileiros descendentes de imigrantes italianos. Isso sem falar de outras representações de identidades, como de gênero, de profissão, etc., que não são foco desta pesquisa.

Não analisamos blogs de brasileiros residentes em outros países, mas podemos imaginar que os blogs de pessoas que vivem fora do seu país de origem apresentam representações de identidades especiais. Talvez isso aconteça porque o imigrante é um retrato da “diferença”, o combustível para que as identidades se evidenciem. Acreditamos que se os

blogs estudados estivessem sendo escritos no Brasil, muitas manifestações de identidades não se justificariam.

É o contraste com a nova cultura que gera tudo isso. Talvez o hibridismo cultural do qual falam alguns autores não seja algo tão fácil de se alcançar, ao menos em um primeiro momento. O contraste faz “saltar aos olhos” tanto coisas boas, como ruins. No caso da Itália, a segurança, os pontos turísticos, o transporte público são temas constantemente abordados nos blogs. No entanto, os pontos negativos parecem ser ainda mais evidentes, principalmente quando o assunto é mercado de trabalho e preconceito, por exemplo.

Percebemos que, ao contrário do que dizem alguns autores, esses blogs, mesmo sendo pessoais, não podem ser categorizados como diários íntimos e, também, fogem das características de exposição com a mera justificativa de que a tela do computador preserva a identidade do blogueiro. Eles são, justamente, ferramentas de revelações, de divulgação de informações. O blogueiro quer expor-se, sem o uso de codinomes. Mostrar a vida privada é uma forma de estreitar laços com pessoas queridas. Entendemos isso principalmente se pensarmos no quanto esses blogs são importantes como elos com os familiares e amigos que ficaram no Brasil. É o que percebemos, por exemplo, através das fotos e dos *posts* sobre o crescimento das crianças, sobre o carro novo, a troca de emprego, ou a visita a um ponto turístico.

Quanto às representações de italianidade, compreendemos, através dos blogs de brasileiros *descendentes de imigrantes italianos*, que muitas vezes, o que é idealizado e garantido por Lei não se concretiza da maneira como se deseja. Mas pensamos que isso seja um reflexo da atual situação de imigração na Itália. No entanto, não podemos generalizar esta constatação porque o universo analisado foi muito pequeno. Além disso, dos 11 blogs de brasileiros descendentes de imigrantes analisados, somente em quatro deles encontramos alguma referência em relação à italianidade.

As análises nos fizeram compreender que, independente dos blogs serem de brasileiros descendentes ou não, as representações de identidades são muito semelhantes. O que ficou mais evidente nos blogs é que *todos são brasileiros*. A impressão que temos é que essas pessoas acabam sendo *mais brasileiras fora do Brasil*. As manifestações de identidades locais - também formadoras de identidade nacional -, são menos evidentes que as manifestações de brasilidade.

Acreditamos que o uso da netnografia foi fundamental para esta pesquisa, pois possibilitou nossa imersão no campo de estudo através da observação participativa. De maneira transparente, foi possível realizar trocas bastante significativas com o grupo

analisado. A criação do blog *Cocanha Hoje* também foi importante como ferramenta de legitimação diante dos blogueiros.

É preciso que registremos, ainda, que alguns blogueiros do nosso grupo de análise têm outros blogs, dos mais diferentes tipos, que fomos descobrindo com o passar do tempo. O aprofundamento dessa questão não é a finalidade desta pesquisa, mas essa constatação serve para refletirmos que os blogs analisados aqui oferecem apenas algumas facetas das identidades “virtuais” e “reais” dos indivíduos pesquisados.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. *Apontamentos metodológicos iniciais sobre a netnografia no contexto pesquisa em comunicação digital e cibercultura*. In: XXXII Intercom (Anais), Curitiba-PR, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2346-1.pdf>. Acesso em: 05 Mai 2010.
- AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs.). *Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike (org.) *Cultura Global – nacionalismo, globalização e modernidade*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- AQUINO, Maria Clara. Os blogs na web 2.0: representação e recuperação coletivas de informação. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Sandra; MONTARDO, Sandra. (Orgs.). *Blogs.com - Estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 7ª Ed. Campinas: Papirus, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca da segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BLOOD, Rebecca. *Weblogs: A History and Perspective*. Rebecca's Pocket. 07 Setembro/2000. Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html. Acesso em 03 Mar 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BUGAY, Edson Luiz; ULBRICHT, Vânia Ribas. *Hipermídia*. Florianópolis, SC: Bookstore, 2000.
- CARITAS/MIGRANTES. *A evolução da presença brasileira na Itália*. Relatório sobre a imigração brasileira. Roma. 2008.
- CARITAS/MIGRANTES. *Immigrazione - Dossier Statistico 2009* (XIX Rapporto sull'immigrazione). Roma. 2009.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede* (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. I). São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. & XAVIER, Antonio Carlos. (org.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CENNI, Franco. *Italianos no Brasil: "andiamo in 'Merica ..."*. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. *Cibermigrantes brasileiros a navegar na rede social*. BOCC (Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação), 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-correa-ciberemigrantes.pdf>. Acesso em: 25 Mar 2010.

COSTA, Rogério Haesbaert da. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2004.

COSTA, Sérgio Roberto. *Minidicionário do discurso eletrônico-digital*. Volume I. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DE BIASE, Alessia. *Vénetiens dans La pampa: anthropologie d'une Double identité au Rio Grande do Sul, Brésil*. Paris: L'Harmattan, 2009.

DOBB, Maurice Herbert. *A evolução do capitalismo*. 9.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

EFIMOV, N. *História moderna: da Santa Aliança 1815 até às vésperas da revolução de 1870*. [S.l.]: Centro do Livro Brasileiro, [19--].

ERICKSON, Thomas. *The World Wide Web as Social Hypertext*. 1996. Disponível em: http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/SocialHypertext.html. Acesso em: 24 Mai 2010.

FEATHERSTONE, Mike. Cultura Global: Introdução. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). *Cultura Global – nacionalismo, globalização e modernidade*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRANCE PRESSE. *Com deficit de 5,3% do PIB, Itália planeja pacote para baixar gastos*. Folha Online 14/05/2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u735092.shtml> Acesso em: 09 Jun 2010.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003a.

_____. Néstor. *A globalização imaginada*. (Trad. Sérgio Molina). São Paulo: Iluminuras, 2003b.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1.ed., 13.reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIRON, Loraine Slomp. A Imigração Italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, José Hildebrando (Org.). *RS: imigração & colonização*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

_____. Identidade: região e valores. In: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto (Orgs.). *Imigração e cultura*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2007.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HANNERZ, Ulf. Cosmopolitas e locais na cultura global. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). *Cultura Global – nacionalismo, globalização e modernidade*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HINE, Christine. Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social- Scientific Knowledge. In: HINE, Christine. *Virtual Methods. Issues in Social Research on the Internet*. Oxford: Berg, 2005.

IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a.

_____. *A era do globalismo*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b.

JVOSTOV, V. M.; ZUBOK, L. I. *História contemporânea*. Lisboa-Porto, Centro do Livro Brasileiro.

KOMESU, Fabiana Cristina. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Campinas, UNICAMP, 2005.

KOZINETS, Robert V. On netnography: inicial reflections on consumer research investigations of cibercultura. *Advanes in Consumer Research*. Volume 25. Provo, UT, 1998. Disponível em: <http://www.acrwebsite.org/volumes/display.asp?id=8180>. Acesso em: 05 Jun 2010.

_____. The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities. *Journal of Marketing Research*, 39 (February), 2002. Disponível em: <http://www.nyu.edu/classes/bkg/methods/netnography.pdf>. Acesso em: 10 Jun 2010.

LA REPUBBLICA (Online). *Il sapone anti-immigrati l'ultima della Lega ad Arezzo*. 20/03/2010. Disponível em: http://www.repubblica.it/cronaca/2010/03/20/news/sapone_arezzo-2779667/ Acesso em: 08 jun 2010.

LAUFER, Roger; SCAVETTA, Domenico. *Texto, hipertexto, hipermedia*. Portugal: Press Universitaires de France, 19--.

LANDOW, George P. *Ipertesto: il futuro della scrittura*. Bologna: Baskerville, 1993.

LEMONS, André. Ciberespaço e Tecnologias Móveis. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. In: in Médola, Ana Silvia; Araújo, Denise; Bruno, Fernanda. (orgs). *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*. Porto Alegre: Editora Sulina,

2007. Disponível em: <http://www.andrelemos.info/artigos/territorio.pdf> . Acesso em: 17 Mar 2010.

_____. *Morte aos Portais*. Jun 2000. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/portais.html> . Acesso em 19 Ago 2009.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1999b.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999a.

_____. *O que é virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Brasileiros no mundo: Estimativas*. Segunda Edição – Jun 2008.

_____. *Brasileiros no mundo: Estimativas*. Segunda Edição – Set 2009.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo – A diversidade cultural no Brasil*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense. 1994.

PATARRA, Neide Lopes; BAENINGER, Rosana. *Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras*. Revista brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 21, n. 60, Feb. 2006

PATARRA, Neide Lopes. *Governabilidade das migrações internacionais e direitos humanos: o Brasil como país de emigração*. Texto preparado para o Seminário “Brasileiros no Mundo”, organizado pelo MRE, Divisão de Comunidades Brasileiras no Exterior. Palácio Itamaraty. Rio de Janeiro. 17 e 18 de julho de 2008, p. 1. Disponível em: <http://gestao.abe.mre.gov.br>. Acesso em: 02 Jan. 2009.

_____. *Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais*. Estud. Av., São Paulo, v. 20, n. 57, Ago. 2006 .

_____. *Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas*. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 19, n. 3, Set. 2005 .

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

POZENATO, José Clemente. *Processos Culturais: reflexos sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

_____. *A cocanha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. 2.ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

_____. *Interação*. (CD-ROM - anexo digital do livro “Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição”), 2003. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/livroimc/autor.htm> . Acesso em: 19 Mai 2010.

_____. *O aspecto relacional das interações na Web 2.0*. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

_____. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, nº 36. Ago 2008.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. *Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia*. Revista da FAMECOS, n. 22, p. 54-63, Dez. 2003.

RECUERO, Raquel. Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais. *Revista 404notFound*, v1. Número 31, 2003. Disponível em <http://pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>. Acesso em 10 Fev 2010.

_____. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, Howard. *Comunità virtuali: Parlare, incontrarsi, vivere nel ciberespazio*. Milão: Sperling & Kupfer Editori S.p.A., 1994.

RIBEIRO, José Carlos. Um Breve Olhar Sobre a Sociabilidade no Ciberespaço. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (Orgs). *As Janelas do ciberespaço*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

ROBERTSON, Roland. Mapeamento da condição global: globalização como conceito central. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). *Cultura Global – nacionalismo, globalização e modernidade*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

ROSSA, Juliana. Nos passos dos antepassados. *Jornal O Caxiense*. 26 dez 2009. Pag. 11-14.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Rafael José dos. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. *Revista Antares*. Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade. Universidade de Caxias do Sul. N. 2, Jul-Dez 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/posgraduacao/strictosensu/letras/revista/revista>. Acesso em: 05 Abr 2010.

SANTOS, Regina Beca. *Migração no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1994.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1988.

SOARES, Weber. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional Faculdade de Ciências Econômicas, 2002.

TEDESCO, João Carlos. *Imigração e integração cultural: interfaces – Brasileiros em Verona – Itália*. Passo Fundo: UPF, 2003.

TÖNNIES, Ferdinand. *Comunità e Società*. Milão: Edizioni di Comunità, 1979.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana*. Mana. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, Oct. 2007.

**ANEXO A – LISTA DE BLOGS DE BRASILEIROS DESCENDENTES DE
ITALIANOS RESIDENTES NA ITÁLIA**

- 1) Dentro da Bota (<http://dentrodabota.blogspot.com/>)
- 2) Bobagens e boemia (<http://bobagensebemia.blogspot.com/>)
- 3) Fê na Macarronada-lândia (<http://fernandanaitalia.blogspot.com/>)
- 4) Made in Napoli (<http://madeinnapoli.blogspot.com/>)
- 5) Minha Saga (<http://www.minhasaga.org/>)
- 6) Notizia Italia (<http://notizaiitalia.blogspot.com/>)
- 7) O admirável mundo novo da Lulu (<http://luizalavenere.wordpress.com>)
- 8) Caffè com Letras (<http://caffecomletras.blogspot.com/>)
- 9) Tempo libero 2009 (<http://tempolibero2009.wordpress.com/>)
- 10) Brasil na Itália (www.brasilnaitalia.com)
- 11) Me la cavo (blog retirado da web)

ANEXO B – LISTA DE BLOGS DE BRASILEIROS NÃO DESCENDENTES DE ITALIANOS RESIDENTES NA ITÁLIA

- 1) Pacamanca (<http://www.pacamanca.com>)
- 2) Carlinha com bicho-carpinteiro (<http://carlinhacombicho-carpinteiro.blogspot.com>)
- 3) Notícias do lado de cá (<http://noticiasdoladodeca.blogspot.com>)
- 4) Cappuccino e Cornetto (<http://karinecappuccinoecornetto.blogspot.com>)
- 5) Notícias da Bota (<http://www.noticiasdabota.com>)
- 6) Mamães na Itália (<http://www.mamaesnaitalia.com>)
- 7) Carta da Itália (<http://cartadaitalia.blogspot.com/>)

ANEXO C – QUESTIONÁRIO

(enviado via email para o grupo de brasileiros descendentes de italianos)

- 1) Nome completo:
- 2) Idade:
- 3) Estado Civil:
- 4) Escolaridade:
- 5) Profissão:
- 6) Cidade e Estado de nascimento no Brasil:
- 7) Cidade e Província de residência na Itália:
- 8) Nome e endereço do blog (ou dos blogs em caso de manter mais de um):
- 9) Por que você decidiu fazer a cidadania italiana? O processo de obtenção do documento foi tranquilo?
- 10) Qual o objetivo da sua vinda para a Itália?
- 11) Como era a sua vida no Brasil?
- 12) Que impressões você teve ao chegar na Itália? Corresponderam as suas perspectivas?
- 13) Você e sua família conservavam algum costume italiano no Brasil (língua, culinária,...), falavam dos antepassados italianos? Que tipo de ligação você tinha com a Itália antes de viajar para o país?
- 14) Como é a sua vida na Itália hoje?
- 15) Você tinha blog antes de morar na Itália?
- 16) Porque você mantém o blog (ou os blogs)?